

Oh Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós. Amém



Paulo Coelho

O demônio
e a
Srta. Prym

Certo homem de posição perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um só que é Deus.

Lucas, 18; 18-19

————— nova página —————

*Ha quase trinta anos a velha Berta sentava-se
A velha Berta estava sentada diante de sua casa, quando o
falar do dia diante da porta de sua casa,
estrangeiro chegou e dirigiu-se lentamente ao único hotel de Viscos.*

Reparou sua roupa gasta pelo uso, o cabelo mais comprido do que o habitual, e a barba por fazer. Reparou também — e só os velhos e as crianças são capazes de notar isso — que o demônio o acompanhava.

Era péssima para calcular idades, por isso estimou que o ~~homem~~ tivesse entre 40 e 50 anos. “Um jovem”, pensou, usando este referencial que só os velhos conseguem entender. Perguntou ~~a si mesma~~ quanto tempo ele ficaria por ali, e não chegou a nenhuma conclusão; talvez pouco tempo, já que só trazia uma pequena mochila. Era mais provável que permanecesse apenas uma noite, antes de seguir adiante,

Mesmo assim, valeiam todos os ares de espere, pois, além de espere o demônio aparecer a contemplar as montanhas a sua volta, casa que nunca a notava, pelo simples fato de ter nascido ali, p. está a caminhada com a paisagem.

Berta - Ele entrou no hotel, e deixou-a imersa em seus pensamentos. Considerou a possibilidade de falar com o padre, mas ele não lhe daria ouvidos, dizendo que aquilo era coisa de gente idosa.

Bem, estava esperando. Um demônio não precisa de tempo para causar estragos - assim como as tempestades, os furacões, e as avalanches, que conseguem destruir, em algumas horas, árvores que foram plantadas há duzentos anos, e velhas que lutaram a vida inteira para poder sentar-se na frente da casa e contemplar as montanhas e os estrangeiros que chegavam e partiam.

Berta tentou concentrar-se em outra coisa, mas a imagem do estrangeiro não lhe saía da cabeça nem do coração. "Talvez este seja especial".

O céu, antes ensolarado, começou a ficar carregado de nuvens. "Isso é normal, nessa época do ano", sempre acontece", pensou. Neste momento, ouviu o trovão longínquo de um trovão,

seguido de mais outros três. Por um lado, isso queria dizer que a chuva estava a caminho; por outro lado, Berta interpretou aquilo como um sinal para si mesma. As antigas tradições celtas do lugarejo diziam que o trovão era a voz de um Deus irado, porque os homens haviam se tornado indiferentes à Sua presença.

"Talvez o Senhor deseja que eu aja". Como toda boa católica, não acreditava em tradições celtas. Como toda boa habitante do lugar, tinha orgulho de suas raízes, e medo de não fazer parte delas.

"Talvez o Senhor deseja que eu aja?". Mesmo assim,

em nada mudou a situação. Ela só sabia como não chorar e não se desesperar, mas que pensava, ridículo, os poucos segundos que lhe restavam para se preparar para o que estava acontecendo, outras vezes pareciam ter uma ou outra ideia, mas não chegava a nada de útil. Ela estava ali, sentindo a pena.

principalmente os de Viscos, que tinham a antiga civilização alta que um dia existiu ali. Mas sempre tinha sido como se não fosse.

4

Em menos de duas horas, todos os 281 habitantes de Viscos já sabiam que acabava de chegar no vilarejo um estrangeiro chamado Carlos, ^{nas costas} um sul-americano da Argentina, que morava na aprazível rua Colombia, em Buenos Aires. Esta era a vantagem das cidades muito pequenas: não é preciso fazer nenhum esforço para que logo ^{descubram tudo} ~~devassem~~ sua vida pessoal.

O que, aliás, era a intenção do recém-chegado.

Subiu ao seu quarto e abriu a mochila: trazia
O estrangeiro tinha na sua mochila algumas poucas roupas, ^{vitaminas para evitar resfriados,} um aparelho de barbear, um par de sapatos extra, um grosso caderno ^{depois que los} onde fazia suas anotações, e onze barras de ouro pesando ~~um quilo~~ ^{uma libra} cada ^{peça leve, pela subida, e pelo peso que carregava,} uma. Exausto, dormiu usando a mochila como travesseiro, mesmo sabendo que podia confiar em cada um dos 281 habitantes de Viscos.

No dia seguinte, tomou o café da manhã, deixou as roupas na portaria do pequeno hotel para que fossem lavadas, colocou as barras de ouro na mochila, e saiu ^{ao alvorecer} ~~para um passeio~~ ^{à beira da aldeia} na montanha. Quando teve certeza de que não estava sendo observado, cavou um buraco perto de uma formação rochosa em forma de Y, e escondeu uma das barras ali. Subiu um pouco mais, tornou a olhar em volta, viu outra formação rochosa – desta vez parecida com uma águia, e cavou outro buraco, onde colocou as dez barras de ouro restantes.

A primeira pessoa que viu, no caminho de volta para a cidade, foi uma moça sentada a beira de um dos muitos rios temporários

da região, formados por geleiras que se derretiam. Ela levantou os olhos do livro que estava lendo, talvez sua mãe tenha lhe ensinado que percebeu sua presença, e retornou à leitura; *mas ela nunca se deve falar com estranhos.*

Os estranhos, porém, quando chegam numa cidade, são *deceem obvi.* sempre tolerados *governante tenta fazer amizade com desconhecidos, e* se dirigem a palavra a um desconhecido. E o

O estrangeiro aproximou-se da moça.

- Olá - disse. - Está muito quente para esta época do ano.

Ela concordou com a cabeça.

O estrangeiro insistiu:

- Gostaria que voce viesse olhar algo.

Ela deixou educadamente o livro de lado, estendeu a mão, e apresentou-se:

- Meu nome é Chantal, *e trabalho no bar do hotel onde voce* está hospedado, na parte da noite; *a estantei que não abre deserto para fazer,* Voce é Carlos, da Argentina, que *na quinta que + Crumby no*
 mora numa rua chamada Colômbia; todos na cidade já sabem disso, *mas apenas*
 porque um homem que chega aqui, fora da temporada de caça, é sempre *na quinta*
 objeto de curiosidade. Um homem de aproximadamente cinquenta anos, *pelos dois pedes.*
 cabelos grisalhos, olhar de quem já viveu muito, *Quant*
 para olhar algo, eu agradeço, mas já olhei a paisagem de Viscos de
 todos os ângulos possíveis e imagináveis; talvez seja melhor eu mesma
 mostrar-lhe lugares que nunca viu, mas penso que deve estar muito
 ocupado.

- Tenho 52 anos, não me chamo Carlos, todos os dados do registro são falsos.

na quinta que + Crumby no
pelos dois pedes.
mas apenas

Chantal ficou ~~algum tempo~~ sem saber o que dizer. O

estrangeiro continuou

- Não é Viscos que quero lhe mostrar. É algo que voce nunca viu.

Ela já lera muitas histórias de moças que decidem seguir um estranho para o meio da floresta, e desaparecem sem deixar rastros. Por um momento, sentiu medo; e o medo logo foi substituído pela sensação de aventura – afinal de contas, aquele homem não ousaria fazer nada

com ela, pois acabava de dizer que todos na cidade já sabiam ^{de sua presença,} tudo de ~~mesmo~~ ^{que o dedo no rosto ~~trava~~ ~~falas~~ ~~acab~~} sua vida. E, além disso, as coisas más só acontecem de noite – pelo ^{menos nos romances.} ^{correspondem a realidade.}

- Quem é voce? – perguntou. ^{Se agora está me falando a verdade, não sabe que posso denunciá-lo à polícia por falsificar sua identidade?}
- Prometo responder todas as suas perguntas, mas antes voce tem que vir comigo, pois desejo lhe mostrar algo. Está a cinco minutos de caminhada daqui.

Chantal fechou o livro, respirou fundo, e fez uma prece silenciosa, enquanto seu coração ^{misturava} ~~disparava~~ de excitação e medo. Em

seguida ~~levantou-se e~~ ^{sempre} acompanhou o estrangeiro, certa de que este era ^{um momento de frustração em sua vida, onde} o momento mais excitante ^{onde nada de diferente} da sua vida, ^{aparecia alguns cheiros de promessas, para logo revelar-se} ~~onde nada de diferente~~ acontecia. ^{mais um sonho de amor sem sentido.}

O homem foi até a pedra em forma de Y, mostrou a terra recém-escavada, e pediu que ela descobrisse o que estava enterrado ali.

- Vou sujar minhas mãos – disse Chantal. – Vou sujar minha roupa.

O homem pegou um galho, quebrou-o, e entregou para que ela escavasse a terra. *Chantal estranhou tanto aquele comportamento, que revelou logo o que ele lhe pedira.*

Cinco minutos depois, ela tinha diante de seus olhos a barra amarelada e suja.

- Parece ouro - disse.

- É ouro. E é meu. Por favor, torne a cobri-lo com terra.

Ela obedeceu.

Chantal fez o que ele pedia. O homem levou-a até o outro esconderijo. De novo ela tornou a escavar, e desta vez ficou surpresa com a quantidade de ~~ouro~~ *pedras* diante dos seus olhos.

- Também é ouro. E também é meu - disse o estrangeiro.

Chantal preparava-se para cobrir de novo o ouro com terra, *mas* quando ele pediu para que deixasse o buraco como estava. Sentou-se numa das pedras, acendeu um cigarro, e ficou olhando o horizonte.

- Por que quis me mostrar isso?

- ~~Voce entender bem~~ *Ele não respondeu.* *ficou em silêncio.*

- Quem é o senhor, afinal? E o que faz aqui? Por que me mostrou isso, sabendo que eu posso contar a todos o que está escondido nesta montanha?

disse
- Muitas perguntas ao mesmo tempo - ~~respondeu~~

o estrangeiro, mantendo os olhos fixos na montanha, como se ignorasse sua presença ali.

- O senhor prometeu que, se eu viesse, me responderia qualquer coisa.

- Em primeiro lugar, não acredite em promessas. O mundo está cheio delas: riqueza, ^{para} salvação eterna, amor infinito. Algumas ^{as pessoas acreditam} pessoas se julgam capazes de prometer ^{qualquer coisa que lhes faça} qualquer coisa, sem saber que não podem mudar um til ou uma vírgula no que está escrito. ~~Outras~~ querem acreditar em tudo o que escrevem, simplesmente porque só conseguem seguir vivendo se estão cercadas de mentiras. Os que prometem e não cumprem, terminam sentindo-se impotentes e frustrados; o mesmo se passa com os que acreditam em promessas.

Estava complicando. Devia falar a linguagem da moça, algo que ela pudesse compreender.

acreditar em tudo o que escrevem, simplesmente porque só conseguem seguir vivendo se estão cercadas de mentiras.

que as mulheres todo mundo acredita que elas são mais sábias que os homens porque elas não acreditam na realidade.

*COMPARAR O HOMEM E A MULHER
O HOMEM É COMO O HOMEM
O HOMEM É COMO O HOMEM
A MULHER É COMO A MULHER
A MULHER É COMO A MULHER*

Chantal, porém, estava entendendo tudo. Sua cabeça trabalhava rápido: havia lhe mostrado o tesouro porque desejava seduzi-la. Estava perdendo o seu tempo; seu coração já se deixara seduzir quando o vira caminhar sózinho, em direção ao bosque, carregando a mochila – provavelmente com o ouro que havia escondido. Colocara-se estrategicamente num lugar onde ele teria que encontra-la, quando voltasse para a cidade. Armava a sua teia sem que o homem se desse conta.

Havia outra possibilidade: era um ladrão, fugira para Viscos, e agora precisava de um cúmplice. O coração de Chantal bateu rápido, com a idéia da grande aventura de sua vida; faria qualquer coisa para deixar aquela aborrecida cidade, até mesmo casar com um homem rico, mais velho, e sem grandes ambições. Um marginal, entretanto, era mais

do que podia sonhar! Riscos, fuga, perigo, perseguições, lendas vivas ou mortas – mas, acima de tudo, lendas.

Agora o próximo passo: fingir indiferença.

- Já que não deseja me contar nada, agradeço o passeio, e volto para o meu rio e para meu livro. Obrigado.

- Um momento – disse o estrangeiro, mordendo a isca. Há um segundo ele era o importante e experiente senhor, falando de verdades e mentiras. Agora era um homem – sedutor ou ladrão – que precisava de sua companhia.

- O senhor deve ser um homem interessante, com quem gostaria muito de conversar.

(soltar um pouco a corda, elogiar um pouco para não assustar a presa, era uma regra importante)

- Entretanto, tem o péssimo hábito de, ao invés de responder uma simples pergunta, fazer longos sermões a respeito de promessas, onde como devemos agir na vida. Terei o maior prazer em ficar, desde que me responda à pergunta que fiz: quem é o senhor?

O estrangeiro desviou os olhos das montanhas, e encarou a moça a sua frente. Trabalhara durante muitos anos com todo tipo de ser humano, e sabia – com quase toda certeza – o que ela devia estar pensando. Na certa, acreditava que lhe mostrara o ouro para impressiona-la com sua riqueza, da mesma maneira que agora ela tentava impressiona-lo com sua juventude e beleza.

ment, a menina devia estar pensando que, se decidisse não aceitar a oferta dele, ela acabaria um feio de um certo ali.

- Quem sou eu? Bem, digamos que sou um homem à procura da verdade. E a verdade, para mim, também consiste em responder a uma pergunta: o ser humano é bom ou mau na sua essência?

- Eu acho...

sei do que ambos queremos acreditar

- Não se trata do que voce acha, ou do que eu acho, mas de

descobrir a verdadeira resposta, jamais as promessas ou aquilo em que queremos acreditar. Voce quer saber quem eu sou? e aqui vai a resposta:

um industrial muito rico, muito famoso, que comandou milhares de empregados, que foi selvagem quando precisava ser, e bom quando achava que era necessário. Alguém que viveu coisas que as pessoas

nem sonham que existem, e que buscou além dos limites tanto o prazer como o conhecimento. Eis o que sou. Mas isso não responde à minha

pergunta sobre a essência do ser humano, que termina por ser minha

própria essência, já que fui bom e mau a minha vida inteira. Tampouco

responde à próxima pergunta que voce terminará formulando.

Sei do inferno e que conheço o inferno. Não posso garantir que a liberdade total.

Chantal sentiu que perdia terreno. Precisava recupera-lo

rápido.

- A pergunta que voce acha que estou formulando na cabeça

fiz eu fiz:

100% ter o terreno

é por que me mostrou o ouro? Mas na verdade, o que eu quero mesmo

saber é porque um industrial rico e famoso vem para Viscos em busca

simplesmente contratando algum.

de uma resposta que pode encontrar junto a tantos sábios que existem

filosofos ou sábios por aí.

O estrangeiro ficou contente com a sagacidade da moça. Que

bom, tinha escolhido a pessoa certa - como sempre.

Ele fez o
A mulher do autor era uma provocação.
Chant que aquela moça jamais tinha ouvido falar //
dele. Agora ela fazis um ar indiferente
de novo, como se se esquecesse do que se tratava.

- As duas coisas estão ligadas. Vim para Viscos porque

concebi um plano. Faz muito tempo, assisti uma peça de teatro de um
autor alemão, sobre uma mulher que volta à uma cidade, depois de ficar
apenas

- Continue -
dese Chantel,
focado em
de indiferente.

para destruir o homem que a havia rejeitado quando era ainda
jovem. Então concebi meu próprio jogo: ir até um lugar separado do
mundo, onde todos olham a vida com amor, paz, compaixão, e ver se

- Sei que deve
conheci Dune-
matt, mas
permita-me
lembrá-la de
que peça está
falando - ele
intencionalmente,
fez com que

consigo que infrinjam alguns dos mandamentos essenciais.

Foi a vez de Chantal desviar os olhos e fixá-los nas
montanhas. Não tinha idéia do que eram mandamentos essenciais;

Subira que o casamento se ela tinha que não conhecia o sul
da montanha, e ela tinha medo que
jamais fora muito religiosa.

O comente
um um circo
cigano mas
com a ideia
quem sabia
que ela estava
mentando.

- Nesta cidade, todos são honestos, a começar por voce -

continuou o estrangeiro. - Eu lhe mostrei uma barra de ouro, que lhe
daria independência necessária para sair daqui, correr o mundo, fazer o

que sempre sonham as moças em cidades pequenas e isoladas. Ela vai

ficar ali; voce sabe que ela é minha, mas poderá rouba-la se assim

desejar, estará infringindo um mandamento essencial: "não jurarás".

Chantal não disse nada. A moça não desviou os olhos
das montanhas, e fixou-os no estrangeiro

- Quanto a estas dez outras barras, elas são suficientes para

fazer com que todos os habitantes do vilarejo jamais precisem trabalhar

o resto de suas vidas. Não pedi que as cobrisse de terra, porque vou

muda-las para um lugar que só eu saberei onde está. Quero que, quando

voltar à cidade, diga que as viu, e que estou disposto a entrega-las aos

habitantes de Viscos, se eles fizerem aquilo que jamais sonharam fazer

cometer um crime.

concebi. Quero que cometam um crime.

O estrangeiro notou que o corpo da moça fixava
reflexo e ela podia partir a qualquer mo- 12
mento, ~~saltando~~ ouvir o resto da história. ~~se~~

~~A moça colocou-se de pé, e elhou-o de frente.~~ O estrangeiro
notou que ele a havia assustado, mas ^P precisava dizer rapidamente tudo
que planejara, antes que ela fosse embora.

- Meu prazo é de uma semana. Se no final de sete dias,
alguém na aldeia aparecer morto - pode ser ^{um velho} uma velha que já não
produz mais, ou um deficiente mental que só dá trabalho, tanto faz a
vítima - este dinheiro será de seus habitantes, e eu concluirei que nós
todos somos maus. Se voce roubar aquela barra de ouro, mas a cidade
resistir à tentação, ^{com Ute - Versa,} concluirei que há bons e maus - o que me coloca um
sério problema, porque isso significa uma luta no plano espiritual, que
pode ser ganha por qualquer um dos lados. Se, finalmente, eu deixar a
cidade com as minhas onze barras de ouro, terei certeza de que a
essência do ser humano é boa, independente das tentações, e poderei
morrer com uma resposta à pergunta que me atormentou durante toda a
minha vida.

Embora meu sofrimento continue o mesmo, pensei.

Os olhos de Chantal estavam cheios de lágrimas. Mesmo
assim, ela ainda encontrou forças para controlar-se:

- Por que faz isso? Por que com a minha aldeia?

- Não se trata de voce ou da sua aldeia, trata-se de mim: a

história de um homem é a história de todos os homens. Quero saber se
somos bons ou maus. Melhor dizendo, quero saber se, independente de
tudo que fiz em minha vida, ^{Deus é justo, e me perdoará} tenho uma essência divina ou demoníaca.

É e pelo que devei de fazer.

Antes que Chantal pudesse partir, ele acrescentou:

*Você acredita em Deus, alguns
copiadores, letras entre outros
deletores? Letras entre outros
A quarta vez disse
que fizesse
curando. Se
as coisas
são para
uma mulher
para dizer.*

pelo que

- Voce pode decidir não cooperar. Neste caso, eu mesmo direi a todos que lhe dei a oportunidade de ajuda-los mas voce se recusou, e então farei eu mesmo a proposta. Se eles decidirem matar alguém, ^{e bem provavel} penso que a vítima seja voce.

----- *abra posiva* -----

Os habitantes de Viscos logo se familiarizaram com a rotina do estrangeiro: acordava cedo, tomava um café da manhã reforçado, e ^{começava a sair depois do seu segredo da cidade,} partia para caminhar nas montanhas, apesar da chuva que ~~não parava de~~ cair - e que logo se transformou em nevasca, ^{com novos períodos de} ~~depois de uma curta~~ estiagem. Jamais almoçava; costumava voltar para o hotel no inicio da tarde, trancava-se no quarto e, todos supunham, dormia. Assim que a noite costumava descer, ^{Tornava a caminhar, desta vez pelas redondezas da cidade.} Era sempre o primeiro a chegar no restaurante, ^{sabia pedir os melhores pratos,} bebia vinho todas as noites, fumava um cigarro, ^{e logo ia} ~~via~~ para o bar, onde começou a fazer amizade com os homens e mulheres que ali frequentavam.

Gostava de ouvir histórias da região, das gerações que haviam habitado Viscos (alguém dizia que no passado fora uma cidade muito maior do que era hoje, o que se podia comprovar por algumas ruínas de casas na extremidade ~~de uma~~ das tres ruas existentes), ^{dos} costumes e superstições que faziam parte da vida de gente do campo, ^{das técnicas} ~~de~~ acostumada à agricultura e ao pastoreio. Quando chegava a vez de falar dele mesmo, contava algumas histórias contraditórias - as vezes dizia que tinha sido marinheiro, outras vezes se referia a grandes industrias

de armamentos que teria dirigido, ou a uma época em que deixara tudo para passar uma temporada num mosteiro, em busca de Deus – e as pessoas, quando saiam do bar, discutiam entre si se ele falava a verdade, ou estava mentindo. O prefeito achava que um homem pode ser muitas coisas na vida, embora os habitantes de Viscos sempre soubessem seu destino desde ^{crianças} ~~crianças~~; o padre tinha uma opinião diversa, e considerava o recém-chegado como alguém perdido, confuso, que estava ali ~~por um tempo~~, tentando encontrar a si mesmo.

A única coisa que todos tinham certeza é de que iria permanecer na cidade apenas por sete dias; a dona do hotel havia contado que o vira telefonando para o aeroporto da capital, confirmando seu embarque – curiosamente, para a Africa, e não para a América do Sul. Logo após o telefonema, retirara um maço de notas do bolso para pagar inteiramente o aluguel do quarto, e as refeições ^{já feitas} ~~comidas~~ e por comer, embora ela insistisse que não precisava, que confiava nele.

Como o estrangeiro insistiu, ela sugeriu que ele utilizasse o cartão de crédito, como geralmente os hóspedes faziam; desta maneira, teria dinheiro para qualquer emergência que aparecesse durante ~~a~~ ^{o resto} ~~o resto~~ ~~de~~ sua viagem. Quis acrescentar “talvez na África não aceitem cartões de crédito”, mas seria indelicado confirmar que escutara sua conversa, ^{ou achou que certos países contratam os} ~~mas~~ ~~acabados~~ ~~que~~ ~~certos~~.

O estrangeiro agradeceu sua preocupação mas recusou educadamente.

Durante as tres noites seguintes, pagava - também em dinheiro - uma rodada de bebida para todos. Aquilo jamais tinha acontecido em Viscos, de modo que logo se esqueceram das histórias

contraditórias, e passaram a ver naquele homem uma pessoa generosa e

sem preconceitos, disposta a fazer compunções como se fosse sua amiga. Talvez o prefeito tivesse razão, e ele fosse um homem de experiência, agora, haviam mudado os tempos: um homem que conhece melhor a alma humana, e ali estava um homem solitário, em

busca de novos amigos ou de uma nova visão da vida. Seja como for, era uma pessoa agradável, e os habitantes de Viscos já começavam a se preocupar, porque talvez sentissem sua falta.

Além do mais, era também uma pessoa discretíssima, e todos notaram isso por causa de um detalhe importante; os viajantes, principalmente quando chegavam sozinhos, sempre procuravam puxar muita conversa com Chantal Prym, a moça que servia no bar - talvez na esperança de um romance efêmero, ou sabe-se lá de que. Este homem, porém, só se dirigia a ela para pedir bebidas, e jamais trocara olhares sedutores ou libidinosos com a moça.

abrir pap'ue

Nas tres noites que seguiram o encontro no rio, Chantal praticamente não conseguiu dormir. A tempestade - que ia e vinha - sacudia as venezianas, que por serem de metal, faziam um barulho assustador. Acordava várias vezes banhada em suor, embora sempre

15
gente igual
muitas das coisas

desligasse a calefação durante a noite, por causa do preço da eletricidade.

Na primeira noite, ela encontrou-se com a presença do Bem. *Em tre um pesadelo e outro, rezava e pedía*
Ao despertar dos pesadelos — que não conseguia se lembrar — ela rezou e

pediu a Deus que lhe ajudasse. Em nenhum momento passou por sua cabeça contar o que tinha ouvido, ser a mensageira do pecado e da

morte. Rezou também para a sua avó, morta há algum tempo atrás, e que a criara depois que sua mãe morrera de parto. Durante a oração,

Agarrava-se com todos os seus
forças à ideia de que o Mal estava já ali uma vez, mas
uma velha história que ela lhe contara quando era criança, voltou à sua

deixava para sempre, e agora todo padeciam na muito
mente.
tempo ninguém se lembrava mais das maldições que os certos
há quem se lembrava sobre o local, quando a cidade era conquistada
pelos cristãos. Era cidade que visava permanecer durante muitos anos
nas mãos do Mal

“Há muitos anos atrás, havia um ermitão — que mais tarde seria conhecido como São Savin — morando ^{em uma} ~~numa~~ das cavernas ~~desta~~ ^{da} região. Naquela época, ~~Viseu~~ ^{na cidade era apenas} era apenas um ponto na fronteira,

povoada por bandidos foragidos da justiça, contrabandistas, prostitutas que vinham em busca do dinheiro fácil daqueles que não sabem como ganha-lo, e preferem roubar. O pior deles, um árabe chamado Ahab, controlava a cidade e os seus arredores, cobrando impostos extorsivos dos agricultores que ainda insistiam em viver de maneira ^{digna} honesta.

mas tinha sido
talvez havia um
quem se feriu
por os feridos
hermano, mas
tinha sido
perifoneada pelo
silêncio de um
homem. Durante
uma de suas
orações, lembrou-se
da história que
sua avó lhe
contara quando
criança.

“Um dia, Savin desceu da caverna, chegou a casa de Ahab, e pediu para pernoitar ali. Ahab riu: “voce não sabe que sou um assassino, que já degolei várias pessoas em minha terra, e que sua vida não vale nada para mim?”

“Sei”, respondeu Savin. “Mas estou cansado de viver naquela caverna. Gostaria de passar, pelo menos, uma noite aqui.”

“Ahab conhecia a fama do santo, que era tão grande quanto a sua. Como era um homem vaidoso, resolveu matá-lo aquela noite, de modo que ninguém tivesse mais dúvidas quem era o verdadeiro e poderoso dono do lugar.

“ Conversaram um pouco. Ahab ficou impressionado com as palavras do santo, mas era um homem desconfiado, e já não acreditava mais no Bem. Indicou um lugar para que Savin pudesse deitar-se, e ficou amolando sua faca, ameaçadoramente. Savin, porém, depois de observa-lo por alguns momentos, fechou os olhos e dormiu.

Ahab amolou a faca a noite inteira. De manhã, quando Savin acordou, encontrou-o aos prantos ao seu lado.

“Voce não teve medo de mim, e nem me julgou. Pela primeira vez, alguém passou a noite ao meu lado confiando que eu poderia ser um homem bom, capaz de dar hospedagem aos que necessitam. Porque voce acreditou que eu podia agir direito, eu assim agi.”

A partir daquele momento, Ahab abandonou sua vida criminosa, e começou a transformar a região. Foi então que Viscos deixou de ser um posto fronteiro, cheio de marginais, para tornar-se uma cidade importante no comércio entre dois países. “

Sim, era isso, disse Chantal para si mesma aos prantos, agradecendo à sua avó por te-la feito recordar a história. Seu povo era bom, e se podia confiar neles. Antes de adormecer de novo, chegou a namorar a idéia de contar a história que ouvira do estrangeiro, só para ver a sua cara de espanto ao ser expulso da cidade pelos habitantes de

Viscos.

no fim do hotel, a parte da frente, onde se encontrava

ficou surpresa ao ver o seu do restaurante, ia até o bar, e começou a puxar conversa com as pessoas que se falavam ali - igual a qualquer turista, fingendo de interessado quanto a história contada por ela; outra era permitir que o homem - que tinha um tanto absolutamente inúteis, como feticheiros de qualquer coisa ou formas raras de pedras preciosas de pedras como se diziam. Houve um momento em que, sentindo-se sim-pático, fez um comentário que jamais deveria ter feito: - As crianças em Viscos são bem comportadas que eu nunca, ao voltar, vi pela janela.

No dia seguinte, ~~ao vê-lo no bar, ficou com medo. Ela nada~~ havia dito, e talvez ele mesmo puxasse o assunto. Uma coisa era escutar a história contada por ela; outra era permitir que o homem - que tinha uma capacidade sedutora incrível, como ela estava vendo diante dos seus olhos, desse sua versão distorcida dos fatos.

seu único contacto foi quando pediu - e pagou - uma rodada de bebida para beber dormira direito no dia anterior. Não iria jamais ajudar o estrangeiro a destruir a sua cidade.

talvez tudo não passasse de uma ideia louca daquele homem, uma ideia para os seus dias. Mas o que era real. / Sim, o outro em

Mas ele não disse nada; nem sequer a olhou; Chantal respirou aliviada, trabalhou até mais tarde, e foi para casa, exausta, porque não dormira direito no dia anterior. Não iria jamais ajudar o estrangeiro a destruir a sua cidade.

Na segunda noite, ela encontrou-se com a presença do Bem e do Mal. *Cain* Chegando em casa, caiu num sono profundo, sem sonhos de espécie alguma, mas acordou menos de uma hora depois. Tudo lá fora estava em silêncio; nem vento batendo nas venezianas de metal, nem os ruídos dos animais noturnos, nada, absolutamente nada que indicasse que ainda continuava no mundo dos vivos.

Foi até a janela e olhou a rua deserta, a neblina iluminada apenas pelo letreiro do hotel, o que dava a cidade um aspecto mais normal. *Chantal copiou toda a noite que ele a provocava, falando do trabalho no boque, mas a seus aumentados a cada momento, tom que os clientes tinham, pediu a dona do hotel que a deixasse fazer a limpeza no dia seguinte, pois estava exausta,*

Após um período de silêncio embotado - gedor - já que em Viscos não havia crianças - alguma si tem pena de pensar sobre a o que tinha achado do prob tipo que acabou de comer, e a conversa se deu esse modo

Chantal copiou toda a noite que ele a provocava, falando do trabalho no boque, mas a seus aumentados a cada momento, tom que os clientes tinham, pediu a dona do hotel que a deixasse fazer a limpeza no dia seguinte, pois estava exausta,

o pequeno lugarejo do interior / onde nada sobrou para se dizer e o

sinistro ainda. Chantal conhecia bem este silêncio ^{de} a cidade do interior, onde o único futuro possível consiste em fazer tudo para ^{que se possa} partir um dia, em busca de barulho, ~~catros~~, homens, aventuras, coisas que assistia nos filmes e lia nos livros, mas que jamais conhecera diretamente.

Olhou ^{com duvidas as} para as montanhas, não podia ve-las, porque as nuvens estavam muito baixas, mas sabia que em algum lugar havia uma barra de ouro escondida. Ou melhor: havia uma coisa amarela, em forma de um tijolo, que um estrangeiro deixara lá. Ele havia mostrado sua

localização exata, quase pedindo para que ela desenterrasse o metal, e ficasse com ele.

Voltou para a cama, tentou dormir, mas não conseguia; sua cabeça repetia sem cessar a cena de buraco aberto, o metal sujo de terra, o pedaço de galho em sua mão, como se fosse o bastão de uma peregrina prestes a partir. Durante duas horas virou-se de um lado para outro na cama; não pensou nem em Deus, nem em sua avó, tudo que fazia era repetir incessantemente o mesmo pedaço de filme.

Cochilava e acordava várias vezes, mas o silêncio continuava. Assim que notou alguma luz entrando pela janela, vestiu-se e saiu.

Embora viva-se.

Mesmo vivendo num lugar onde as pessoas se levantam junto

com a luz do dia, era ainda cedo demais. Caminhou pela rua vazia,

olhando várias vezes para trás, a fim de certificar-se que o estrangeiro não a estava seguindo. Embrenhou-se na mata, foi até a formação

rochosa em forma de Y - algo que sempre a deixara nervosa, pois as

*de um lado para o outro, que pendia-se de
virou-se não foi feito o mal de alguns que
para as que ficou sobre a mesa - mas
sabia que
seu dorso era
colpis no
dia seguinte
para deixá-lo,
e não desgrava
que desaparece
de lá. ~~Umas~~
ela assim:
mesmo um
malco pela metade
finha um dorso,
um lado aberto
do mesa dorso
de guardado
ali que algum
vise busta-lo,
cada centavo
de furo proce-
sado em alto-
que.
Tendo lembrança
Como viu que
nem conseguia
dormir, tentou
de novo e faz
e lembrava-se
de sua avó,
mas*

aba

pedras pareciam que iam cair a qualquer momento – e ^{pegou} ~~escavou no~~
~~o mesmo pedaço de madeira que abandonara no~~ ^{local.}
~~mesmo lugar.~~ Algo chamou sua atenção: o silêncio continuava também

em plena floresta, como se uma presença estranha estivesse ali,
assustando os animais e fazendo com que as folhas não se movessem.

Chantal cavou exatamente no mesmo lugar que o estrangeiro
lhe indicara, colocou a mão dentro do buraco, e pegou a barra em forma
de tijolo.

Ficou surpresa com o ~~seu~~ peso. Limpou-a, notou algumas
marcas impressas no metal, dois selos ^{em} gravados, uma série de
algarismos ^{gravados, os quais tentou} ~~que ela tentou~~ decifrar, mas não conseguiu.

Quanto dinheiro significava aquilo? Não sabia com exatidão,
mas – como o estrangeiro dissera – devia ser o bastante para não ter que
se preocupar mais ^{em} ~~com~~ ganhar qualquer centavo, o resto da sua vida.
Tinha nas mãos o seu sonho, algo que sempre desejara, e que agora um
milagre havia colocado diante dela. De todos os dias e noites iguais de
Viscos, das eternas idas e vindas ao hotel, onde trabalhava desde que
completou a maioridade, de todos os amigos e amigas que haviam
partido porque as famílias lhe enviavam para estudar longe e ser alguém
na vida, de todas as ^{ausências} ~~despedidas~~ com que já se acostumara, dos homens
que chegavam prometendo tudo, e partindo no dia seguinte sem sequer
dizer adeus, de todas as despedidas e não-despedidas com as quais já
estava acostumada, aquele momento ali, na floresta, era o momento
mais importante da sua existência.

Me finha

21

A vida tinha sempre sido muito injusta ~~com ela~~; pai desconhecido, mãe que morrera no parto deixando um fardo de culpa ^{em} sob suas costas, avó camponesa, vivendo de costurar roupas, juntando cada centavo para que a neta pudesse, pelo menos, aprender a ler e a escrever. Chantal tivera muitos sonhos: achou que podia superar os obstáculos, encontrar um marido, achar um emprego numa cidade grande, ser descoberta por algum caçador de talentos que vinha até aquele final de mundo para descansar um pouco, fazer uma carreira no teatro, escrever um livro que seria um grande sucesso, ouvir o ~~espocar~~ ^{grito de} dos flashes e pisar nos tapetes vermelhos da vida.

todos os sonhos não são possíveis, impossível uma

Cada dia, era um dia de espera. Cada noite, era uma noite onde podia aparecer alguém que lhe desse o verdadeiro valor. Cada homem em sua cama era a esperança de partir na manhã seguinte, e nunca mais olhar aquelas tres ruas, as casas de pedra, os telhados de ardósia, a igreja com o cemitério ao lado, o hotel com seus produtos naturais que demoravam meses para serem feitos, e terminavam sendo vendidos pelo mesmo preço de algo produzido em série.

Certa vez, passara por sua cabeça que os celtas, antigos habitantes do lugar, haviam escondido um formidável tesouro, e ela terminaria por encontra-lo. Pois bem, de todos os seus sonhos, este era o mais absurdo, o mais improvável, e mesmo assim ela estava ali, com a barra de ouro nas mãos, ^{o tesouro que sempre no qual nunca acreditou,} ~~olhando sem ver a floresta a sua frente,~~ *a libertação definitiva*

De repente, ela começou a sentir que aquele único momento de sorte em sua vida podia desaparecer naquela mesma tarde. E se o

foi tomada de pânico: o

Ola telefonava ao hotel e telefonava para a policia.

estrangeiro mudasse de idéia? Se resolvesse partir em busca de outra cidade, onde encontraria uma mulher mais disposta a ajuda-lo em seu plano macabro? Por que não levantar-se, voltar até o quarto, colocar seus poucos pertences na mala, e simplesmente ir embora? O estrangeiro podia acusa-la de roubo, ela seria capturada em algum lugar, aqueles números na barra provariam que era de fato propriedade do homem. Chantal tinha duas escolhas: contar a história, que ninguém acreditaria, ou simplesmente dizer a verdade, que vira o chão revolvido, resolvera escavar, e encontrara o ouro. Certa vez, um caçador de tesouros - que também buscava algo escondido pelos celtas - passara a noite em sua cama. Dissera que as leis do país eram claras: tinha direito a tudo que achasse, embora fosse obrigado a registrar, junto a tal repartição, determinadas peças de valor histórico. Mas aquela barra de ouro não tinha valor histórico nenhum, era algo moderno, com marcas, e selos, e números impressos.

A polícia questionaria o homem. Ele não teria como provar que ela havia entrado em seu quarto e roubado o que lhe pertencia.

Chantal ficaria com o ouro, a dignidade, e o futuro pela frente.

Nesse momento, o homem telefonava com Exeto por uma coisa: era um roubo. O homem havia-lhe dito sobre o roubo, e logo, chegava um documento que aquele ouro estava guardado ali. Chantal estava sentada em o comareiro. Chantal sua mesa.

Por que, justamente neste momento, devia ser sempre a boa menina? Afinal, não dormia com quem lhe dava vontade, e não era as vezes insinuante além da conta, para que os estrangeiros lhe dessem uma boa gorgeta? Não mentia de vez em quando? Não tinha inveja dos

Por que sempre pensou o pior? Afinal de contas, o homem não poderia estar falando a verdade? Se roubasse o ouro e fugisse, não estaria, de alguma forma, salientando a cidade de uma desgracia maior?

na pedindo comada a embaiço la que o estrangeiro queria no Chantal de. Mais proximo, para fazer um copiar para o comareiro. Mas a barra e ali estava certo.

por completo, estava com tanto medo?

antigos amigos, que agora só apareciam na cidade nas festas de final de ano, para visitar as famílias?

Segurou o ouro com toda a sua força, levantou-se, sentiu-se fraca e desesperada, tornou a coloca-lo no buraco e cobri-lo de terra. Não era capaz, e isso não se devia ao fato de ser ou não ser honesta - mas ao pavor que sentia. Acabara de dar-se conta que existem duas coisas que impedem uma pessoa de realizar os seus sonhos: ^{ou a subita mudança no destino,} o fato de achar que eles são impossíveis, ^{ou a subita mudança no destino,} que faz com que se tornem possíveis. ^{Quando isso acontece, surgem também todos os medos de um futuro que não se sabe onde vai dar, de que a vida perca o sentido, de que as coisas com que estamos acostumados desapareçam para sempre.}

subita mudança na vida, nada do mesmo, ele não é,

que

As pessoas querem mudar tudo, e ao mesmo tempo desejam que tudo continue igual. Chantal não entendia direito o porque, mas era o que estava se passando com ela. Talvez já estivesse por demais presa a Viscos, acostumada com sua derrota, de modo que qualquer chance de vitória era um fardo pesado demais para carregar.

Teve certeza de que o estrangeiro iria ali aquele mesmo dia, pegaria sua única possibilidade de realizar tudo o que sonhara na vida e partiria da aldeia; mas era covarde demais para mudar seu destino.

Lembra-se que havia u ternas logo a cidade; no miteu ta dona do hotel fazer a faxina naquela manhã. só poderia ser coisa do dondrio: uma barra de ouro diuente do o lhu, e uma

O estrangeiro, porém, não partiu. Ela o viu no bar aquela noite, mais sedutor que nunca, contando histórias que podiam não ser

totalmente verdadeiras, mas que, em alguma parte, ele as havia vivido.

De novo os seus olhos só se cruzavam de maneira impessoal, quando ele ^{veio} ~~vinha~~ pagar as bebidas que, ^{em segurança, oferecia} oferecia aos frequentadores.

Chantal estava mais cansada do que nunca. Torceu para que todos fossem embora cedo, mas o estrangeiro estava particularmente inspirado aquela noite, e não terminava de contar casos, que os outros escutavam com ^{interesse,} atenção, respeito, e a dúvida constante que os camponeses tem, a respeito de tudo que não se passe na terra, nas

sementes, no comportamento do gado. Na sua exaustão, trabalhando quase como uma autômata, ela viu suas esperanças ressurgirem. Talvez os próximos dias ^{o estrangeiro continuasse ali, e ela poderia fazer o que a vontade.} lhe trouxessem coragem. Talvez se acostumasse com a possibilidade de deixar aquele mundo que odiava. Talvez ^{conseguisse partir} deixasse para sempre.

Mas tudo que precisava era dormir, nada mais. Terminou errando o troco de um dos fregueses, algo que rarissimamente acontecia; pediu desculpas, mas não culpou a si mesma. Aguentou impassível e digna até que o padre e o prefeito – geralmente os últimos a sair – deixassem o local. Fechou a caixa, pegou suas coisas, vestiu o casaco grosso e barato, e foi para casa, como fazia há anos.

Na terceira noite, então, ela encontrou-se com a presença do Mal. E o Mal veio sob a forma de um extremo cansaço e de uma febre altíssima, que ^o ~~ele~~ deixava num estado semi-consciente, mas incapaz de dormir – enquanto lá fora um dos poucos lobos da região uivava sem

*As coisas
deixado, uivando -
mais culto,
mais sítio.
felizes, uivando
preparado que
os pobres
depois de
peixes e
campos. Como
se tudo que
os homens, das
resultado
"Estupidos", pensava
da. "Nós sabem
que"*

198

parar. Em alguns momentos, teve certeza que estava delirando, porque parecia que o animal entrara em seu quarto, e conversava com ela numa língua que não entendia. Num dos momentos de lucidez, tentou levantar-se e ir até a igreja, pedir ao padre que chamasse um médico, pois estava doente, muito doente; Mas quando tentou transformar sua intenção em gesto, as pernas fraquejaram, e ela teve certeza que não conseguiria andar. Se andasse, não conseguiria chegar até a igreja. Se chegasse até a igreja, teria que esperar o padre acordar, vestir-se, e abrir a porta, enquanto o frio ^{comentários} iria aumentando rapidamente sua febre, até matá-la ali mesmo, sem ~~do~~ ^{do} piedade, diante de um lugar que alguns consideravam sagrado.

Chantal delirou a noite inteira, e viu que a febre baixava a medida que a luz da manhã ia entrando no seu quarto. Em um dado momento, suas forças voltaram, e ela tentou dormir, mas ela ouviu a buzina tão familiar, e entendeu que o padeiro havia chegado em Viscos, e já era hora de preparar seu café da manhã.

teve ninguém que a obrigava
Não tinha a obrigação de descer para comprar pão)
Ninguém a obrigava a descer e fazer isso; era independente,

podia ficar na cama o tempo que quisesse, trabalhava apenas a partir do início da noite. Mas algo dentro dela havia mudado; precisava encontrar *este em contato* com gente ~~como~~ *igual a ela, que* os camponeses que neste momento se aglomeravam em torno do pequeno furgão verde, trocando suas moedas por comida, contentes porque um novo dia começava e eles tinham o que fazer e o que comer.

como
Foi até lá, cumprimentou a todos, e ouviu alguns comentários do tipo "voce parece cansada" ou "está acontecendo alguma coisa?"

~~do~~

Todos gentis, solidários, sempre prontos para ajudar, inocentes e simples na sua generosidade, enquanto ^{seu alma} todo o resto do mundo debatia-

se numa ^{luta} competição sem tréguas, numa luta por sonhos e poder.

d'insti

Chantal agradeceu polidamente, disse que não era nada.

*Gostaria de poder
essa toda
a aldiis estava
antes que a
marcha
feminista.
Era melhor
aparecer e
sua a diante.*

Um lobo uivou a noite inteira, e não me deixou dormir.

- Não escutei ^{lobo nenhum} nada - disse a dona do hotel, que também

estava ali comprando pão.

- Faz meses que nenhum logo uiva nesta região - concordou

a mulher que preparava os produtos a serem vendidos na lojinha do ^{boi}.

hotel. - Os caçadores devem ter exterminado todos, o que é péssimo

para ^{lobos nós,} a região, já que os raros lobos são os principais responsáveis pela

vinda dos caçadores. Eles adoram esta competição inútil: quem

consegue matar o animal mais difícil.

- Não diga, ^{na frente do prefeito} nem brincando, que já não existem mais lobos na-

região - ^{com a reação em voz baixa} reagiu a patroa de Chantal. - Quando descobrirem, talvez o

movimento de Viscos cesse definitivamente.

- Mas eu ouvi um lobo - ^{disse a moça.}

- Deve ter sido o lobo maldito - comentou a mulher do

prefeito, que não gostava muito de Chantal, mas era educada o bastante

para esconder seus sentimentos.

A dona do hotel irritou-se.

- O lobo maldito não existe. Era um lobo qualquer, e a esta

hora já deve ter sido morto.

A mulher do prefeito ^{insistiu} porém, não se deve ^{per} vencer ela.

Seja o que for, todo nos sabemos que ²⁷
nenhum lobo viveu.
-Ninguém escutou lobos uivando esta noite. Você faz esta

menina trabalhar além da hora, ela deve estar exausta, e começa a ter alucinações.

Chantal deixou as duas discutindo, pegou seu pão, e afastou-se. "Competição inútil", pensava. Era assim que eles olhavam a vida:

da mulher
que preparava
o pão.

competição inútil. Quase contou, ali mesmo, sobre a proposta do estrangeiro, para ver se aquela gente acomodada e pobre de espírito começava uma competição verdadeiramente útil, dez barras de ouro em troca de um simples crime, que garantiria o futuro dos filhos e netos, o retorno da glória perdida de Viscos, com ou sem lobos.

Mas controlou-se. Era melhor fazer aquilo de noite, no bar,

devia fazer-lhe
a noite,

na frente de quase todo mundo, de modo que ninguém pudesse dizer que não ouviu ou que não entendeu. Talvez avançassem sobre o estrangeiro e levassem direto à polícia, deixando-a livre para pegar sua barra de ouro como recompensa pelos serviços prestados à comunidade. Talvez simplesmente não acreditassem, e o estrangeiro partiria achando que todos são bons – o que não era verdade. Todos são ignorantes, ingênuos, conformados. Todos não acreditam em coisas que não fazem parte daquilo que estão acostumados a acreditar. Todos tem medo de Deus. Todos são covardes na hora em que podem mudar o destino. Mas, quanto à verdadeira bondade, essa não existe – nem na terra dos homens covardes, nem no céu do Deus Todo-Poderoso, que semeia sofrimento a torto e a direito, só para que passemos a nossa vida inteira pedindo para que nos livre do mal.

A temperatura havia baixado, Chantal estava há tres noites sem dormir, mas – enquanto preparava o café da manhã, sentia-se melhor que nunca. Ela não era a única covarde. Talvez fosse apenas a única que tivesse consciência da sua covardia, porque os outros chamavam a vida de “competição inútil”, e confundiam seu medo com generosidade.

Lembrou-se de um dos habitantes de Viscos, que trabalhava numa farmácia em uma cidade vizinha, e fora despedido depois de vinte anos. Não pedira qualquer indenização trabalhista porque – dizia – tinha sido amigo dos donos, não desejava feri-los, sabia que tinha sido mandado embora por causa de dificuldades financeiras. Tudo mentira: o homem não entrara na justiça porque era covarde, queria ser amado a qualquer custo, pensava que os patrões ^{sempre o consideravam} ~~o iam ver~~ como uma pessoa generosa e companheira. Tempos depois, quando foi lá pedir um dinheiro emprestado, bateram com a porta na sua cara – mas aí já era tarde demais, tinha assinado uma carta pedindo demissão, não podia exigir mais nada.

Bem feito. Ficar ^{desempenhando o papel de} ~~bancando a~~ alma caridosa era apenas para os que tinham medo de tomar atitudes na vida. Sempre é muito mais fácil acreditar na propria bondade, do que enfrentar os outros e lutar por seus direitos. Sempre é mais fácil ouvir uma ofensa e não revidar, do que ter coragem para meter-se num combate com alguém mais forte; ^{sempre} ~~a gente~~ ^{se pode dizer não fomo} sempre pode dizer que não foi atingido pela pedra que nos atiraram, e só de noite, quando estamos sózinhos, e nossa mulher, ou nosso marido

quarta só ele norte
ou nosso amigo de escola está dormindo, e ~~que~~ podemos chorar em
silêncio a nossa covardia.

Chantal bebeu seu café e torceu para que o dia passasse
rápido. Iria destruir aquela aldeia, ~~ela~~ acabar com Viscos aquela noite.
A cidade
~~Viscos~~ terminaria de qualquer jeito, em menos de uma geração, porque
era um lugar sem crianças – os jovens se reproduziam em outras
cidades do país, no meio das festas, das belas roupas, das viagens, da
“competição inútil”.

O dia, porém, não passou rápido. Muito pelo contrário; o
tempo cinzento, com aquelas nuvens baixas, fazia com que as horas se
arrastassem. A neblina não deixava com que se visse as montanhas, e a
aldeia parecia isolada do mundo, perdida em si mesma, como se fosse a
única ~~coisa existente na terra~~ *parte habitada da terra* *Da sua janela,* Chantal viu o estrangeiro sair do seu hotel
e seguir para as montanhas, como fazia sempre. Temeu por seu ouro,
mas logo aquietou seu coração – ele iria voltar, havia pago ~~duas~~ *11 mil*
semanas de hotel, e os homens ricos nunca desperdiçam um centavo, só
os pobres agem assim.

Tentou ler, mas não conseguiu concentrar-se. Resolveu
passar por Viscos, e a única pessoa que viu foi Berta, a viúva, que
passava os dias sentada na frente de sua casa, vigiando cada coisa que
acontecia.

- A temperatura finalmente vai cair – disse Berta. Chantal
perguntou-se por que as pessoas sem assunto acham que o tempo é uma
coisa importante.

Acenou com a cabeça, concordando. Continuou o seu caminho, porque já conversara tudo que tinha que conversar com Berta, nos muitos anos em que vivia naquela aldeia. Houve uma época em que a achava uma mulher interessante, corajosa, que foi capaz de conseguir estabilizar sua vida mesmo depois da morte de seu marido num dos frequentes acidentes de caça. ^{Vendera} alguns dos poucos bens que tinha, aplicara este dinheiro – junto com o da indenização – em algum investimento seguro, e agora vivia de rendas.

Com o passar do tempo, porém, a viúva deixara de interessá-la, e passara a ser um retrato de tudo o que temia que acontecesse com ela mesma: terminar a vida sentada numa cadeira em frente de casa, cheia de casacos durante o inverno, vigiando o que não precisava ser vigiado ⁺ porque não havia nada de sério, importante ou precioso ali.

Andou um pouco pela floresta cheia de neblina, ^{pois} ~~mas~~ sabia os todas as trilhas, árvores e pedras de cor, e não corria o risco de se perder. Imaginou como ia ser excitante aquela noite, ensaiou várias maneiras de contar a proposta do estrangeiro – em algumas dela apenas falava literalmente o que havia escutado e visto, em outras contava uma história que podia ser ou não verdade, imitando o estilo do homem ~~por~~ ^{que} ~~cuja razão já não conseguia dormir há tres noites.~~ ^{Já não a deixava dormir por}

“Um homem muito perigoso, pior do que todos os caçadores que conheci”.

~~Mas~~ ^{ela} caminhando no bosque, Chantal começava a se dar conta de que descobrira outra pessoa perigosa: ^{foi perigosa quando o cobrador:} ela mesma. ~~Uma semana.~~

Há quatro dias atrás,

antes da chegada do estrangeiro, não se dava conta de que já estava se acostumando com o que era, com o que podia esperar da vida, com o fato de que a vida em Viscos não era tão ruim assim – afinal de contas, a região era inundada de turistas no verão, que chamavam o lugar de “paraíso”.

Agora os monstros saíam de suas tumbas, assombravam suas noites, faziam-na sentir-se infeliz, injustiçada, abandonada por Deus e por seu destino. ^{que isso:} Pior obrigavam-na a ver ~~quem~~ a amargura que ^{em sua almeia} carregava dia e noite, para a floresta e para o trabalho, para os raros ^{para} encontros ~~dos~~ muitos momentos de solidão.

“Condenado seja esse homem. E condenada seja eu, que o forcei à atravessar o meu caminho”.

Enquanto voltava para a aldeia, arrepentia-se de cada minuto da sua vida, e blasfemava ^{contra} sua mãe por ter morrido cedo, sua avó, por ter lhe ensinado ^{contra} que devia tentar ser boa e honesta, ^{contra} seus amigos que a abandonaram ^{contra} seu destino que continuava com ela.

Berta ainda estava lá.

- Voce está andando muito depressa – disse. – Sente-se ao meu lado e relaxe.

Chantal fez o que ela sugeria. Faria qualquer coisa que ajudasse o tempo passar rápido.

- A aldeia parece que está mudando – disse Berta. Há algo diferente no ar; ~~O~~ntem escutei o lobo maldito uivando.

A menina ficou aliviada. Maldito ou não, um lobo uivara aquela noite, e pelo menos uma pessoa – além dela, havia escutado.

- Essa cidade não muda nunca – ^{respondeu} ~~retucou~~. – Apenas as estações vem e vão, e agora é a vez do inverno chegar.

- Não. É a chegada do estrangeiro.

Chantal controlou-se. Será que ele havia conversado com mais alguém ~~além dela~~?

- O que tem a chegada do estrangeiro a ver com Viscos?

- Passo o dia olhando a natureza. Algumas pessoas acreditam que isso é uma perda de tempo, mas esta foi a única maneira que descobri para aceitar a perda de quem eu amava tanto. Vejo que as estações chegam e vão, as árvores perdem suas folhas e logo a recuperam. Entretanto, de vez em quando, um elemento inesperado da natureza cria mudanças definitivas. Me disseram que as montanhas a nossa volta são o resultado de um terremoto acontecido há milênios atrás.

A moça concordou com a cabeça; aprendera a mesma coisa no colégio.

- Então, nada volta a ser a mesma coisa. Tenho medo que isso possa acontecer agora.

Chantal teve ímpetos de contar a história do ouro, pois desconfiava que a velha sabia alguma coisa; mas continuou calada.

- Fico pensando em Ahab, o nosso grande ^{o epistolar, nosso herói,} ~~reformador~~, o homem que foi abençoado por São Savin.

- Por que Ahab?

33

- Contam ^{que!}

Depois de pacificar a cidade, afastar os marginais renitentes, e modernizar a agricultura e o comércio de Viscos, certa noite reuniu seus amigos para jantar, e cozinhou para eles um succulento pedaço de carne. De repente, percebeu que o sal havia terminado.

"Ahab, então, chamou o seu filho:

"- Vai até a aldeia, e compre o sal. Mas pague um preço justo por ele: nem mais caro, nem mais barato.

"O filho ficou surpreso:

"- Compreendo que não deva pagar mais caro, papai. Mas, se puder barganhar um pouco, por que não economizar algum dinheiro?

"- Numa cidade grande, isto é aconselhável. Mas, numa aldeia como a nossa, ela irá terminar perecendo.

"O filho saiu sem perguntar mais nada. Os convidados, entretanto, que tinham assistido a conversa, quiseram saber porque não se devia comprar o sal mais barato, e Ahab respondeu:

"- Quem vender o sal abaixo do preço, deve estar agindo assim porque precisa desesperadamente de dinheiro. Quem se aproveitar desta situação, estará mostrando desrespeito pelo suor e pela luta de um homem que trabalhou para produzir algo.

"- Mas isso é muito pouco para que uma aldeia seja destruída.

"- Também, no início do mundo, a injustiça era pequena. Mas cada um que veio depois terminou acrescentando algo, sempre achando que não tinha muita importância, e vejam onde terminamos chegando hoje. "

311
Como o estrangeiro, por exemplo - disse Chantal,
aprovei que Berta terminasse a história. Mas a
velha permaneceu em silêncio. →
Com certeza a velha sabia alguma coisa. Restava descobrir se

fera o estrangeiro mesmo quem a havia contado.

- Não sei porque teve tanto trabalho em salvar Viscos - disse

Chantal. - Antes era um antro de marginais, agora é uma aldeia de covardes.

- De fato. Mas não sei se é exatamente covardia. Penso que todo mundo tem medo de mudanças. Querem que Viscos seja como

sempre foi: um lugar onde se pode cultivar o gado e o solo, que recebem bem os caçadores e os turistas, mas que, no final de cada dia de amanhã, e as únicas mudanças imprevisíveis são as tempestades. temporada, cada um volte para a vida que costuma levar. Acham que

controlam tudo. Não controlam nada.

- Não controlam nada - concordou Chantal.

- Ninguém pode acrescentar um til ou um ponto de "i" ao que já está escrito - disse a velha, citando um texto do evangelho católico. -

Mas as pessoas gostam de viver com esta ilusão, porque isso lhes dá

segurança. Claro que é uma segurança completamente falsa, que termina despreparando as pessoas para a vida; quando menos se espera,

um terremoto cria montanhas, um raio mata uma árvore que estava certa

que iria renascer no verão, um acidente de caça acaba com a vida de um homem honesto.

Berta contou, pela centésima vez, a maneira como seu marido morreria. Era um dos mais respeitados guias da região, e um homem que via na caça não um esporte selvagem, mas a maneira de respeitar a

tradição do lugar. Graças a ele, Viscos criara uma reserva de animais, a prefeitura passara algumas leis protegendo ^{certas} algumas espécies, e taxas eram cobradas por cada presa abatida, ^e cujo dinheiro revertia em benefício da comunidade.

O marido de Berta procurava ver naquele esporte – selvagem para uns, tradicional para outros – uma maneira de ensinar aos caçadores um pouco mais sobre a arte de viver. Quando chegava alguém com muito dinheiro mas pouca experiência, ele o levava para o lugar descampado. Ali, em cima de uma pedra, colocava uma lata de cerveja.

^{Distanciava-se}
~~Ficava~~ a cinquenta metros da lata, ^e pegava sua espingarda e, com um só tiro, fazia com que voasse longe.

“Sou o melhor atirador da região” dizia. “Agora voce vai aprender uma maneira de ser tão bom quanto eu.”

^{Recolocava}
~~Colocava~~ a lata de novo no mesmo lugar, voltava para a mesma distância, retirava um lenço do bolso e pedia que lhe vendasse ^m os olhos. Em seguida, apontava na direção ^{do alvo} da lata, e tornava a disparar.

“Acertei?” perguntava, tirando a venda dos olhos.

“Claro que não”, respondia o caçador recém-chegado, contente em saber que o orgulhoso guia tinha sido humilhado. “A bala passou muito longe. Não creio que possa me ensinar nenhuma lição”

“Acabei de lhe ensinar a lição mais importante da vida” respondia o marido de Berta. “Sempre que voce quiser conseguir alguma coisa, mantenha os olhos abertos, concentre-se, e saiba

A mãe do menino escutara o comentário, e o repreendera severamente. "Crianças estão sempre vendo coisas" disse ela, pedindo desculpas. Berta, porém, parara imediatamente de chorar, e olhara para *a direção indicada:* ~~o lado~~, seu marido tinha mania de só tomar sopa com determinada colher, embora aquilo a irritasse profundamente, pois todas as colheres são iguais e comportam a mesma quantidade de sopa, *mas* ele cismava de usar apenas uma. *a ninguém* Berta jamais contara esta história, pois tinha vergonha do que acontecia.

O menino, porém, vira realmente seu marido; a colher era o sinal. Crianças "viam" coisas. Ela decidiu que iria aprender a "ver" também, porque queria conversar com ele, te-lo de volta – mesmo que fosse ~~como uma visão fugidia~~, um fantasma.

Primeiro, trancou-se dentro de casa e raramente saía, esperando que ele aparecesse na sua frente. Um belo dia, teve um pressentimento: devia ir para a porta de casa e começar a prestar atenção nos outros, *Sentiu que o marido lhe pediria isso, queria que ela ficasse participando de tudo que acontecia na cidade. aprender com todos que passavam.* *mas*

Colocou a cadeira na frente de casa, e ficou olhando as montanhas; eram poucas as pessoas que andavam pelas ruas de Viscos, mas, no mesmo dia que fez isso, uma vizinha chegou da aldeia próxima, dizendo que os feirantes estavam vendendo talheres muito baratos, de qualidade e tirou de sua bolsa uma colher, para confirmar o que contava.

Berta deu-se conta que jamais veria seu marido de novo, mas

Com o tempo, como que

ela a pedira para ficar ali, olhando a cidade, e ela fazia isso. Passou a ter

a noção ^{o vulto dele ao seu lado, teve certeza que a protegia, e a certeza que ele estava ao seu lado, e que a protegia sempre, fazendo}

tantos, sempre que procurava o lugar de frente, o vulto dela parecia; mas isso não tinha importância, só que estava conseguindo conversar com ele, escutar seus conselhos, sentir-se acompanhada na sua contemplação.

personas. Fora assim que não se deixara enganar ao oferecerem uma

indenização menor do que merecia, que mudara seu dinheiro de banco

pouco antes que o mesmo quebrasse, levando anos de trabalho de muita

gente da região.

(explica aqui o vulto, e a dificuldade)

Um fato que acabou que, embora não conseguisse distinguir com nitidez, certa manhã - e já não tinha ideia há quanto tempo isso aconteceu - seu marido falava que, cedo ou tarde, viscos se transformaria num campo de batalha entre gente e crianças. E ele pensava o que significava aquilo, ele não soube responder, mas ficou pensando que ficaria contenta, pois a aquela cidade era o lugar que mais amava.

Há tres dias atrás, vira que o estrangeiro chegara com um e deu enfado que sua esposa havia terminado.

demônio. Hoje, notara que a menina estava com um demonio e um anjo

ao seu lado; imediatamente relacionou uma coisa com a outra, e

entendeu que ^{a tal} ^{nem ela nem seu marido sabiam exatamente do que se tratava} uma história - que não conhecia - estava acontecendo na

sua aldeia.

Talvez fora por isso que o marido pedira que ficasse ali fora

por todos estes anos. Ela sorriu para si mesmo, olhou para o lado

esquerdo ^{onde costumava sentir a presença do marido} fora onde o menino, muitos anos antes, apontara - e jogou

um discreto beijo. Não era uma velha inútil; tinha algo muito

importante a fazer, embora não soubesse direito de que se tratava.

#

Chantal deixou a velha imersa em seus pensamentos, e voltou

para casa. Berta tinha fama - sussurada entre os habitantes de Viscos -

de ser uma velha bruxa. Diziam que passara quase um ano trancada em

casa, e durante este tempo aprendera artes mágicas. Quando, certa vez,

e poderia ser terminada a história.
explica aqui o vulto, e a dificuldade
Um fato que acabou que, embora não conseguisse distinguir com nitidez, certa manhã - e já não tinha ideia há quanto tempo isso aconteceu - seu marido falava que, cedo ou tarde, viscos se transformaria num campo de batalha entre gente e crianças. E ele pensava o que significava aquilo, ele não soube responder, mas ficou pensando que ficaria contenta, pois a aquela cidade era o lugar que mais amava.
Desta maneira a "velha" melhor absorvia das pessoas, e os dois filhos tinham longas conversas sobre a natureza dos homens. Seu marido não era um homem culto, mas sabia muito sobre "velha", e agora ficava morrendo justamente por causa de alguém que não esperava chegar ali e que estava fugindo.

Chantal perguntou quem a havia ensinado, algumas pessoas diziam que o próprio demonio lhe aparecia durante a noite; outras afirmavam que ela invocava um sacerdote celta, usando palavras que seus pais lhe haviam ensinado. Mas ninguém se importava com isso; Berta era inofensiva, ~~bondosa~~, e tinha sempre boas histórias para contar.

Tinham razão,

~~Era verdade,~~ embora sempre fossem as mesmas histórias. E *com a mão na maçaneta da porta.*

de repente, Chantal parou. Embora já tivesse escutado muitas vezes a forma como seu marido morrera, só naquele instante se dera conta de que ali havia uma lição importantíssima para ela. Lembrou-se de seu recente passeio pela floresta, do seu ódio surdo, atirando para todos os lados, pronto a ferir indiscriminadamente quem estivesse a sua volta — fosse a si mesma, a cidade, aos seus habitantes, aos filhos de seus habitantes.

Mas

~~Entretanto,~~ seu verdadeiro alvo era apenas um: o estrangeiro.

Concentrar-se, disparar, conseguir matar a presa ~~inimiga~~. Para isso, era necessário um plano. ~~Seria~~ seria uma tolice dizer qualquer coisa aquela noite, e deixar a situação fora de controle.

abrir página

Naquela noite, quando fora receber o dinheiro da rodada de bebidas que o estrangeiro costumava pagar, Chantal notou que ele lhe

guardou o ao bolso, fingindo que não lhe dava impor-
tância, embora gostasse que os olhos do estrangeiro
se pousassem nela. ~~Se não o fosse, fez a favora no seu~~
passava um bilhete. Quando estava sozinha em seu quarto, abriu-o: ~~foi~~
o homem pedia que o encontrasse no mesmo lugar onde tinham se

conhecido. ~~o jogo parecia estar~~
~~inabalado, e era obra~~
~~da quem controlava~~
~~a situação, e~~
~~estabilizava o campo~~
~~e a vida da~~
~~carteira. Da~~
~~assim que~~
~~afiam os vence-~~
~~dores: sempre~~
~~impunham as~~
~~condições de~~
~~vida.~~

O bilhete terminava dizendo que preferia que conversassem a
sós. Mas também podiam conversar na frente de todos, se ela assim o
desejasse.

Chantal não ignorou a ameaça; ^M muito pelo contrário, ficou
contente por have-la recebido. Isso provava que ele estava perdendo o
controle, ^{na que} porque os homens e mulheres perigosos jamais fazem isso.

Ahab, o grande pacificador de Viscos, costumava dizer: "existem dois
tipos de idiotas - os que deixam de fazer alguma coisa porque
receberam uma ameaça, e os que acham que vão fazer alguma coisa
porque estão ameaçando."

Rasgou o bilhete em pedacinhos, atirou-os na toalete, deu a
descarga, ~~e foi dormir.~~ ^{ficou ansiosa, e tentou se entre descoberta} Tinha conseguido exatamente o que queria:
encontrar-se de novo com o estrangeiro, para uma conversa a sós. Se
quisesse saber como derrotá-lo, precisava conhecê-lo melhor.

Uma guerrilha de verdade sempre escolhe seu campo de
batalha - jamais deixa que o inimigo o faça.

Chantal dormiu quase imediatamente - um sono profundo,
repousante, relaxado. Havia passado uma noite com o Bem, uma noite
com o Bem e o Mal, e uma noite com o Mal. Nenhum dos tres

Handwritten notes in the left margin:
Algo...
Algo...

consequira resultados, mas continuavam vivos em sua alma, e agora começavam a combater entre si, para mostrar quem era o mais forte.

— abei pagina —

Quando o estrangeiro chegou ~~perto do rio~~, Chantal estava ^{ensopada} ~~molhada~~ de chuva; a tempestade havia recomeçado.

- Não vamos falar de tempo – disse ela. – Está chovendo, como vê. Conheço um lugar onde podemos conversar melhor.

Levantou-se, e pegou uma sacola de lona comprida.

- Você tem uma espingarda aí dentro – disse o estrangeiro.

- Sim.

- Quer matar-me.

- Quero. Não sei se consigo, mas quero. Além do mais, posso encontrar o lobo maldito no caminho, acabar com ele, e ser mais respeitada em Viscos. Eu o escutei uivando ontem, embora ninguém acredite em mim.

- O que é o lobo maldito?

Ela ficou em dúvida se devia ou não dar mais intimidade àquele homem, que era seu inimigo. Lembrou-se, porém, de um livro sobre artes marciais japonesas – ela sempre lia o que os hóspedes deixavam no hotel, fosse o assunto que fosse, pois não gostava de gastar seu dinheiro comprando livros. Ali estava escrito que a melhor maneira de enfraquecer seu adversário é ~~faze-lo~~ acreditar que você está do lado dele.

Caminhando no meio da chuva e do vento, ela contou a história. Dois anos atrás, um homem de Viscos – o ferreiro da cidade, para ser mais exato – ^{foi um bique-riquo} estava caminhando na floresta quando, sem querer, viu-se de cara com um lobo e suas crias. O homem assustou-se, pegou um galho, e partiu para cima do animal. Normalmente, o lobo fugiria, mas como estava com seus filhos, contra-atacou e mordeu o ferreiro na perna. ^{o ferreiro conseguiu golpeá-lo com} Este fugiu, e o lobo jamais foi visto; tudo que sabiam era que tinha uma marca branca na orelha esquerda.

animal
 lobo abito
 que o caçador
 ele pode fugir, e
 já não há mais de
 novo.

- Por que é "maldito"?

- Os animais ^{mesmo os mais} ferozes, geralmente nunca atacam, a não ser em situações excepcionais, como neste caso, ^{queria} onde ~~queria~~ ^{queria} proteger seus filhos. Entretanto, se atacam e provam o sangue humano, tornam-se perigosos; sempre vão querer mais, deixam de ser animais selvagens para se transformarem em assassinos. Todos acham que, um dia, este lobo vai atacar de novo.

"Esta é a minha história," pensou consigo mesmo o estrangeiro.

Chantal fazia o possível para andar rápido, pois era mais ^{ela queria ter a vantagem psicológica de andar} jovem, mais preparada, e ~~queria~~ ^{queria} humilhar o homem que a acompanhava; ele, porém, conseguia manter o ritmo de seus passos, embora ofegando um pouco. Em momento algum pediu que andassem mais devagar.

Chegaram numa pequena tenda de de plástico verde, bem camuflada, usada pelos caçadores para aguardar a presa. Sentaram-se ali dentro, ambos esfregando e soprando as mãos geladas.

- O que quer? – disse ela. – Por que me enviou o bilhete?

- Vou lhe propor um enigma: de todos os dias de nossa vida, qual é aquele que nunca chega?

Não houve resposta.

- O amanhã – disse o estrangeiro. – Mas parece que voce acredita que o amanhã vai chegar, e fica adiando o que lhe pedi. Hoje começa o final de semana; se voce não disser nada, eu mesmo o farei.

Chantal saiu para fora da cabana, ficou a uma distancia segura, desabotoou a sacola de lona, e tirou a espingarda. O estrangeiro pareceu não ~~ligar~~. *da importancia*.

- Voce mexeu no ouro – continuou ele. – ~~Diga-me uma coisa:~~ *Se voce tivesse que escrever um livro sobre seu desespero isso que está acontecendo, e chegasse até este momento, acha que a maior parte dos leitores, colocando-se em seu lugar, enfrentando todas as dificuldades que enfrentam, sendo frequentemente injustiçados pela vida e pelos outros, tendo que lutar para pagar a escola dos filhos e a comida na mesa dessas pessoas ~~pegariam~~ *forçariam para que voce fugisse com o ouro?**

- Não sei – disse ela, colocando um cartucho na arma.

- Tampouco sei. É essa a resposta que eu desejo.

O segundo cartucho foi colocado.

- Voce está prestes a matar-me. Isso responde à minha pergunta: os seres humanos são essencialmente maus.

- Segure – ela entregou a arma ao estrangeiro. – Ninguém sabe que eu lhe conheço. Todos os dados de sua ficha são falsos. Voce

pode partir quando quiser e, pelo que eu entendo, pode ir para qualquer lugar do mundo. Não é necessária uma boa pontaria: basta ^{apontar} colocar o cano na minha direção e apertar o gatilho: o cartucho é composto de vários pequenos pedaços de chumbo, que uma vez deixando o cano, se espalham em forma de cone, ^{a uma distância, é impossível} errar. Serve para matar pássaros e seres humanos. Voce pode até mesmo olhar para outro lado, se não quiser ver meu corpo sendo despedaçado.

O homem colocou a espingarda no chão.

que ele empunhou a arma de maneira correta, como um profissional. ficaram assim por um longo tempo, e ficaram sabendo que um simples escorpião, ou um bicho provo- cado por um animal, que surtisse de repente, fustar com que a arma dispa- rava. Naquele momento, deu-se conta de toda a infamidade de sua atividade - desafiou alguém pelo prazer de pro- lolar, causando a própria vida sem poder absolver a morte; mas agora era tarde, não tinha como voltar atrás.

Final de contas, veio até Viscos porque queria conhecer mais sobre sua própria natureza, se era bom ou mau. Uma coisa eu acabo de lhe mostrar: ^{apenas de lado o que diz, poderia descobrir sobre a maldade humana simplesmente puxando o gatilho, e não o faz.} voce é um covarde. Usa os outros para resolver seus próprios conflitos, mas é incapaz de tomar certas atitudes.

- Um filósofo alemão disse certa vez: até Deus tem um

inferno: é o seu amor pelos homens. Não, eu não sou um covarde. Já

apertei outros gatilhos muito piores do que o desta arma: melhor

dizendo, fabriquei armas muito melhores que essa, e as espalhei pelo mundo. Fiz tudo de ^{oficial} uma maneira legal, com todas as transações

aprovadas pelo governo, carimbos de exportação, pagamento de

impostos. Casei-me com a mulher que amava, tive dois filhos lindos,

jamaiz desviei um centavo de minha companhia, e sempre soube exigir

aquilo que me era devido.

"Ao contrario de voce, que se julga perseguida pela vida, eu

sempre fui um homem capaz de agir, lutar contra as muitas

escorrendo, embora a chuva não faça um pouco. E, se colocou a mão no seu peito, senti o coração quase saindo pela garganta

adversidades que enfrentei, perder algumas batalhas, ganhar outras, mas entender que vitórias e derrotas faziam parte da vida de todo mundo – exceto dos covardes, como diz voce, já que estes nunca perdem nem ganham.

“Li muito. Freqüenteci a igreja. Temi a Deus, respeitei seus mandamentos. Era um empregado muito bem remunerado de uma firma gigantesca. Como recebia comissões por cada transação feita, ganhei dinheiro suficiente para ^{Sustentava} minha família por cinco gerações. Sabia da importância de uma arma, de modo que fiscalizava pessoalmente os negócios; descobri vários casos de corrupção, mandei as pessoas embora, interrompi as vendas. Minhas armas eram feitas para a defesa da ordem, única maneira de se continuar o progresso e a construção do mundo, assim pensava eu.

O estrangeiro ^{aproximou-se a refugio Chantal} saiu de dentro da pequena cabana de plástico, e ^{pelo embudo} ficou de pé, na frente de Chantal. Queria que ela visse os seus olhos, ^{afé} entendesse que falava a verdade.

- Talvez voce deva achar que os fabricantes de armas são o que há de pior no mundo. Talvez voce tenha razão; mas o fato é que, desde o tempo das cavernas o homem as usa – primeiro para matar os animais, logo depois para conquistar o poder sobre os outros. O mundo já existiu sem agricultura, sem criação de gado, sem religião, sem música – mas nunca existiu sem armas.

Ele pegou uma pedra no chão.

15

de armas é o mais importante que o homem tem neste mundo.

- Está aqui: a primeira delas, entregue generosamente por nossa Mãe Natureza aos que precisavam enfrentar-se com os animais pré-históricos. Uma pedra destas deve ter salvado um homem, e este homem, depois de incontáveis gerações, fez com que voce e eu nascessemos. Se ele não tivesse essa pedra, ^{isso não era a origem} o bisono ^{o bisono} o teria devorado, e ^{centenas de milhares} centenas de milhares de pessoas não teriam nascido.

O vento aumentou ^{de intensidade}, e a chuva ^{incomodava} batia no rosto dos dois, mas seus olhares não se desviavam.

- De modo que, assim como muita gente critica os caçadores mas Viscos os recebe com todas as pompas porque vive deles, assim como as pessoas odeiam ver um touro na arena, ^{mas} vão ao açougue comprar carne, alegando que os animais tiveram uma morte "honrada", também muita gente critica os fabricantes de armas, e mesmo assim eles continuarão existindo, até que não exista uma só arma sobre a face da terra. Porque enquanto existir uma, terá que existir outra, ou o equilíbrio está perigosamente desfeito.

- O que tem isso a ver com a minha cidade? - perguntou Chantal. - O que tem a ver com a quebra dos mandamentos, com o crime, com o roubo, com a essencia do ser humano, com o Bem e o Mal?

Os olhos do estrangeiro mudaram, como se tivessem sido inundados por uma profunda tristeza.

- Lembre-se do que ^{me disse:} eu ~~lhe~~ ^{me considerava} contava: sempre procurei fazer meus negócios de acordo com as leis, ^{o que chamamos} ~~era~~ aquilo que chamamos de um

feminine,

1/2

homem de bem. Certa tarde, recebi um telefonema no meu escritório: ^{uma voz suave, mas} ~~um grupo~~ ^{qualquer emissão, dizia que seu grupo} sequestrara minha mulher e meus filhos. Queriam uma grande quantidade ^{minhas filhas} daquilo que eu podia lhes fornecer: armas. Me

pediram segredo, disseram que nada aconteceria a minha família se eu ^{A mulher desligou dizendo que tentaria a cumprir.} seguisse as instruções, ^{que iriam me dar. Comecei a dormir em meus braços, e me} ^{inclinei uma cadeira perto da cabeça de quem, onde eu deixo asperar} ~~meu novo telefonema~~ ^{seu novo telefonema}

^{foi há chancel} ~~chamei a polícia.~~ ^{No minuto seguinte, eu fui até eu mais dono da minha vida,} ^{me transtornava em alguma incerteza de proteger sua família,} ^{logo o meu universo} ^{afora eu em holocausto} ^{por vezes anônimos} ^{e telefonemas} ^{francês.} ^{Quando} ^{me chamei, a com-} ^{me inclinado, um} ^{verdadeiro exer-} ^{cito de técnicos} ^{foi tinha colocado} ^{uma série de} ^{aparelhos eletro-} ^{nícos que permi-} ^{tiam a identifi-} ^{cacão da cha-} ^{mação. Dois} ^{governos diferentes} ^{já haviam tomado} ^{suas decisões, e} ^{nenhuma negociação} ^{era possível. Tudo} ^{o que eu deveria} ^{fazer era obedecer} ^{adidas as ordens} ^{que me acabavam dando,} ^{obediência repetida ao} ^{fusos que me} ^{eram dadas, com-} ^{postas-me da máquina} ^{que me indicavam.} ^{Antes do final} ^{do dia, *}

^{negociação, o} ~~cativoiro onde mantinham os réfens foi invadido, e os~~ ^{sequestradores} ~~mortos.~~ ^{antes disso, porém, executaram} ^{minha mulher e} ^{meus filhos.} ^{Se até Deus tem um inferno, que é seu amor pelos homens,} ^{qualquer homem tem um inferno ao alcance da mão, que é o amor por} ^{sua família.}

O homem deu uma pausa, tomou

^{Apesar da chuva, Chantal podia perceber, pela voz, que ele} ^{perdeu o controle de sua voz.} ^{Mas continuou logo} ^{estava chorando.} ^{em segredo:}

- Tanto a polícia como os sequestradores usaram armas que eram fabricadas pela minha indústria. Ninguém sabe como elas chegaram nas mãos dos terroristas, ^e ~~mas~~ ^{mas} isso não tem a menor relevância; elas estavam ali. Apesar dos meus cuidados, da minha luta para que tudo fosse feito de acordo com as mais rígidas normas de produção e venda, minha família tinha sido morta por algo que eu vendera, em algum momento, possivelmente num jantar em um restaurante caríssimo, conversando sobre o tempo ou a política mundial.

(canso sobre armas)

*Deixei o emprego no final daquele ano. Vaguei pelos quatro cantos da terra, chorando sózinho minhas dores, perguntando a mim

mesmo como o ser humano era capaz de tanta maldade. Perdi a coisa mais importante que um homem tem: a fé em seu próximo. Ri e chorei com a ironia de Deus, ao me mostrar, dessa maneira tão absurda, que eu era um instrumento do bem e do mal.

“Toda a minha compaixão foi desaparecendo, e hoje meu coração está seco; viver ou morrer, tanto faz. Mas antes, em nome da minha mulher e dos meus filhos, preciso entender o que se passou naquele cativoiro. Entendo que se possa matar por ódio ou por amor, mas sem nenhuma razão, apenas por causa de negócios?”

“Talvez isso pareça ingênuo para voce – afinal de contas, todos os dias as pessoas se matam por dinheiro – mas isso não me interessa, eu só penso na minha mulher e nos meus filhos. Quero saber o que se passava na cabeça daqueles terroristas. Quero saber se, em algum momento, eles podiam ter piedade e deixar que partissem, já que aquela guerra não era da minha família. Quero saber se existe uma fração de segundo onde o Mal e o Bem se enfrentam, e o Bem pode vencer.

- Por que Viscos? Por que minha aldeia?

- Por que as armas de minha fábrica, com tantas fábricas de armas no mundo, algumas sem qualquer controle governamental? A resposta é simples: por acaso. Eu precisava de um lugar pequeno, onde todos se conhecessem e se quisessem bem. No momento em que souberem da recompensa, Bem e Mal se colocarão de novo frente a

frente, e o que aconteceu naquele cativoiro, acontecerá em sua cidade.

Os terroristas já estavam ficando e perdidos; mesmo assim, mataram para cumprir um ritual inútil e vazio. Sua aldeia tem aquilo que não me foi oferecido: uma escolha. Estava cercada pelo desejo do dinheiro, tem uma missão a cumprir que é preservar a cidade, mas podem escolher não aceitar o refém. Só isso: quanto

Ver se outras pessoas tenham a foto diferente daqueles 99
pobres e sanguinários judeus.

Como eu disse em nosso primeiro encontro, a história de um homem é a

que o destino foi cruel, mas as vezes ele pode ser doce. Isso
história de toda a humanidade, e se existir piedade, eu entenderei
- E por que quer saber se sou capaz de rouba-lo? não tinha de
colocar minha
filhas, claro,
mas pelo menos
deixaria alguma
coisa para os
meus dias.

- Pela mesma razão. Talvez voce divida o mundo em crimes
leves e pesados. Não é assim. Mas sei que os terroristas também
dividiam o mundo desta forma: achavam que estavam matando por uma
causa, não apenas por prazer, amor, ódio, ou dinheiro. Se voce levar a
barra de ouro, terá que explicar seu crime para si mesma, e eu
aprenderei como os terroristas explicavam seus crimes. em seguida para mim. então eles

- Se eu roubasse, voce jamais tornaria a me ver.

Pela primeira vez, em quase meia hora que estavam
conversando, o estrangeiro esboçou um sorriso.

- Trabalhei com armas, não esqueça. Isso inclui serviços
secretos.

O homem pediu que ela a conduzisse de volta até o rio -
estava perdido, não sabia como voltar. Chantal pegou a espingarda
chão, emprestada por um amigo, colocou-a de novo na bolsa de lona, e
começaram a descer.

de tentar
encontrar
alguma coisa
a essa altura,

Não trocaram nenhuma palavra durante o caminho. Quando
chegaram de novo no rio, ele se despediu, dizendo:

- ~~Eu~~ Entendo sua demora, mas não posso esperar mais.

Entendo também que, para lutar contra voce mesma, precisava me
conhecer melhor; agora já me conhece.

“Sou um homem que caminha pela terra tendo um demônio ao seu lado; para afasta-lo, ou para accita-lo de vez, preciso responder à essa pergunta.” *algumas perguntas?*

abrir pagina

O garfo bateu incessantemente no copo. O bar, lotado naquela sexta feira, virou-se na direção do som; era a senhorita Prym pedindo para que todos se calassem.

O silêncio foi imediato. Nunca, em momento algum da história da cidade, uma moça que servia o bar havia agido de tal maneira.

“Melhor que ela tenha alguma coisa importante a dizer”, pensou a dona do hotel. “Ou será despedida ainda hoje?”. *apenas da promessa a avó, de que fiz a sua mãe não a deserdou a benção?*

- Quero que me ouçam - disse Chantal. - Vou contar uma história que todos já sabem, menos o nosso visitante - ela apontou em direção ao estrangeiro. Em seguida, contarei uma história que nenhum de voces conhece - exceto nosso visitante. Quando terminar as duas histórias, então cabe a voces julgar se agi mal, interrompendo ~~o~~ *este* merecido descanso de uma noite de sexta, depois de uma semana exaustiva de trabalho.

“Que coisa arriscada” pensava o padre. “Ela não sabe nada que não saibamos. Por mais que seja uma pobre orfã, uma moça sem

condições na vida, vai ser difícil convencer a dona do hotel a mante-la no emprego?

Bem, nem tão difícil assim, tornou a refletir. Todos nós cometemos os nossos pecados, ^{seguem-se} dois ou tres dias de raiva, e logo tudo é perdoado; não conhecia, em toda a aldeia, ^{outra pessoa que pudesse} mais ninguém que gostaria de trabalhar ali. Era um emprego para gente moça, e já não havia mais jovens em Viscos.

- Viscos tem tres ruas, uma pequena praça com uma cruz, algumas casas em ruínas, uma igreja ^{com} um cemitério ^{ao lado} - começou ela.

- Um momento! - disse o estrangeiro.

Tirou um pequeno gravador do bolso, ligou-o, e deixou-o em cima de sua mesa.

- Tudo sobre a história de Viscos me interessa. Não quero esquecer uma palavra, de modo que espero que voce não se incomode que eu as grave.

Chantal não sabia se devia incomodar-se ou não, mas não havia tempo a perder. Há horas lutava contra os seus medos, finalmente reunira coragem suficiente para começar, e não podia mais ser interrompida.

- Viscos tem tres ruas, uma pequena praça com uma cruz, algumas casas em ruínas, outras bem conservadas, uma igreja, um hotel, uma caixa de correio num poste, uma igreja com um pequeno cemitério ao lado.

Pelo menos dera uma descrição mais completa desta vez. Já não estava tão nervosa.

- Como todos nós sabemos, era um reduto de marginais, até que nosso grande legislador Ahab, depois de convertido por São Savin, conseguiu transforma-la neste vilarejo que hoje abriga apenas homens e mulheres de boa vontade.

“O que nosso estrangeiro não sabe, e vou contar agora, foi a maneira que Ahab usou para conseguir ^{seu intento.} esta ~~pr~~oeza. Em momento algum ele tentou convencer ninguém, já que conhecia a natureza dos homens; iam confundir honestidade com fraqueza, e logo seu poder seria ~~questionado.~~ ^{colocado em dúvida.}

“O que fez foi chamar alguns carpinteiros de uma aldeia vizinha, dar-lhes um papel com um desenho, e mandar que construíssem algo no lugar onde hoje está a cruz. Dia e noite, durante ~~uma~~ dez dias, os habitantes da cidade ouviam o barulho de martelos, viam homens serrando peça de madeira, fazendo encaixes, colocando parafusos. No final de dez dias, o gigantesco quebra-cabeças foi

o habitantes de viscos para a inauguração do monumento; quanto todos se reuniram, ele retirou o pano.
Era uma força. Com corda, alçapão e tudo. Novinha, coberta

com cera de abelha, de modo que pudesse resistir durante muito ~~tempo~~ ^{anos} às intempéries. ^{Aproveitando a multidão aglomerada ali, Ahab} Nestes ~~mesmo~~ dia, Ahab chamou todos os que viviam

~~em~~ Viscos, leu uma série de leis que protegiam os agricultores, incentivavam a criação de gado, premiavam quem trouxesse novos negócios para Viscos, acrescentando que – dali por diante – teriam que

arranjar um trabalho honesto ou mudar-se para outra cidade. Disse apenas isso, sequer mencionou o "monumento" que acabara de erigir.

nao mencionou uma vez sequer

inaugurar.

Ahab era um homem que não acreditava em ameaças.

"No final do encontro, vários grupos se formaram; a maioria achava que Ahab tinha sido enganado pelo santo, já não tinha a mesma coragem de antes, era preciso matá-lo. Muitos planos foram feitos com esse intento, nos dias que se seguiram. Mas todos eram obrigados a contemplar aquela fôrca no meio da praça, e se perguntavam: o que ela esta fazendo aí? Será que foi montada para matar os que não aceitarem as novas leis? Quem está do lado de Ahab, e quem não está? Será que temos espões em nosso meio?"

"A fôrca olhava os homens, e os homens olhavam a fôrca. Pouco a pouco, a coragem inicial dos rebeldes foi dando lugar ao medo; todos conheciam a fama de Ahab, sabiam que ele era implacável em suas decisões. Algumas pessoas abandonaram a cidade, outras resolveram experimentar os novos trabalhos que Ahab havia sugerido, simplesmente porque não tinham para onde ir, ou por causa da imagem daquela coisa na praça. Tempos depois, Viscos estava pacificada, e tornara-se um grande centro comercial da fronteira, além de exportar a melhor lã e produzir trigo de primeira qualidade.

tinham medo

daquele instrumento de morte no meio da praça.

completou a

além de exportar a

"A fôrca ficou lá durante dez anos. A madeira resistia bem, mas periodicamente a corda era trocada por uma nova. Nunca foi usada. Nunca Ahab disse uma palavra sequer sobre ela. Bastou sua imagem para mudar a coragem em medo, a confiança em suspeita, as bravatas

valentia em.

histórias de

50

em sussuros *de precauções.* No final de dez anos, quando a lei finalmente imperava em Viscos, Ahab mandou destruí-la e construir uma cruz em seu lugar.”

Chantal deu uma pausa. O bar, completamente silencioso, escutou os aplausos solitários do estrangeiro.

- Uma bela história disse ele. -- Ahab conhecia realmente a natureza humana: não é a vontade de seguir as leis que faz com que todos se comportem como manda a sociedade, e sim o medo do castigo. Cada um de nós carrega esta força dentro de si.

- Hoje, porque o estrangeiro me pediu, eu estou arrancando aquela cruz e colocando outra força do meio da praça -- continuou a moça.

- Carlos -- disse alguém. -- Seu nome é Carlos, e seria mais educado tratá-lo por seu nome que chamá-lo de “estrangeiro”.

- Não sei o seu nome. Todos os dados da ficha do hotel são falsificados. Nunca pagou nada com cartão de crédito. Não sabemos de onde vem ou para onde vai; até mesmo o telefonema para o aeroporto pode ser uma mentira.

se viraram
Todos ~~olharam~~ em direção ao homem; ele mantinha os olhos fixos em Chantal.

- Entretanto, quando falava a verdade, vocês não acreditavam; trabalhou realmente para uma fábrica de armas, viveu

muitas aventuras, foi várias pessoas diferentes, de pai amoroso a negociador sem piedade. Vocês, morando aqui, não podem entender que a vida é muito mais complexa e rica do que pensam.

“É melhor que essa menina se explique logo” pensou a dona do hotel. E Chantal se explicou:

- Há quatro dias, ele me mostrou dez barras de ouro muito grandes. Capaz de garantir o futuro de todos os habitantes de Viscos pelos próximos trinta anos, executar importantes reformas na cidade, construir um parque para crianças, na esperança de que elas voltem um dia a povoar nossa aldeia. Em seguida, escondeu-as na floresta, e eu não sei onde estão.

Todos voltaram-se de novo para o estrangeiro; desta vez ele encarou-os, e acenou afirmativamente com a cabeça.

- Este ouro será de Viscos se, nos próximos três dias, alguém aparecer assassinado aqui. Se ninguém morrer, o estrangeiro partirá levando o seu tesouro.

“Só isso. Pronto, já disse tudo que tinha que dizer, já recoloquei de novo a fôrca na praça. Só que desta vez ela não está ali para evitar um crime, e sim para que um inocente seja pendurado nela, e o sacrifício deste inocente faça a cidade prosperar.”

Pela terceira vez, as pessoas voltaram-se para o estrangeiro; de novo ele concordou com a cabeça.

- Essa moça sabe contar uma história – disse ele, desligando o gravador, e recolocando-o no bolso.

Chantal virou-se para a pia, e começou a lavar os copos. O tempo parecia haver parado em Viscos; ninguém dizia nada. O único barulho que se escutava era o da água correndo, do vidro sendo colocado na pedra de mármore, do vento distante batendo nos galhos de árvores sem folhas.

O prefeito quebrou o silêncio:

- Vamos chamar a polícia.

- Façam isso – disse o estrangeiro. – Tenho aqui uma fita gravada. Meu único comentário foi o seguinte: “essa moça sabe contar uma história”.

- Por favor, suba até o seu quarto, junte suas coisas, e saia imediatamente da cidade – pediu a dona do hotel.

- Paguei uma semana, vou ficar uma semana. Nem que seja preciso chamar a polícia.

- Já lhe ocorreu que o assassinado pode ser você?

- Claro. E não tem a menor importância para mim.

Entretanto, vocês terão cometido um crime, ~~como eu desejo~~, e jamais receberão a recompensa prometida.

Um a um, os frequentadores do bar foram saindo, começando pelos mais moços, e terminando pelos mais velhos. Ficaram apenas Chantal e o estrangeiro.

Ela pegou sua bolsa, colocou o casaco, caminhou até a porta, e virou-se:

- Voce é um homem que sofreu e deseja vingança - disse ela.

- Seu coração está morto, sua alma sem luz. O demônio que o acompanha está sorrindo, porque você está fazendo o jogo que ele determinou.

Okupado por seu filho o que eu pedi. E por ser contado a interessante história sobre a força.

- Estou respondendo a uma pergunta, você sabe.

Na história, você tem de se que quer a resposta a estas

- Não. Neste caso, só a maldade tem recompensa; se ninguém aparecer morto, o Bem não lucrará nada além de louvores. Como voce sabe, louvores não alimentam bocas famintas, e não recuperam cidades decadentes. Voce não está querendo responder a uma pergunta, mas confirmar uma coisa na qual deseja desesperadamente acreditar: todo mundo é mau.

pergunta, mas da maneira que aqui tem o seu plano, apenas

e
O olhar do estrangeiro mudou, imperceptivelmente, mas

Chantal percebeu.

- Se todo mundo é mau, a tragédia pela qual passou justifica-se - continuou ela. - Fica mais fácil aceitar a perda de sua mulher e de seus filhos. Mas se existe gente boa, então sua vida será insuportável, porque o destino lhe colocou uma armadilha, e voce sabe que não merecia isso.

Não é a luz que vou quer de volta; é a certeza de que não existe nada além das trevas.

- Onde voce quer chegar? - sua voz demonstrava um

nervosismo controlado.

- Em uma aposta mais justa. Se, dentro de tres dias, ninguém for assassinado, a cidade recebe as dez barras de ouro de qualquer maneira. Como prêmio pela integridade de seus habitantes.

O estrangeiro riu.

- E eu receberei a minha barra, como pagamento pela participação neste jogo sórdido.

- Não sou estúpido. Se eu aceitasse isso, a primeira coisa que voce faria era ir lá fora, e contar a todos.

- É um risco. Mas eu não farei isso; juro pela minha avó e pela minha salvação eterna.

- Não basta. Ninguém sabe se Deus escuta juramentos, ou se existe salvação eterna.

- Voce saberá que não fiz, porque montei uma nova fôrca no meio da cidade. Qualquer truque será fácil perceber. Além do mais, mesmo se eu saísse agora e contasse para todos o que acabamos de conversar, ninguém acreditaria; seria o mesmo que chegar em Viscos com todo esse tesouro e dizer: "olha aqui, isso é para vocês, façam ou não façam o que ^{o estrangeiro quer} eu sugiro". Estes homens e mulheres estão acostumados a trabalhar duro, a ganhar com o suor de seu rosto cada centavo, e nunca admitiriam a possibilidade de um tesouro cair do céu.

O estrangeiro acendeu um cigarro, tomou o que restava do seu copo, levantou-se da mesa. Chantal esperava a resposta com a porta aberta, e o frio entrando no bar.

- Eu perceberei qualquer trapaça – disse ele. – Sou um homem acostumado a lidar com os seres humanos, assim como o seu Ahab.

- Tenho certeza. E isso quer dizer um “sim”.

Mais uma vez aquela noite ele apenas acenou com a cabeça.

- E há algo mais: voce ainda acredita que o homem pode ser bom. Caso contrário, não teria criado toda esta estupidez para convencer a si mesmo.

Chantal fechou a porta, caminhou pela única rua da cidade – completamente deserta – soluçando sem parar. Sem querer, terminara também envolvida no jogo; apostara que os homens eram bons, apesar de toda maldade no mundo. Jamais contaria a ninguém o que acabara de conversar com o estrangeiro porque agora ela também precisava saber o resultado.

Sabia que - apesar da rua deserta - por detrás das cortinas e das luzes apagadas, todos os olhares de Viscos agora a acompanhavam até sua casa. Não importava; estava escuro demais para que pudessem perceber o seu pranto.

e torceu para

O estrangeiro abriu a janela do seu quarto, ~~repetindo~~ ^{que o ar não calava} movimento da moça lá embaixo. Deixou entrar o ar frio, e torceu para que o efeito fosse o mesmo; calar por alguns momentos a voz do seu demônio.

Não funcionou, como previra, O que enfraquecera seu ^{alma, por causa do que a moça dissera, ele se afastou} demônio fora as palavras que acabara de escutar; tentou lembra-las, e ^{ela} sentiu que, por instantes, o demônio se afastava – apenas para voltar

logo em seguida, nem mais forte, tem mais fraco, apenas com o seu ^{deleito} jeito familiar. Habitava o lado ~~esquerdo~~ ^{deleito} do seu cérebro, justamente a ^{mas já havia se misturado como realmente era, de modo} parte que governa a lógica e o raciocínio, ^{que fora dirigido a imaginário} Imaginara sua forma de mil

maneiras, desde o diabo convencional com chifres e rabo, até uma ^{Como precisava dar-lhe uma forma,} menina louca de cabelos cacheados. Terminara escolhendo como

imagem um jovem de vinte e poucos anos, com calças pretas, camisa azul, e uma boina verde colocada displicentemente sobre os cabelos negros.

Escutara ^o sua voz pela primeira vez numa ilha, para onde ^{(sofrendo mas procurando a saída} viajara logo depois de ter deixado a firma; estava na praia, tentando ^o convencer-se de qualquer maneira de que conseguiria superar seu

desespero da vida que iria superar a dor o final momento pelo qual passava,

sofrimento, quando viu o por-do-sol mais lindo de sua vida. Foi então que a dor voltou mais forte que nunca, chegou ao abismo mais profundo de sua alma, porque aquele entardecer merecia ser visto por sua mulher e filhas. Chorou compulsivamente, já que nada mais fazia sentido, e pressentiu que nunca mais voltaria do fundo daquele poço. Foi então que uma voz simpática, companheira, lhe disse que não estava sózinho,

(e este sentido era, justamente,

61

mostrar

que o homem sempre se racanha com a tragédia em bem o mal, o homem termina experimentando a tragédia. "A virtude é

"Odo existe o Bem" disse a voz.
apenas uma das faces do terror" dissera a voz. "Quando o homem

entende isso, percebe que este mundo não passa de uma brincadeira de Deus."

em sua vida, por
mais ferozmente
que seja a Deus,
por melhor que
se comporte em
relação aos ou-
tros e a si
mesmo.

A partir daquele momento, a voz – que logo se identificou como o príncipe deste mundo, o único conhecedor do que acontece na Terra – começou a mostrar-lhe as pessoas ao seu redor na praia. O excelente pai de família que neste momento empacotava as coisas e ajudava os filhos a colocarem um agasalho, que gostaria de ter um caso com a secretária, mas estava aterrorizado com a reação da mulher. A mulher, que gostaria de trabalhar e ter sua independência, mas estava aterrorizada com o a reação do marido. As crianças que se comportavam bem, com terror dos castigos. A moça que lia um livro, sozinha numa barraca, fingindo displicência, enquanto sua alma aterrorizava-se com a possibilidade de passar sózinha o resto de sua vida. O rapaz com a raquete exercitando seu corpo, ~~e com o pensamento~~ aterrorizado pelo fato de precisar corresponder as expectativas de seus pais. O garçon que servia drinks tropicais aos clientes ricos, e se aterrorizava com o fato de ser despedido a qualquer hora. A jovem que queria ser bailarina, mas estava num curso de advocacia por terror de enfrentar a reprimenda dos vizinhos. O velho que não fumava e não bebia dizendo que tinha mais disposição agindo assim, quando na verdade o terror da morte sussurava como o vento em seus ouvidos. O

casal que passou correndo, os pés espalhando a água da arrebentação, o sorriso nos lábios, e o terror oculto dizendo que iam ficar velhos, desinteressantes, inválidos. O homem que parou sua lancha na frente de todos e acenou com a mão, sorrindo, queimado de sol, aterrorizado porque podia perder seu dinheiro de uma hora para a outra. O dono do hotel, que olhava toda aquela cena paradisíaca de seu escritório, tentando deixar todos contentes e animados, exigindo o máximo de seus contadores, aterrorizado porque sabia que, por mais honesto que fosse, os homens do governo sempre descobriam as falhas que descjassem na contabilidade.

Terror em cada uma daquelas almas na linda praia, no entardecer de tirar o fôlego. Terror de ficar sózinho, terror do escuro que povoava a imaginação de demônios, terror de fazer qualquer coisa fora do manual do bom comportamento, terror do julgamento de Deus, terror dos comentários dos homens, terror da justiça que punia qualquer falta, terror de arriscar e perder, terror de amar e ser rejeitado, terror de pedir aumento, de aceitar um convite, de ir para lugares desconhecidos, de não conseguir falar uma língua estrangeira, de não ter capacidade de impressionar os outros, de ficar velho, de morrer, de ser notado por

causa de seus defeitos, de não ser notado por causa de suas qualidades, de não ser notado nem por seus defeitos nem por suas qualidades.

Terror, terror, terror. A vida era o regime do terror, a sombra da guilhotina. "Espero que isso lhe deixe mais tranquilo" escutara o demonio dizer. "Todos estão aterrorizados; voce não está só. A única diferença é que você já passou pelo pior, seu pior medo se fez realidade."

mais do que, o que meus amigos nunca fizeram em realidade.

Nada mais tem a perder, enquanto os que estão nesta praia vivem com o terror ao seu lado, alguns mais conscientes, outros procurando ignorá-lo, mas todos sabendo que ele existe, e irá pegá-los no final”.

Por incrível que pudesse parecer, aquilo ^{que escutava, lhe deixava} realmente ^{lhe} aliviara um pouco. E desde então, a presença do demônio se tornara ^{meu aliado, como se o sofrimento coletivo diminuisse sua dos indivíduos.}

cada vez mais constante. Convivia com ele há dois anos, e não lhe dava nem prazer nem tristeza/saber que ele havia se apossado completamente de sua alma.

feito sobre inferno

Completamente? Poucos minutos atrás sentira que ele havia sido ferido por uma pergunta. Sua única maneira de recuperar-se era não deixar qualquer dúvida ^{em sua} mente do estrangeiro – provar que os homens são maus, não há saída, que o crime compensa.

“Está bem, voce teve uma dúvida”, disse o demônio. “Mas o terror permanece. A história da fôrca foi muito boa, explica muito bem:

os homens são virtuosos porque existe o terror, mas a ^{fortuna} sua essência ~~é~~ ^{do povo humano} é maligna. *todos eles são meus descendentes*

O estrangeiro estava tremendo de frio, mas resolveu continuar com a janela aberta mais um tempo.

- Deus, eu não merecia o que me aconteceu. Se voce fez isso comigo, eu posso fazer a mesma coisa com os outros. Isso é justiça.

O demônio assustou-se, mas resolveu ficar calado não podia demonstrar que também ele estava aterrorizado. O homem blasfemava contra Deus, e justificava seus atos – mas era a primeira vez, em dois anos, que ele o ouvia dirigir-se aos céus.

Era um mau sinal.

abrir página

Passou também que, a
assassinou - talvez com um certo amorso - a partida do
da proposta que lhes tinha sido feita, ~~o~~ estrangeiro ~~partir~~ na
segunda-feira, sem entender que, na parte da tarde, ela lhes anunciaria
e, pelas graças seguintes, seria lembrada como a mulher que
que estavam todos ricos, Não mencionaria sua barra de ouro, ou iam
querer que ela também dividisse a sua parte.
Os habitantes de Viscos não eram nem melhores nem piores
que os das cidades vizinhas, mas, com toda certeza, incapazes de
cometer um crime por dinheiro - ~~isso~~ ela tinha certeza. Principalmente
porque, agora que a história era pública, nenhum homem ou mulher
podia tomar uma iniciativa isolada; primeiro, porque a recompensa seria
dividida igualmente, e não conhecia ninguém que gostaria de arriscar-se
pelo lucro dos outros. Segundo, ~~para~~ ^{para} que qualquer coisa acontecesse,
era preciso uma total cumplicidade ~~de aldeia~~ ^{total de aldeia} - com exceção, talvez, da
vítima escolhida. Se uma simples pessoa fosse contra a idéia e, na
inexistência de alguém, ela seria essa pessoa - os homens e mulheres de
que, neste momento, devia controlar sua boca e não mencionar
a barra de ouro que lhe pertencia, ou acabavam conseguindo
conhecimento de que, ~~ela~~ ^{ela} parecia ser considerada uma santa,
ela precisava também dividir sua parte. "É um defeito que
levarei para o túmulo, em túmulo com Longe daqui."*

"É um bom sinal" foi o primeiro pensamento de Chantal, ao
ouvir a buzina da furgoneta que trazia o pão. A vida ~~de~~ Viscos
continuava igual, o pão estava sendo entregue, as pessoas iam sair de
suas casas, teriam o sábado e o domingo inteiro para comentar a loucura
da proposta que lhes tinha sido feita, ~~o~~ estrangeiro ~~partir~~ na
segunda-feira, sem entender que, na parte da tarde, ela lhes anunciaria
e, pelas graças seguintes, seria lembrada como a mulher que
que estavam todos ricos, Não mencionaria sua barra de ouro, ou iam
querer que ela também dividisse a sua parte.

Os habitantes de Viscos não eram nem melhores nem piores
que os das cidades vizinhas, mas, com toda certeza, incapazes de
cometer um crime por dinheiro - ~~isso~~ ela tinha certeza. Principalmente
porque, agora que a história era pública, nenhum homem ou mulher
podia tomar uma iniciativa isolada; primeiro, porque a recompensa seria
dividida igualmente, e não conhecia ninguém que gostaria de arriscar-se
pelo lucro dos outros. Segundo, ~~para~~ ^{para} que qualquer coisa acontecesse,
era preciso uma total cumplicidade ~~de aldeia~~ ^{total de aldeia} - com exceção, talvez, da
vítima escolhida. Se uma simples pessoa fosse contra a idéia e, na

inexistência de alguém, ela seria essa pessoa - os homens e mulheres de
que, neste momento, devia controlar sua boca e não mencionar
a barra de ouro que lhe pertencia, ou acabavam conseguindo
conhecimento de que, ~~ela~~ ^{ela} parecia ser considerada uma santa,
ela precisava também dividir sua parte. "É um defeito que
levarei para o túmulo, em túmulo com Longe daqui."*

a mulher que
salvou a aldeia
da segunda
visita do Mel.
Talvez inventar.
sem lembrar a
sua reputação,
possivelmente as
festas que
se referiam a
ela como uma
brava mulher, a
única que não
abandonara
Viscos quando
era jovem,
porque sabia
que tinha
uma missão
a cumprir.
Fica o pulso
de si mesma,
e lembrando

Viscos correriam o risco de serem todos denunciados e presos. Melhor ser pobre ser honrado que rico na cadeia.

Chantal desceu as escadas lembrando que até mesmo uma simples eleição ^{do} ~~de um~~ prefeito que comandava um vilarejo com tres ruas já provocava discussões acaloradas e divisões internas. Quando quiseram fazer um parque para crianças na parte mais baixa de Viscos, houve tanta confusão ^{já que} uns diziam que a cidade não tinha crianças, outros berravam que um parque as faria gostar da cidade quando viessem de férias, com seus pais que a obra jamais havia começado.

Em Viscos se discutia tudo: a qualidade do pão, as leis de caça, a existencia ou não do lobo maldito, o comportamento ^{estranho} de Berta, ^{e - possivelmente} sempre ^{os encontros recuho dela com alguns hóspedes, embora ninguém sentada diante de sua casa. Jamais houve ouvidos mencionados e foma em sua frente.}

Aproximou-se da furgoneta com o ar de quem, pela primeira vez em sua vida, desempenhara o papel principal ^{na} de uma história na cidade. Até então tinha sido a orfã desamparada, a moça que não conseguiu casar, a pobre trabalhadora noturna, a infeliz em busca de uma companhia; Não perdiam por esperar; ^{há} mais dois dias, e todos iriam beijar-lhe os pés, agradecer-lhe pela fartura e generosidade, talvez

talvez ^{talvez} tentar que concorresse ao cargo de prefeita nas proximas eleições ^{ela com permanec por aqui mais algum tempo, e} Como estavam enganados; se o estrangeiro ia partir daqui há tres dias, ela estaria longe da cidade antes do final da próxima semana com ouro suficiente para gozar tudo aquilo que até então lhe tinha sido proibido.

(passando melhor, desfrutar um pouco da glória, antes de ir para "congo")

H

O grupo de pessoas em torno da furgoneta comprava seu pão em silêncio. Todos se voltaram para ela, mas não disseram uma palavra.

- O que está havendo nesta cidade? perguntou o rapaz que entregava o pão. - Morreu alguém?

- Não - respondeu o ferreiro, que estava ali. - Mas tem uma pessoa passando mal, e estamos preocupados.

Chantal estava ~~paralizada~~ ^{paralizada}, sem entender o que acontecia.

- Compre logo o ~~seu~~ ^{que precisa comprar} pão - escutou alguém dizer. - O rapaz precisa ir embora.

Automaticamente ela estendeu as moedas, e pegou seu pão. O rapaz da furgoneta deu de ombros, ^V como se desistisse de entender o que se passava, ^V deu o troco a Chantal, desejou a todos um boim dia, e arrancou o veículo.

- Agora sou eu quem pergunta: o que está havendo nesta cidade? - disse, e o medo fez com que levantasse a voz mais do que a educação permitia.

Fori voce quem no contou o que acontece.

- Você nos contou - disse o ferreiro. - Quer que cometamos um crime.

- Eu não quero nada! Eu fiz apenas o que aquele homem mandou! Vocês enlouqueceram?

- Você enlouqueceu. Nunca devia ter servido de mensageira àquele louco! O que voce quer? Está ganhando algo com isso? Você quer transformar esta cidade no inferno, como na história que Ahab contava? Esqueceu a dignidade e a honra?

Chantal tremia.

- Voces enlouqueceram, isso sim! Será que algum de voces levou a sério a aposta? *De que me acusam?*

- Deixe-a^M - disse a dona do hotel. - Vamos cuidar do café da manhã.

Pouco a pouco, o grupo se dispersou. Chantal continuava tremendo, segurando o pão, incapaz de mover-se dali. Todas aquelas pessoas, que sempre viviam discutindo entre si, estavam *} pela*

primeira vez de acordo; ela era a culpada. Não o estrangeiro, nem a aposta, mas ela, Chantal Prym, *a incentivadora do* ~~os incentivava~~ ao crime. O mundo tinha ficado de cabeça para baixo?

saiu da cidade ^{ou} deucas ^{em} montanha;

Deixou o pão na sua porta, e ~~seguiu em direção a floresta;~~ não tinha fome, nem sede, ou qualquer tipo de desejo. Percebera algo muito importante, algo que a enchia de medo, de pavor, de terror completo.

Ninguém tinha dito nada ao homem da furgoneta. Um acontecimento como aquele seria naturalmente comentado, fosse com indignação ou risos - mas o homem da furgoneta, que levava o pão e as fofocas para as aldeias da região, saiu sem saber o que estava acontecendo. Com ^{total} certeza, as pessoas de Viscos estavam se reunindo ali pela primeira vez naquele dia, e ninguém tivera tempo de comentar com o outro o que acontecera na noite anterior, *embora todos já soubessem* ~~Mas todos~~ sabiam. E ~~todos~~ tinham feito, sem qualquer planejamento, uma espécie de pacto de silêncio.

63

Ou seja: podia ser que cada uma daquelas pessoas, no fundo do coração, estivesse considerando o inconsiderável, imaginando o inimaginável.

Berta chamou-a . Continuava no seu lugar, vigiando inutilmente a cidade, porque o perigo já entrara, e era maior do que se podia pensar.

- Não quero conversar – disse Chantal. – Não consigo pensar, reagir, dizer qualquer coisa.

- Pois apenas escute. Sente-se aqui.

De todos que havia encontrado desde que acordara, era a única pessoa que a estava tratando com delicadeza. Chantal não apenas sentou, mas abraçou-se com ela. Ficaram assim por muito tempo, até que Berta quebrou o silêncio.

- Vá agora para a floresta. Esfrie a cabeça; voce sabe que o problema não é com voce. Eles também sabem, mas precisam de um culpado.

- É o estrangeiro!

- Eu e voce sabemos que é ele. Mais ninguém. Todos querem acreditar que foram traídos, que voce devia ter contado tudo isso antes, que não confiou neles.

- Traídos?

- Sim.

- Por que querem acreditar nisso?

69

- Pense.

Chantal pensou. Porque precisavam de um culpado. *De uma vítima.*

- Não sei como esta história vai terminar. - disse Berta. -

Viscos é uma cidade de homens de bem - embora, como voce mesmo disse, um pouco covardes. Mesmo assim, talvez seja bom voce passar um tempo longe daqui.

Ela só podia estar brincando; ninguém ia levar a sério a aposta do estrangeiro. *Alem disso, ela* ~~Ninguém~~ Ela não tinha nem dinheiro, nem lugar para onde ir.

O que. Tinha
~~Embora pudesse ter~~ o dinheiro suficiente para ir a qualquer lugar. Não, não queria de jeito nenhum pensar nisso; parecia que Viscos havia sido envenenada ~~por uma nuvem de Maldade~~; Chantal precisava mudar rápido de assunto.

- O que Ahab contava sobre o céu e o inferno?

Neste momento, como por ironia do destino, o homem passou diante delas e foi caminhar pelas montanhas, como fazia todas as manhãs. Cumprimentou-as com a cabeça, e seguiu adiante. Berta acompanhou-o com os olhos, enquanto Chantal procurava verificar se alguém na cidade o tinha visto cumprimenta-las. Diriam que era sua cúmplice. Diriam que havia um código secreto entre os dois.

- Ele está mais sério - disse Berta. - Há algo estranho.

- Talvez tenha se dado conta de que sua brincadeira transformou-se em realidade.

- Não, é algo além disso. Não sei o que é, mas...é como se...não, não sei o que é.

"Meu marido deve saber" pensou Berta, sentindo uma sensação nervosa e desconfortável que vinha do seu lado esquerdo.

Mas não era o momento de conversar com ele.

- Lembra-me de Ahab - disse para a senhora's Praga.

- O que Ahab contava sobre o céu e o inferno? - insistia - Não quero saber de Ahab, de ~~essa~~ histórias, de nada! Quero

Chantal, querendo a todo custo esquecer o dia de hoje, de ontem, voltar que o mundo volte a ser o que era, que viscos - com todos os seus defeitos - não à semana passada, sentar-se num lugar diferente, longe do rio, e deixar que o estrangeiro escolhesse outra pessoa. ^{dejeu escolhida pela} ^{colocou deste} ^{nome!}

- Parece que você ocupa este lugar mais do que pensava.

- Uma velha história, que antigamente os pais passavam para os seus filhos, e agora vejo que está esquecida. Um homem, seu cavalo

Quando passavam perto de uma gigantesca árvore, um raio caiu, e seu cão, caminhavam por uma estrada. Depois de muito caminhar, e todos morreram fulminados. Mas o homem não percebeu esse homem se deu conta de que ele, seu cavalo e seu cão haviam morrido num acidente. As vezes os mortos levam tempo para se dar conta de sua nova condição...

Chantal trança. Berta tomou a alfinete e a colocou na cabeça em seu ombro.

Berta pensou em seu marido, que continuava insistindo para

deixar a moça, já que tinha algo importante a dizer. Talvez já fosse

tempo de lhe explicar que estava morto, e que ^{passava de} ^{interromper} ^{a história:}

- A caminhada era muito longa, morro acima, o sol era forte e

eles ficaram suados e com muita sede. Precisavam desesperadamente de

água. Numa curva do caminho, ^A

avistaram um portão magnífico, todo de mármore, que conduzia a uma

praça calçada com blocos de ouro, no centro da qual havia uma fonte de

97

onde jorrava água cristalina. O caminhante dirigiu-se ao homem que
numa ~~guarda~~ guardava a entrada

“ Bom dia.”

“ Bom dia”- respondeu guarda.

“ Que lugar é este, tão lindo?”

“Aqui é o Céu.”

“Que bom que nós chegamos ao céu, estamos com muita
sede”.

“ O senhor pode entrar e beber água à vontade”. E o guarda
indicou a fonte.

“ Meu cavalo e meu cachorro também estão com sede.”

“ Lamento muito, disse o guarda. Aqui não se permite a
entrada de animais.”

“O homem ficou muito desapontado porque sua sede era
grande. Mas ele
não beberia sózinho, *apadeceu ao guarda, mas
conseguiu adiante* Assim, prosseguiu seu caminho. Depois de muito
caminharem morro acima, já exaustos, chegaram a um sítio, cuja
entrada era marcada por uma porteira velha, que se abria para um
caminho de terra, ladeada de árvores. À sombra de uma das árvores, um
homem estava deitado, cabeça coberta com um chapéu, possivelmente
dormindo.

“Bom dia,” disse o caminhante.

“O homem acenou com a cabeça.

“ Estamos com muita sede, eu, meu cavalo e meu cachorro.”

“Há uma fonte naquelas pedras,” disse o homem e indicando o lugar. “Podem beber a vontade.”

O homem, o cavalo e o cachorro foram até a fonte e mataram a sede.

“O caminhante voltou para agradecer. “Voltem quando quiserem”, respondeu o homem.

“Por sinal, como se chama este lugar?”

“Céu.”

“Céu? Mas o homem na guarita ao lado do portão de mármore disse que

lá era o céu!

“ Aquilo não é o céu, aquilo é o inferno.”

O caminhante ficou perplexo. “Voces deviam evitar isso! Essa informação falsa deve causar grandes confusões!

“De forma alguma: na verdade, eles nos fazem um grande favor. Porque lá ficam ^{falam} aqueles que são capazes de abandonar seus melhores amigos...”

Berta afagou a cabeça da menina, sentiu que ali o Bem e o Mal travavam um combate sem tréguas, e disse para que fosse até a floresta e perguntasse à Naturza para ^{que cidade} onde devia ir.

- Porque, pelo que eu pressinto, nosso pequeno paraíso, encravado nas montanhas, está prestes a mudar de lado.

- Você está errada, Berta. Você pertence a uma outra geração.

O sangue dos malfetores que antes povoavam Viscos está mais denso em suas veias que nas minhas. Os homens e mulheres daqui tem dignidade. Se não tem dignidade, tem desconfiança mútua. Se não tem desconfiança mútua, tem medo.

Hei mo assim, faça o que lhe digo:

- Está bem, eu estou errada. ~~Então, como eu disse,~~ vá escutar a natureza.

Chantal partiu. E Berta se virou para o fantasma do marido, pedindo que ficasse tranquilo, era uma mulher adulta - mais que isso, era uma ~~velha~~ ^{Berta idosa}. Já aprendera a cuidar de si mesma, e agora cuidava da aldeia.

O marido pediu ^{lhe} que tomasse cuidado. Que não desse tanto conselho à moça, porque ninguém sabia onde aquela história ia parar.

Berta ficou surpresa, pois achava que os mortos sabiam tudo - afinal, ~~ele mesmo, o velho e adorado~~ ^{mas fora ele quem a adueteira que o} marido já a avisara de muitos perigos desde que partira.

O marido disse que velha estava ela, porque os mortos conservam a mesma idade. E que, embora soubessem alguma coisa, precisavam de mais tempo para serem admitidos no lugar onde os anjos superiores vivem; ele ainda era um morto recente (não tinha nem vinte

anos desde que deixara a Terra), com muita coisa para aprender, ~~embora~~ ^{mas} já pudesse ajudar bastante.

Berta perguntou se o lugar dos anjos superiores era mais atraente e confortável. O marido disse que ^{ele} estava bem, ^{que} ~~que ele~~ parasse

que o velho e adorado marido já a avisara de muitos perigos desde que partira. e começasse a ter outras memórias além da ~~estrela~~ ^{francês} que ~~quisesse~~ ^{fornar sepa} sempre com a mesma ~~colher.~~ ^{colher.}

quize

94

de brincadeiras e concentrasse sua energia na salvação de Viscos. Não que isso lhe interessasse especialmente – afinal já estava morto, ninguém ainda havia tocado com ele no tema da reencarnação (embora já tivesse escutado algumas conversas a respeito desta possibilidade), e mesmo que a reencarnação fosse algo real, ele pretendia renascer num lugar onde não conhecia. *A única coisa que lhe interessava era que sua mulher ficasse calma e confortável pelo resto do seu dia.*

Então não se preocupe, pensou Berta. Mas o marido não aceitou o conselho; queria, de qualquer maneira, que ela fizesse alguma coisa. Se o Mal vence, nem que seja numa pequena e esquecida cidade de três ruas, uma praça e uma igreja, ele pode contagiar o vale, a região, o país, o continente, os mares, o mundo inteiro.

Embora tivesse 281 habitantes, sendo Chantal a mais jovem e Berta a mais velha, Viscos era controlada por meia dúzia de pessoas; a dona do hotel, responsável pelo bem estar dos turistas, o padre, responsável pelas almas ~~de Viscos~~, o prefeito, responsável pelas leis da caça, a mulher do prefeito, responsável pelo prefeito e por suas decisões, o ferreiro – que tinha sido mordido pelo lobo maldito, e conseguira sobreviver, e o dono da maior parte das terras em torno da cidade. Aliás, tinha sido ele quem vetara a construção do parque infantil, na crença – remota – de que Viscos voltaria a crescer, e o local tinha uma ^{localização} vista excelente para uma casa de luxo.

a construção de

Todos os outros habitantes de Viscos pouco se importavam com o que acontecia ou deixava de acontecer na cidade, porque tinham ovelhas, trigo e famílias para cuidar. Frequentavam o hotel, iam a missa, obedeciam as leis, consertavam seus instrumentos na ferraria, e, vez por outra, compravam terra.

O dono das terras nunca frequentava o bar; soubera da história através da sua empregada, que estava ali aquela noite, e saiu ~~o estrangeiro era um homem rico, e se nada daquilo~~ ^{excitadíssima,} ~~porque finalmente algo novo estava acontecendo, naquela~~ ^{idade.} Preocupado com o futuro – ou seja, com o fato de que a história da Srta. Prym podia se espalhar, afugentando caçadores e turistas, ele convocara uma reunião de emergência. Naquele momento, enquanto Chantal dirigia-se para a floresta, o estrangeiro perdia-se em suas caminhadas misteriosas, e Berta conversava com seu marido a respeito de tentar ou não salvar a cidade, o grupo reunia-se na sacristia da pequena igreja.

forse verdade, podia ser um filho com ele e culpa to a dar. A parte de sua fortuna.

- Bem, acho que a única coisa que temos que fazer é chamar a polícia – disse o dono de terras, ~~o único do grupo que não escutara a~~ ^{Se a minha empregada acalhou na} ~~descrição de Chantal.~~ ^{É claro que este ouro não existe.}

história, é claro que ela é falsa.

- O ouro existe- respondeu o prefeito. – A srta. Prym não ia arriscar sua reputação sem uma prova concreta. Mas isso não muda nada; devemos chamar a polícia. O estrangeiro deve ^{ser} ~~um~~ ^{alguem com sua} ~~bandido~~ ^{que} ~~que~~ ^{está tentando se refugiar aqui.}

- Que tolice! – disse a mulher do prefeito. – Se fosse assim, ^{ele procuraria} ~~ele nos~~ ^{su o mais discreto possível, e ao menos ele não provocou, nos} ~~daria o ouro para que o escondessemos da justiça.~~

- Nada disso vem ao caso. Devemos chamar a polícia, e agora.

Todos concordaram. O padre serviu um pouco de vinho, para que os ânimos serenassem. Começaram a combinar o que diriam à polícia, já que, realmente, não tinham qualquer prova contra o estrangeiro; era bem possível que ^{foi do ferreiro com} ~~no final~~, a srta. Prym ^{se não} ~~fosse~~ presa por incitar o crime.

- A única prova é o ouro. Sem o ouro, nada feito.

Claro. Mas onde estava o ouro? ^{Quem o} ~~A única pessoa que o vira~~ não sabia onde estava escondido.

O padre sugeriu que formassem grupos de busca. A dona do hotel abriu a cortina da sacristia, que dava para o cemitério; mostrou as montanhas de um lado, o vale lá embaixo, e mais montanhas do outro lado.

- Precisariamos de cem homens, durante cem anos.

O dono das terras lamentou silenciosamente que o cemitério tivesse sido construído naquele lugar; a vista era linda, e os mortos não precisavam daquilo.

- Numa outra ocasião, quero conversar com o senhor a respeito do cemitério – disse ~~o dono das terras~~ para o padre. – Posso oferecer um lugar muito maior para os mortos, perto daqui, em troca deste terreno ao lado da igreja.

- Ninguém iria querer compra-lo, para morar num lugar onde antes estavam os mortos.

- Talvez ninguém da cidade; mas existem turistas, loucos por casas de veraneio, e é só uma questão de pedir aos habitantes de Viscos que não comentem nada. Será mais dinheiro para a cidade, mais impostos para a prefeitura.

- O senhor tem razão. É só pedir a todos que não comentem nada. Não será difícil.

E, de repente, fez-se o silêncio. Um longo silêncio, que ninguém ousava quebrar. As duas mulheres ficaram olhando a vista, o padre passou a lustrar uma pequena imagem de hronze, o dono das terras serviu mais um gole de vinho, o ferreiro tirou e recolocou o cadarço de ambas as botas. O prefeito olhava a todo minuto o relógio, como que insinuando outros compromissos.

Mas ninguém se mexia; ninguém iria comentar nada, ^{para} ~~se~~ ~~as~~ terras que antes abrigavam o cemitério ^{podiam ser} ~~fossem~~ vendidas, sem ganhar

um tostão com isso só pelo prazer de ver mais uma pessoa morando na cidade que ameaçava desaparecer. ↗

Imagine se ganhassem.

Imagine se ganhassem dinheiro suficiente para o resto de suas vidas.

Imagine se ganhassem dinheiro suficiente para o resto de suas vidas, e da vida de seus filhos.

Naquele exato momento, um vento quente, absolutamente inesperado, soprou dentro da sacristia.

- Qual é a proposta? – disse o padre, depois de longos cinco minutos.

Todos se voltaram para ele.

- Se os habitantes realmente não disserem nada, acho que podemos seguir adiante nas negociações – respondeu o dono das terras, escolhendo cuidadosamente as palavras, de modo que pudesse ser mal interpretado – ou bem interpretado, dependendo do ponto de vista.

- São pessoas boas, trabalhadoras, discretas – continuou a dona do hotel, utilizando o mesmo estratagema. – Hoje mesmo, por exemplo, quando o entregador de pão quis saber o que estava acontecendo, ninguém disse nada. Acho que podemos confiar neles.

De novo o silêncio. Só que desta vez era um silêncio opressivo, impossível de disfarçar. Mesmo assim, o jogo continuou, sendo ~~que~~ o ferreiro ~~desta vez~~ tomou a palavra:

- O problema não é a discricção dos habitantes, mas o fato de saber que é imoral, inaceitável, fazer isso.

- Fazer o que?

- Vender uma terra sagrada.

Um suspiro de alívio percorreu a sala; agora podiam partir para a discussão moral, já que o lado prático tinha sido avançado bastante.

- Imoral é ver nossa Viscos decadente – disse a mulher do prefeito. *Tei consciência* ~~Saber~~ que nós somos os últimos a viver aqui, e que o sonho de nossos avós, dos ancestrais, de Ahab, dos celtas, vai terminar em

alguns anos. Em breve estaremos também deixando a cidade, seja para um asilo, seja para implorar aos nossos filhos que cuidem de velhos doentes, estranhos, incapazes de se adaptar a cidade grande, saudosos daquilo que deixaram, tristes porque não souberam ter a dignidade de entregar para a próxima geração ^{o presente} aquilo que recebemos, ^{de nossa ancestral}

- Tem razão – continuou o ferreiro. - Imoral é a vida que levamos. ^{Pois} ^{estive quase em ruínas,} ~~E quando Viscos já não valer quase nada,~~ estes campos serão simplesmente abandonados ou comprados por uma ninharia, máquinas chegarão, estradas melhores serão abertas. As casas vão ser demolidas, armazens de aço substituirão aquilo que foi construído como suor dos antepassados. O campo terá uma agricultura mecanizada, as pessoas virão durante o dia e retornarão de noite, as suas casas, longe daqui. Que vergonha para a nossa geração; ^{o que} deixar nossos filhos partirem, ^{foma} ~~sermos~~ incapazes de conserva-los ao nosso lado.

- Precisamos salvar esta cidade de qualquer maneira – disse o dono das terras, que talvez fosse o único a lucrar com a decadência de Viscos, já que podia comprar tudo, antes de revender a qualquer grande indústria. Mas não estava interessado em entregar, a preço ^{abuso do} ~~de~~ mercado, terras que podiam conter uma fortuna enterrada.

- Tem algo para comentar, senhor padre? – perguntou a dona do hotel.

- A única coisa que conheço bem é a minha religião, onde o sacrifício de uma só pessoa salvou toda a humanidade.

O silêncio desceu pela terceira vez, mas foi rápido.

- Preciso preparar-me para a missa de sábado - disse o padre.

- Por que não nos encontramos no final da tarde?

Todos concordaram imediatamente, marcaram uma hora no final do dia, e pareciam ocupadíssimos, como se tivessem algo muito importante esperando. Apenas o prefeito manteve a frieza:

- Muito interessante o que acaba de dizer. Um excelente tema para um belo sermão. Creio que todos nós precisamos ir a missa hoje.

Chantal já não hesitava mais; dirigia-se à pedra em forma de

Y, pensando no que iria fazer assim que pegasse o ouro. Voltar até sua casa, pegar o dinheiro guardado ali, trocar a roupa por uma mais resistente, descer a estrada até o vale, pegar uma carona. Nada de

Nada

de apertar: ~~aquele~~ aquele povo não merece os

loquos do que que quase tiveram ad alcares da mes.

malas; não queria que soubessem que estava deixando Viscos para

sempre - com suas belas mas inúteis histórias, seus habitantes covardes

e gentis, seu bar sempre cheio de pessoas que só conversavam os

mesmos assuntos, sua igreja que jamais frequentava. O ódio que sentira,

meia hora antes, agora já se havia ^{transmutado} em um sentimento muito

mais agradável: vingança.

Estava contente por ter sido ela quem, ^{de uma vez por todas} ~~de uma vez por todas~~ ^{havia mostrado} ~~mostrava~~ a todas aquelas pessoas que eram capazes de, pelo menos,

Sonhando

~~sonhar~~ com a possibilidade de um crime. Sonhar apenas, pois jamais

fariam qualquer coisa - por medo. Dormiriam o resto de suas pobres

alma concluída no fundo de seus olhos somente bondades. todos cotagem

para primeira

do

vidas repetindo para si mesmos que eram nobres, incapazes de uma

mas sabendo que só o terror ~~era~~ havia impedido de matar
injustiça, dispostos a defender a dignidade da aldeia a qualquer custo.

usariam a si mesmas todas as manhãs, e se culpariam
Repetiriam isso toda noite, toda manhã, e passariam o resto do dia
durante cada noite, pelo resto do resto das noites exceto as
sonhando com o dinheiro perdido. *Pior: ficavam para sempre com o amargor*
que o dinheiro perdido.

Durante os próximos tres meses, o único assunto no bar seria

a integridade dos generosos homens e mulheres do vilarejo. Em

seguida, chegava a temporada de caça, e passariam um tempo sem tocar

no assunto - pois os estrangeiros não precisavam saber de nada,

precisavam de
proximo precisavam ter a impressão de que estavam num lugar remoto, onde *o respeito pelo*
compre a natureza acima de tudo
bem sempre imperava, a natureza era amiga, e os produtos locais

vendidos na pequena estante - que a dona do hotel chamava de

"lojinha" - estavam impregnados desta bondade desinteressada.

Mas a temporada de caça terminaria, e logo estariam livres

para conversar de novo sobre o tema. Desta vez, por causa das muitas

tardes sonhando com o dinheiro perdido, começariam a imaginar

hipóteses para a situação: por que ninguém tivera a coragem de, na

calada da noite, matar a velha e inútil Berta em troca de dez barras de

ouro? Por que não tinha havido um acidente de caça com o pastor

Santiago que, todas as manhãs, levava seu rebanho para as montanhas?

considerados,
Várias hipóteses seriam ~~aventadas~~, primeiro com um certo pudor, e logo
com raiva.

Um ano depois, estariam se odiando mutuamente - a cidade

tivera sua chance e a deixara escapar. Perguntariam sobre a Srta. Prym,

que desaparecera sem deixar vestígios, talvez carregando o ouro que

Comentário

vira o estrangeiro esconder. ~~Falar~~ o que havia de pior sobre ela, a orfã, a ingrata, a pobre moça que todos se esmeraram em ajudar depois que a avó morreu, que tinha conseguido um emprego no bar já que fora incapaz de arranjar um marido e sumir, que dormia com os ^{hospedes do hotel, homens} ~~caçadores~~ ^{maio velho que ela,} e jogava o ^{casaco} ~~casaco~~ ^{secretos} ~~no bolso~~ sem que jamais ninguém tivesse comendado nada, embora todos ^{menção de uma gorfeta extra.} soubessem.

Passariam o resto da vida entre a auto-piedade e o ódio;

Chantal estava feliz, essa era a sua vingança. Jamais iria esquecer os olhares daquelas pessoas em volta da furgoneta, implorando o seu silêncio por um crime que nunca ousariam cometer, para ~~logo~~ ^{que} em seguida voltarem-se contra ela, como se fosse a culpada de ~~toda~~ essa covardia. ^{viene finalmente à luz da terra}

Casaco. A calça de couro. Visto duas camisetas, amarro o ouro na minha cintura. Casaco. A calça de couro. Casaco. "

E ali estava ela, diante do Y rochoso. Ao lado, o galho que usara para escavar a terra dois dias antes. ^{Saboreou por um momento} ~~Pegou-o e saboreou-o~~ ^O ~~momento em que se transformaria,~~ de uma pessoa honesta, numa ladra.



Nada disso. O estrangeiro a provocara, e também a ~~ele estava~~ ^{estava} ~~recebendo~~ ^{recebendo} dando o troco. Não estava ~~mais~~ roubando, mas cobrando seu salário por desempenhar o papel de porta-voz na ^{uma} ~~tragédia~~ ^{comédia de mau gosto} que ele criara. ^{Chantal} ~~Fla~~ merecia ~~isso~~ ^{o exat} e muito mais, ⁽¹⁾ por ter passado a vida inteira ali, pelas tres noites sem dormir, pela sua alma que agora estava perdida - se é que

(11)

havia uma alma, e uma perdição, pelos olhares silenciosos de assassinos sem crime em torno de uma furgoneta.

Cavou a terra já fofa, e viu a barra de ouro. Quando a viu, também escutou algo.

Alguém a havia seguido; Automaticamente, Chantal jogou de novo um pouco de terra ^{no buraco} sobre a barra, sabendo da inutilidade do seu gesto. Depois virou-se, pronta a explicar que estava procurando o tesouro, que sabia que o estrangeiro passava por aquela trilha, e ~~aquela~~ terra tinha sido revirada.

loje rotada

que

O que viu, porém, a deixou sem voz porque não estava interessado em tesouros, crises em aldeias, justiça e injustiças; apenas sangue.

A marca branca na orelha esquerda. O lobo maldito.

Estava entre ela e a árvore mais próxima; impossível passar por ele. Chantal ficou absolutamente imóvel, ^{hipnotizada pelo} olhando os olhos azuis do animal, sua mente trabalhava em ritmo frenético, pensando qual seria o próximo passo: Usar o galho, frágil demais para conter a investida do animal. Subir na pedra em forma de Y, baixa demais. Não acreditar na lenda, e assusta-lo, como faria com qualquer outro lobo que aparecesse sózinho; arriscado demais, melhor achar que as lendas ^{tinham} fundamento. ^{sempre uma verdade escondida.}

"Castigo", pensou

Castigo injusto, como tudo que acontecera em sua vida. Mas, mesmo assim, estava sendo punida mais uma vez.

Instintivamente, colocou o galho no chão e, num movimento que lhe pareceu eterno de tão demorado, ~~que foi~~, protegeu o pescoço com os braços; não ^{pois} deixar que ele a mordesse ali. Lamentou que não estivesse com a sua calça de couro; o segundo lugar mais arriscado seria a perna, onde passa uma veia que, uma vez rompida, a deixaria sem sangue em dez minutos. *pele menos ou o que difiam os caçadores.*

O lobo abriu a boca e rosnou. Um barulho surdo, perigoso, de quem não ameaça, apenas ataca. Ela manteve ^{agora} ~~fixo o~~ olhar em seus olhos, embora o coração disparasse, pois os dentes ^{estavam} estavam à mostra.

~~Agora era~~ ^{decidiu} uma questão de tempo; ou ele atacava, ou ia embora. Mas Chantal sabia que ele iria atacar. Olhou o terreno, ^{Decidiu} procurou alguma pedra solta que a fizesse escorregar, não viu nada. Iria partir em direção ao animal, seria mordida, correria com ele agarrado ao seu corpo até a árvore. Precisava ignorar a dor.

Pensou no ouro. Pensou que em breve voltaria para busca-lo. Alimentou todas as esperanças possíveis, tudo que lhe desse qualquer tipo de força para enfrentar a carne sendo dilacerada pelos dentes afiados, o osso aparecendo, a possibilidade de cair e ser atacada no pescoço.

E preparou-se para correr. Neste minuto, como num filme, viu que alguém aparecia por detrás do lobo, embora a uma distância considerável.

O animal também farejou outra presença, mas não ^{mostrou a} ~~tirou os~~ olhos dela, e ela ^{continuou a manter seu} ~~também manteve~~ seu olhar fixo. Parecia que era

justamente ^{o força do seu} ~~isso~~ que ^{o lobo} ~~evitava~~ ^{impedia} que o animal ^{caísse} ~~atacasse~~, e não desejava correr ^{caísse sobre ela} ~~mais~~ nenhum risco; se alguém tinha aparecido, as chances de sobreviver aumentavam. ^{mesmo que isso custasse sua vida de ouro.}

A presença por detrás do lobo abaixou-se silenciosamente, e depois moveu-se para a esquerda. Chantal sabia que ali havia outra árvore, fácil de escalar.

^{é neste momento,}
- Foi quando uma pedra rasgou o céu, e caiu perto do animal. O lobo voltou-se com uma agilidade nunca vista, ^{começou} e ~~correu~~ em direção à ameaça.

- Fuja! - gritou o estrangeiro.

^{Ela}
Chantal correu em direção ao seu único refúgio, enquanto o homem também subia na outra árvore, com uma agilidade incomum.

Quando o lobo maldito chegou perto, ele já estava seguro.

O lobo começou a rosnar e a saltar, ^{conseguindo} ~~as vezes~~ ameaçando subir ^{um pedaço} ~~de~~ ^{no} tronco, para escorregar logo em seguida.

- Arranque uns galhos! - gritou Chantal.

Mas o estrangeiro parecia estar ^{numa espécie de transe, entre} ~~entre~~ hipnotizado e petrificado. Ela insistiu duas, tres vezes, até que ele entendesse o que pedia; ~~ele~~ ^{ele} começou a arrancar os galhos, e atira-los em direção ao animal.

- Não faça isso! Arranque os galhos, junte-os, e ponha fogo neles! Eu não tenho isqueiro, faça o que estou mandando!

Sua voz soava com a autoridade de quem está numa situação extrema. ^{o estrangeiro juntou} O estrangeiro ~~começou~~ a juntar os galhos, e demorou uma

eternidade para atear fogo; a tempestade ^{do dia anterior} ~~de dias~~ antes deixara tudo ensopado, e o sol não batia ali naquela época do ano.

Chantal esperou que as chamas do archote improvisado tivessem crescido o suficiente, ~~para não traírem o homem.~~ Por ela, deixava-o ficar ali o resto do dia, enfrentar o medo que ele queria impor ao resto do mundo, mas precisava ~~também~~ sair, e era forçada a ajuda-lo.

- Agora mostre que é um homem - gritou. - Desça da árvore, segure firme o archote, e mantenha o fogo na direção do lobo!

O estrangeiro estava paralizado.

- Faça isso! - gritou de novo ~~Chantal~~, e o homem, ao ouvir sua voz, compreendeu ~~toda~~ a autoridade que se escondia por detrás de

suas palavras - uma autoridade que vem do terror, da capacidade de reagir rápido, ^{deixando o medo e o espinamento para depois.} ~~para sofrer e pensar depois.~~

~~Ele~~ ^{Ele} desceu com o archote nas mãos, ignorando as fagulhas que, vez por outra, queimavam seu rosto. ^{de perto} ~~Viu~~ ^{animal} os dentes e a espuma na boca do lobo, seu medo crescia, mas era preciso fazer algo - algo que devia ter feito, quando sua mulher fora sequestrada, seus filhos mortos. ^{era preciso} ~~reagir.~~

- Não desvie seu ~~olhos~~ olhos do animal! - escutou a moça dizer.

Ele obedeceu. As coisas ficavam ^{a cada instante} ~~mais fáccis~~, já não estava olhando as armas do inimigo, mas o próprio inimigo em si. Estavam em igualdade de condições, ambos eram capazes de provocar ~~medo~~ terror / nm no outro.

Colocou os pés no chão, o lobo recuara, assustado com o fogo. Continuava a rosnar e saltar, mas não chegava perto.

- Ataque-o!

Ele avançou em direção ao animal, que rosou mais forte que nunca, mostrou os dentes, ^e ~~mas~~ recuou mais ainda.

- Persiga-o! Afaste-o daqui!

O fogo agora estava mais alto, ^e ~~mas~~ o estrangeiro notou que, em breve, estaria queimando suas mãos; não tinha muito tempo. Sem pensar muito, e mantendo o olhar fixo naqueles sinistros olhos azuis, correu em direção ao lobo; este deixou de rosar e saltar - deu meia-volta, e embrenhou-se de novo na floresta.

Chantal desceu da árvore num piscar de olhos. Em pouquíssimo tempo havia colhido um punhado de gravetos no chão, e feito o seu próprio archote.

- Vamos embora daqui. Rápido.

- Para onde?

Para onde? Para Viscos, onde todos ^{assustados} ~~veriam~~ os dois ~~chegarem~~ ^{chegando} juntos? Para outra armadilha, onde o fogo não ^{produz} ~~fazia~~ qualquer efeito? Ela deixou-se cair no chão, uma dor imensa nas costas, o coração disparado.

- Faça uma fogueira - disse para o estanciro. Deixe-me pensar.

Tentou mover-se, e deu um grito. Era como se um punhal tivesse sido cravado em seu omro. O estrangeiro juntou folhas, galhos, e fez a fogueira. A cada movimento, Chantal contorcia-se de dor, e

deixava escapar um gemido surdo; devia ter se machucado seriamente, enquanto subia na árvore.

- Não se preocupe - disse o estrangeiro. - Já tive isso antes.

Quando o organismo chega a um extremo de tensão, os músculos se contraem e nos pregam esta peça. Deixe-me massageá-la.

- Não me toque. Não se aproxime. Não converse comigo.

Dor, medo, vergonha. Com toda certeza o estrangeiro estava ali quando desenterrara o ouro, e sabia porque *ele tinha um demônio com ele, e o demônio controlava realmente conhecia a*

alma das pessoas, que desta vez ela iria *carregá-lo com este novo ato*

ele também
Como sabia que, neste instante, a cidade inteira estava

sonhando em cometer o crime. Como sabia que não fariam nada, porque tinham medo, mas a intenção era o bastante para responder a sua pergunta: o ser humano é essencialmente mau. Como sabia que ela iria fugir, a aposta que os dois fizeram na noite anterior já não significava mais nada, e ele podia voltar de onde veio (de onde veio?) com seu tesouro intacto, e suas suspeitas confirmadas.

Tentou sentar-se na posição mais confortável possível, mas não havia nenhuma; restava ficar imóvel. O fogo iria manter o lobo distante, mas em breve chamaria a atenção dos pastores que caminhavam por ali. *E os dois seriam vistos juntos.*

Percebeu-se que era um sábado.
Não era sábado. As pessoas estavam nas suas casas cheias de

bibelôs horríveis, reproduções de quadros famosos pregadas na parede, imagens de santos, tentando distrair-se - e, naquele final de semana, tinham a melhor distração desde que a II Guerra Mundial terminara.

Depois iriam a igreja, pedir perdao pelo que haviam pensado, dormiriam a maior parte da tarde, conversariam sobre o tempo – sempre o tempo! – acordariam de noite para o jantar. A única coisa realmente boa era a comida; todos aqueles homens e mulheres de Viscos sabiam cozinhar pratos capazes de converter o próprio demônio ao cristianismo.

Um demônio, por sinal, estava sentado na frente dela. Outro, invisível, estava ao seu lado, dizendo que podia fazer o que desejava, pegar o ouro, ir embora.

- Não converse comigo.
- Não disse nada respondeu o estrangeiro.

Chantal pensou em chorar, mas não queria faze-lo diante dele. Controlou as lágrimas.

- Salvei sua vida. Mereço o ouro.
- Eu salvei sua vida.*O lobo iria ataca-la.

Era verdade.

- Por outro lado, acho que salvou algo dentro de mim –
continuou o estrangeiro.

Um truque. Mas ~~ela~~ fingir que não havia percebido; aquilo era uma espécie de permissão para pegar sua fortuna, ir embora dali para sempre, e ponto final.

- A aposta de ontem. Minha dor era tão grande que eu precisava fazer com que todos sofressem igual a mim; seria o meu único consolo. Voce tem razão.

O demônio do estrangeiro não estava gostando do que ouvia. Pediu ao demônio de Chantal que o ajudasse, mas este era um recém-chegado, e ainda não tinha total controle sobre a moça.

- Isso muda alguma coisa?

- Nada. A aposta continua, e sei que vou ganhar. Mas entendo o miserável que sou, assim como entendo porque me tornei miserável: porque acho que não merecia o que me aconteceu.

Chantal perguntou a si mesma como sairiam dali; embora ainda fosse de manhã, não podiam ficar por lá indefinidamente.

- Eu acho que mereço o meu ouro, e vou pega-lo, a não ser que voce me impeça - disse ela. - Aconselho-o a fazer a mesma coisa; nenhum dos dois precisa retornar a Viscos, ^{podemos} ir direto para o vale, pegar uma carona, e cada um segue o seu destino.

- Voce pode ir. Mas, neste momento, os habitantes da cidade estão decidindo quem vai morrer.

- Pode ser. Ficarão decidindo isso pelos próximos dois dias, até que o prazo se esgote; em seguida, passarão dois anos discutindo quem devia ter sido a vítima. São indecisos na hora de agir, e implacáveis na hora de culpar os outros. ^{eu conheço} eu conheço minha aldeia. Se voce não voltar, eles nem sequer se darão ao trabalho de discutir; vão achar que foi tudo uma invenção minha.

- Viscos é igual a qualquer outra aldeia do mundo, e tudo que se passa nela, se passa ~~em maior ou menor escala~~ em todos os continentes, cidades, acampamentos, conventos, não importa onde. Mas

entende como não entende que, desta
vez, o destino trairá a favor:
voce não sabe disso e assim quis o destino, eu escolhi a pessoa certa
para me ajudar.

“Alguém que, por detrás da aparência de mulher trabalhadora e honesta, também quer vingar-se. Como não podemos ver o inimigo, - porque, se levarmos esta história até o fundo, o verdadeiro inimigo é Deus, que nos fez passar pelo que passamos - descontamos nossas frustrações em tudo que nos cerca. Uma vingança que nunca é saciada, porque se dirige contra a própria vida. “

- O que estamos conversando aqui? - disse Chantal, irritada porque aquele homem, o homem que mais odiava no mundo, conhecia muito bem a sua alma. - Por que não pegamos o dinheiro, e partimos?

- Porque ontem me dei conta que, ao propor aquilo que mais me repugna - um assassinato sem motivo, como aconteceu com minha mulher e minhas filhas - na verdade eu estava querendo me salvar.

Lembra-se de um filósofo que citei em nossa segunda conversa? Aquele que dizia que o inferno de Deus é justamente seu amor pelos homens, porque a atitude humana O atormenta a cada segundo de Sua vida eterna? Pois bem, este mesmo filósofo disse outra coisa: *o homem precisa daquilo que em si há de pior, para alcançar o que nele existe de melhor.*

- Não entendo.

- Antes eu apenas pensava em me vingar. Como os habitantes de sua aldeia, eu sonhava, planejava dia e noite, e não fazia nada. Por algum tempo acompanhei, através da imprensa, pessoas que tinham

perdido seus entes queridos em situações semelhantes, e terminaram

agindo de maneira exatamente oposta à minha: criaram grupos de apoio

às vítimas, entidades para denunciar injustiças, iam para a televisão

dizer que bastava a dor da perda, que ela não podia ser substituída pelo

fardo da vingança.

*fardo nunca
pode ser
substituído
pelo fardo da
vingança.*

“Tentei, eu também, olhar as coisas através de um ângulo mais generoso. Não consegui. Mas agora que tomei coragem, que cheguei a este extremo, descobri, lá no fundo, uma luz.

- Continue – disse Chantal, porque, também ela estava vendo algum tipo de luz.

- Não estou querendo provar que a humanidade é perversa. Estou querendo, isso sim, provar que eu mereço as coisas que me aconteceram – porque sou mau, um homem totalmente degenerado, e mereci o castigo que a vida me impôs.

- Você está querendo provar que Deus é justo.

O estrangeiro pensou um pouco

- Pode ser.

- Não sei se Deus é justo. Pelo menos, Ele não tem sido muito correto comigo, e o que tem me destruído a alma é esta sensação de impotência. Não consigo ser boa como desejaria ser, nem má como acho que preciso. Penso que você tem as mesmas dúvidas, embora numa escala muito maior: sua bondade não foi recompensada, e o Senhor virou suas costas.

Chantal surpreendia-se com suas próprias palavras. O demônio do estrangeiro notava que o anjo da moça começava a brilhar com mais intensidade, e as coisas estavam se invertendo por completo.

“Reaja” insistia com o outro demônio.

“Estou reagindo” ele respondia. “Mas a batalha é dura”.

- Continue – foi a vez do estrangeiro pedir. – Por favor, continue.

- Não sei se o que digo faz sentido. Mas voce deve ter notado que Viscos não é uma cidade muito religiosa, embora tenha uma igreja, como todas as cidades da região. Justamente porque Ahab, embora tivesse sido convertido por São Savin, tinha sérias dúvidas sobre a influência dos padres; como a maior parte dos primeiros habitantes eram bandidos, achava que tudo que os sacerdotes faziam era conduzi-los de volta ao crime, com suas ameaças de tormento eterno. Homens que não tem nada a perder, ^{jamais} tampouco pensam na vida eterna.

“Claro que o primeiro padre apareceu, e logo Ahab percebeu a ameaça. Para compensa-la, instituiu algo que aprendera com os judeus: o dia do perdão.

“Uma vez por ano, os habitantes trancavam-se em sua casa, faziam duas listas, voltavam-se em direção à montanha mais alta, e levantavam a primeira lista para os céus.

“Eis aqui, Senhor, os meus pecados para contigo”, diziam, lendo a relação de faltas que haviam cometido. Trapaças nos negócios,

adultérios, injustiças, ~~e~~ coisas do gênero. "Pequei muito, e Te peço perdão por te-Lo ofendido tanto."

"Em seguida, o habitantes tiravam a segunda lista do bolso, também a levantavam para o céu, com o corpo voltado em direção à mesma montanha. ~~Então~~ ^E diziam alguma coisa como: "Entretanto, eis aqui, Senhor, a lista dos Teus pecados para comigo: me fizeste trabalhar além no necessário, minha filha caiu doente apesar das minhas preces, fui roubado quando tentei ser honesto, sofri além do necessário."

"Terminada de ler a segunda lista, eles completavam o ritual: "Tu fui injusto para Contigo, e Tu foste injusto comigo. Entretanto, como hoje é o dia do perdão, Tu irás esquecer minhas faltas, eu esquecerei as Tuas, e poderemos continuar juntos por mais um ano."

- Perdoar Deus - disse o estrangeiro. -- ~~Como estas árvores a nossa volta. O perdoam, passam parte do ano fazendo um imenso esforço para que suas folhas nasçam, e logo vem o inverno, arrazando tudo de novo. Implacável.~~

divulgar

"Não estou gostando nada desta conversa", pensou o demônio do estrangeiro, que já começava a ver uma luz brilhando ao seu lado, uma presença que, de maneira nenhuma, ia admitir ali. Já havia afastado esta luz há dois anos atrás, numa das muitas praias do mundo.

95

— abeir pajina —

Por causa do excesso de lendas, de influências de celtas e protestantes, de alguns péssimos exemplos ^{tal arabe} do homem que pacificara aquela cidade, da constante presença de santos e bandidos nas redondezas, ^{o padre sabia} Viscos não era exatamente uma cidade religiosa, embora seus habitantes frequentassem os batizados e casamentos (que hoje em dia eram apenas uma lembrança remota), funerais (que, acreditava-se, aconteciam com frequência cada vez maior), e a missa de Natal. De resto, poucas pessoas davam-se ao trabalho de ir às duas missas semanais — uma no sábado, outra no domingo, ambas as 11 horas da manhã; ^{de} Mesmo assim, o padre fazia questão de rezá-las, nem que fosse para justificar sua presença ali; ^{e, embora se fizesse} só trabalhava mesmo estas duas vezes por semana, ~~mas~~ queria dar a impressão de um homem santo e ocupado.

Para sua surpresa, a igreja naquele dia estava tão cheia que ^{recorreu} foi obrigado a permitir que algumas pessoas ficassem em volta do altar - ou não caberia todo mundo. Ao invés de ligar os aquecedores elétricos que pendiam do teto, foi obrigado a pedir que abrissem as duas pequenas janelas laterais, já que as pessoas suavam; O padre perguntava a si mesmo se aquele suor era devido ao calor.

A aldeia em peso estava ali, exceto pela Srta. Prym — talvez envergonhada por ter dito o que dissera no dia anterior ^é a velha Berta, que todos suspeitavam ser uma bruxa alérgica à religião.

- Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

Um "Amém" forte ecoou. O padre começou a liturgia, disse a introdução, mandou a beata de sempre fazer a leitura, entoou solenemente o salmo responsorial, e recitou o evangelho com uma voz pausada e severa. Em seguida, todos que podiam sentaram-se, e o resto

enquanto o resto permaneceu ficar de pé.

nos bancos se sentassem,

Era chegada a hora do sermão.

- No evangelho de Lucas, há um momento em que um homem importante aproxima-se de Jesus e lhe pergunta: *Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?* E, para nossa surpresa, Jesus responde: *Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um só que é Deus.*

"Durante muitos anos, eu me debrucei sobre este pequeno fragmento de texto, tentando entender o que disse Nosso Senhor: que Ele não era bom? Que todo Cristianismo, com sua idéia de caridade, está baseado nos ensinamentos de alguém que se considerava mau? Até que finalmente entendi: Cristo, neste momento, se refere à sua natureza humana; enquanto homem, ele é mau. Enquanto Deus, ele é bom."

O padre deu uma pausa, esperando que os fiéis entendessem o recado. Estava mentindo para si mesmo: continuava sem entender o que Cristo dissera, ^{pois,} ~~já que~~ - se na sua natureza humana era mau, suas palavras e seus gestos também o seriam. Além do mais, nesse momento, Ele está negando sua própria natureza divina. Mas isso ^{era} uma discussão teológica que não interessava agora; o importante era que sua explicação fora convincente.

97

- Não vou me estender muito hoje. Quero que todos vocês compreendam que faz parte do ser humano ^{Sabei que somos todos maus,} aceitar que é basicamente mau, e só não ^{foi} condenado por isso porque Jesus deixou-se sacrificar para salvar a humanidade. Repito: o sacrifício do filho de Deus nos salvou. O sacrifício de uma só pessoa.

“Quero encerrar este sermão lembrando o começo de um dos livros sagrados que compõem a Bíblia, o Livro de Jó. Deus está no seu trono celeste, quando o demônio vai conversar com ele. Deus pergunta onde ele esteve; “venho de um grande passeio no mundo”, responde o demônio.

“Então, viste o meu servo Jó? Viste como ele me adora, e faz todos os seus sacrifícios?”

“O demônio ri e argumenta: afinal de contas, Jó tem tudo, por que não iria adorar a Deus e fazer sacrifícios? ¹¹ Mas tira o bem que lhe deste, e vamos ver se ele continua adorando o Senhor?” ^{desafia o} demônio.

“Deus aceita a aposta. Ano após ano, castiga aquele que mais O amava. Jó está diante de um poder que não compreende, que julgava ser a Suprema Justiça, mas que vai lhe tirando o gado, matando os filhos, enchendo seu corpo de chagas. Até que, depois de sofrer muito, Jó revolta-se, e blasfema contra o Senhor. Só neste momento, Deus lhe devolve aquilo que lhe havia tirado.

castiga

“Há anos temos assistido a decadência ~~de nossa~~ cidade; penso agora se isso não é fruto de um castigo divino, justamente porque

sempre aceitamos tudo que nos é dado sem reclamar, como se merecessemos perder o lugar que habitamos, os campos que cultivamos o trigo e as ovelhas, as casas que foram erguidas com os sonhos ^{e o suor} ~~de~~ ^{da} ~~nossos~~ antepassados. Será que não é chegado o momento de nos rebelarmos? Se Deus obrigou Jó

a fazer isso, não estará também nos pedindo a mesma coisa?

“Por que Deus obrigou Jó a fazer isso? Para provar que sua natureza era má, e tudo que lhe concedia era pela graça, não pelos ^{seu bom comportamento.} agradecimentos. Nós temos pecado pelo orgulho de nos acharmos bons demais -- e daí o castigo que sofremos.

“Deus aceitou a aposta do demônio, e -- aparentemente -- cometeu uma injustiça. Lembrem-se bem: Deus aceitou a aposta do demônio. E Jó aprendeu a lição, porque, como nós, pecava pelo orgulho de achar-se merecedor dos castigos, já que acreditava ser um homem bom.

“Ninguém é bom”, diz o Senhor. Ninguém. Chega de ficar fingindo uma bondade que ofende a Deus, e aceitamos nossas faltas; se algum dia for preciso aceitar uma aposta do demônio, lembremos que o Senhor, que está nos céus, fez isso, para salvar a alma do seu servo Jó.”

O sermão havia terminado. O padre pediu para que todos ficassem de pé, e continuou o ofício religioso. Não tinha dúvidas que o recado havia sido bem compreendido.

— abrir página —

- Vamos embora. Me ensine como vender a minha barra de ouro, e vamos embora. Cada um para o seu lado. *Eu com minha barra de ouro, você...*

- A minha barra de ouro - *intencionalmente* disse o estrangeiro.

- Para voce, *pegar suas* ~~é~~ pegar as coisas e sumir. Se eu não tiver este ouro, terei que voltar a Viscos. Serei despedida, ou estigmatizada por toda a população. Vão achar, para sempre, que ~~eu~~ menti. Voce não pode, simplesmente não pode fazer isso comigo.

O estrangeiro levantou-se, pegou alguns galhos que ardiam na fogueira:

- O lobo sempre fugirá do fogo, não é verdade? Pois eu estou indo para Viscos. Faça o que achar melhor, roube e fuja, isso não é mais comigo. Tenho outra coisa importante a fazer.

- Um momento! Não me deixe aqui sózinha!

- Venha comigo, então. ~~Conversaremos no caminho.~~

Chantal olhou a fogueira diante de si, a pedra em forma de Y, o estrangeiro que já se afastava carregando o *peste do* fogo consigo. Podia fazer a mesma coisa: pegar alguns galhos da fogueira, desencavar o ouro, e ir direto para o vale; não tinha a menor importancia voltar em casa e pegar os trocados que guardara com tanto cuidado, *Quanto chofense na cidade que se encontrava no final do vale* ~~Lia~~ *iria* direto para a grande cidade a 40 kms daqui, entraria no banco, pediria que avaliassem o ouro, venderia, *compraria roupas e malas, estava livre.*

- Espere! – gritou para o estrangeiro, mas ele continuava a caminhar em direção a Viscos, e logo o perderia de vista. “Pense rápido” pedia a si mesma.

Não tinha muito o que pensar. Ela também pegou alguns galhos da fogueira, foi até a pedra, e tornou a desenterrar o ouro. Pegou-o, limpou-o com o vestido, contemplou-o mais uma vez.

E, de repente, viu o que não tinha conseguido ver até aquele momento, embora já tivesse segurado antes aquela barra.

Foi tomada de pânico. Agarrou um punhado de lenha da fogueira, e correu em direção ao caminho que o estrangeiro devia estar percorrendo, o ódio transpirando por todos os seus poros. Encontrara dois lobos no mesmo dia, um que se assustava com fogo, outro que não se assustava com mais nada, porque já perdera tudo que era importante, e agora avançava, cegamente, para destruir ^{o que espantava} ~~tudo o que estava~~ diante dele.

Uma armadilha tão primária, e ela havia caído! Depois de conversar e dormir com tantos caçadores, passar anos olhando a floresta e tentando aprender com a natureza, conhecer todas as histórias que o sábio Ahab deixara para a população de Viscos.

Correu o mais que pode, mas não o encontrou. Ele devia estar na floresta, a esta hora já com o archote apagado, desafiando o lobo maldito; querendo morrer com tanta intensidade quanto queria matar.

Chegou à cidade, fingiu que não escutou o chamado de Berta, cruzou com a multidão que saía da missa, e estranhou o fato de

praticamente toda a aldeia fora à igreja. O estrangeiro queria um crime, e terminara por encher a agenda do padre; seria uma semana de confissões e arrependimentos. ~~Covardes~~ como se pudessem enganar a Deus.

Todos a olharam, mas ninguém lhe dirigiu a palavra. Ela sustentou cada um dos olhares, porque sabia que não tinha qualquer tipo de culpa, não precisava se confessar. Era apenas um instrumento num jogo maligno, que compreendia aos poucos – e não gostava nada do que estava vendo.

Trancou-se no quarto. Olhou pela janela. A multidão já se havia dispersado, e de novo algo estranho se passava; a aldeia estava muito deserta para um sabado de sol. Geralmente as pessoas ficavam conversando em pequenos grupos, na praça onde antes estivera uma lôrca, e agora estava a cruz.

Ficou algum tempo olhando a rua deserta, e o sol que não esquentava, porque o inverno estava começando. Se as pessoas estivessem na praça, estariam justamente discutindo sobre isso – o tempo. A temperatura. A ameaça de chuva ou de seca. Mas elas estavam em suas casas, e Chantal não sabia por que.

Quanto mais olhava a rua, mas ~~se~~ sentia igual a todas aquelas pessoas – justamente ela, que se julgava diferente, ousada, cheia de planos que nunca haviam passado pela cabeça daqueles camponeses. Era tão covarde como cada um daqueles habitantes; tivera a oportunidade de roubar o ouro, e não roubara. Por medo, por terror. Podia sair dali com ele; buscar um bar mal frequentado ao invés de

bancos; conversar com ladrões como ela, ao invés de caixas engravatados e cheios de precauções.

Que vergonha. E ao mesmo tempo, que alívio; estava em Viscos não por uma injustiça do destino, mas porque merecia, sempre se achara diferente, e agora se descobria igual. Cometia o crime na

alma, mas era incapaz de materializa-lo no mundo real. *Embora sentisse que, na verdade, não deveria cometê-lo*
~~Quer~~ *Quer*ia esquecer tudo. Seu corpo ainda estava dolorido, mas *de nenhuma maneira, porque aquilo não era uma fantasia,* ela conseguiu deitar-se na cama, fechar os olhos, e cair num sono *era apenas uma armadilha* profundo.

O recém-chegado demônio olhou para o lado, e viu que a luz da Srta. Prym, antes ameaçando crescer, agora já estava de novo quase desaparecendo; Pena que o seu companheiro não estivesse ali para ver sua vitória.

O que ele não sabia era que os anjos também tem sua estratégia: neste momento, a luz da Srta. Prym havia se ocultado apenas para não despertar a reação de seu inimigo. Tudo que ~~ele~~ ^{seu anjo} precisava era que ela dormisse um pouco, para poder conversar com sua alma, sem a interferência dos medos e culpas que os seres humanos adoram carregar todos os dias.

Charley dormiu. E ~~ele~~ ^{seu anjo} escutou o que precisava escutar.

- Não precisamos ficar falando de terrenos ou de cemitérios

disse a mulher do prefeito, assim que tornaram a se encontrar na sacristia. - Vamos ser claros.

Os outros cinco concordaram.

- O senhor padre me convenceu - disse o dono das terras. -

Deus justifica certos atos.

- Não seja cínico - respondeu o padre. - Quanto olhamos por aquela janela, entendemos tudo. Por isso o vento quente soprou; o demônio havia conseguido entrar.

- Sim - concordou o prefeito. - Todos nós já estávamos convencidos. É melhor falar claro, ou perderemos um tempo precioso.

- Eu tomo a palavra - disse a dona do hotel. - Estamos pensando em aceitar a proposta do estrangeiro. Cometer um crime.

- Oferecer um sacrifício - disse o padre, mais acostumado com os rituais religiosos.

Todos concordaram com a cabeça.

- Vamos dizer em voz alta, para que Deus nos escute, e saia
Afuehem-se. Todos se ajoelharam a
que fazemos isso pelo bem de Viscos. Vamos dizer: "Senhor, Tu
disseste que ninguém é bom; aceita-nos com as nossas imperfeições, e
perdoa-nos em Tua infinita generosidade e em teu infinito amor. Assim
como perdoastes os cruzados que mataram os muçulmanos, para
reconquistar a Terra Santa de Jerusalém, assim como perdoastes os
Inquisidores que queriam conservar a pureza da tua Igreja, assim como

um hipócrita, sabendo
que era inútil,
pediu perdão a
um Deus que
nem sequer tinha
certeza que existia;
mas era
o momento em
que cada um
precisava ceder
um pouco; não
quem queria
construir o
país.

perdoastes aqueles que te injuriaram e te cravaram na cruz, perdoa-nos porque precisamos oferecer um sacrificio e salvar uma cidade. "

O padre repetiu a oração, e todos rezaram com ele.

levantando-se

- Vamos agora ao lado pratico - falou a mulher do prefeito,

Quem será oferecido em holocausto. E quem executará o sacrificio.

- Uma moça que tanto ajudamos e apoiamos, trouxe o demonio para este lugar - disse o dono das terras, que num passado não muito remoto dormira justamente com esta moça, e desde então vivia atormentado com a possibilidade de que um dia ela contasse ^{o fato} para sua mulher. - O mal se combate com o mal, e ela precisa ser punida.

Duas pessoas concordaram, alegando que, além disso, a Sra. Prym era a única pessoa da aldeia em que não podiam confiar - pois julgava-se diferente dos demais, e vivia dizendo que iria embora um dia.

- Sua mãe morreu. Sua avó morreu. Ninguém notará a sua falta - ^{come a falar} disse o prefeito, tornando-se a terceira pessoa a aprovar a idéia.

A mulher do ^{dela} prefeito, porém, foi contra:

- Suponhamos que ela saiba onde está o tesouro; afinal de contas, foi a única que o viu. Além do mais, podemos confiar nela justamente pelo que foi dito aqui - foi ela quem trouxe o mal, que induziu todo um povoado a pensar em um crime.

o resto da aldeia permaneceu em silêncio, sem sua palavra contra a

- Por que deseja salva-la, se não gosta dela?

- Eu entendo - disse o padre. - Para que a culpa recaia na cabeça de quem provocou a tragédia. Ela irá carregar esse fardo pelo

105

resto de seus dias e noites; talvez acabe como Judas, que ^{depois} suicidou-se -
com gesto desesperado e inútil, já que ~~havia~~ ^{sem gesto já havia}
depois de ter criado as condições para o crime.

^{favorecer}
A mulher do prefeito ficou ~~pasmo~~ ^{suspensa} com o raciocínio do padre
- era exatamente aquilo que havia pensado. A moça era bela, tentava os

homens, não aceitava uma vida igual a todos os de Viscos, estava
sempre reclamando ^{pelo fato} ~~per~~ ^{além de bela e tão generosa} ~~morar num lugar~~ ^{com seus habitantes,} onde muitas pessoas
^{um lugar}

adorariam passar suas vidas (estrangeiros, é claro, que logo partiriam
depois de descobrir como é aborrecido ^{viver constantemente} ~~um lugar~~ em paz).

^{do Srta}
- Não vejo outra pessoa - ~~foi a vez~~ ^{de falar} da dona do hotel. Os
camponeses e pastores são unidos. ~~Estão todos casados,~~ ^{tem} filhos
longe daqui, que um dia podem suspeitar do que aconteceu. ~~A~~ Srta.
Prym é a única que pode desaparecer sem deixar traços.

Por motivos religiosos - afinal, Jesus amaldiçoava ~~aqueles~~
que acusam ~~um~~ ^{um} inocente - o padre não queria apontar ninguém. Mas
sabia quem era a vítima, e devia fazer com que todos descobrissem.

- Os habitantes de Viscos trabalham de sol a sol, de chuva à
chuva. Todos têm uma tarefa a cumprir, inclusive esta pobre coitada,
que o demônio resolveu usar. ^{para os seus propósitos malignos.} Já somos poucos, e não podemos nos dar
ao luxo de perder mais um par de braços, que traz um pouco de riqueza
para esta cidade.

- Então, senhor padre, não temos vítima. Precisamos torcer
para que apareça ~~um~~ outro estrangeiro esta noite, e mesmo assim seria
arriscado, pois seguramente terá uma família que o buscará até os
confins do mundo. ^{em} ~~Viscos~~ ^{todos os países de braços trabalham, e qual} é um lugar de trabalhadores honestos, que

ganham o pão trazido pela furgoneta ^(com meu's capisco) com o suor de cada um de seus habitantes.

- Vocês tem razão – disse o padre. – Talvez tudo que tenhamos vivido desde ^(de) ontem a noite seja apenas uma ilusão. Todos nesta cidade tem uma ^{alguem para contar suas feitura} mulher ou um homem para compartilhar o leite, e ninguém aceitará que seu ente querido seja tocado. Apenas tres pessoas dormem sózinhas: eu, a senhora Berta, e a Srta. Pryn.

- O senhor está se oferecendo em sacrificio?

- Tudo pelo bem da cidade.

As outras cinco pessoas ali ficaram aliviadas, perceberam de repente que era um sábado de sol, que não haveria mais crime, apenas um martírio. A tensão na sacristia desapareceu como por encanto, e a dona do hotel sentiu impulso de beijar os pés daquele santo.

- Exceto por uma coisa – continuou o padre. Vocês precisam convencer a todos que matar um ministro de Deus não é pecado mortal.

- O senhor explicará isso a Viscos! – disse ^(animado) o prefeito, já ^{parando} ~~vendendo~~ as várias reformas que ia fazer com o dinheiro, a publicidade que iria colocar nos ^{lendas} ~~locais~~ da região, atraindo novos investimentos porque os impostos haviam caído, chamando turistas porque iria subvencionar algumas reformas no hotel, ^{cabos} ~~mandar~~ instalar um ^{desse os mesmos} ~~treco~~ telefônico que não ~~vivesse dando~~ os problemas do atual sistema.

107

- Não posso fazer isso – disse o padre. – Os mártires se ofereciam quando o povo os queria matar. Mas jamais provocavam a própria morte, pois a Igreja sempre disse que a vida é um dom de Deus.* Vocês explicam.

- Ninguém vai acreditar. Vão achar que somos assassinos da pior espécie, que matamos um homem santo por dinheiro, assim como Judas fez com Cristo.

O padre deu de ombros. De novo parecia que o sol tinha desaparecido, e a tensão retornava à sacristia.

- Neste caso, só resta a senhora Berta – comentou o dono das terras.

Depois de uma longa pausa, o padre disse:

- Aquela mulher deve sofrer muito com a ausência do marido* *(há faz nada além de sentir saudades e olhar as parafusadas)*
Vive sentada ali fora, durante todos estes anos. Muitas vezes já passei por lá e a vi falando sózinha, como se tivesse enlouquecido de vez, pobre coitada.

De novo um vento soprou, muito rápido, e as pessoas ali dentro se assustaram, porque as janelas estavam fechadas.

- Sua vida tem sido muito triste – continuou a dona do hotel.
Creio que ela daria tudo para poder juntar-se ^{logo} ~~de novo~~ ao seu hem-amado. Foram casados durante quarenta anos, vocês sabiam?

Todos sabiam, mas não vinha ao caso.

- Uma mulher já velha, no final de sua vida – acrescentou o dono das terras. – A única, nesta cidade, que não faz nada de

importante. Uma vez perguntei por que ficava sempre do lado de fora

de casa, mesmo durante o inverno; sabem o que me respondeu? Que

vigiava a cidade, de modo que percebesse o dia em que o mal chegasse
~~até aqui. Nunca vi gente e roubal algumas casas~~

~~Sabe que coisa que boberia deat contra de alguns
coisa de um simples homem chamado ou deumado, resolve na
até aqui. Nunca vi gente e roubal algumas casas~~

(deixar o original)

- Bem, pelo visto não desempenhou bem o seu trabalho.

- Ao contrário - disse o padre. - Pelo que estou entendendo
da conversa de voces, ~~ela é a única que pode fazer o mal partir.~~
quem deu o mal entree é quem deve fazer o

O silêncio que se seguiu à esta afirmação, fez com que todos entendessem que a vítima já estava escolhida.

~~interrompeu o silêncio:~~ - Já sabemos quando o sacrificio será oferecido
começou

em nome do bem estar do povo. Já sabemos quem; através deste sacrificio, uma boa alma subirá aos céus e tornará a ser feliz, ao invés de ficar sofrendo nesta terra. ~~Falta apenas saber~~ *Resta* como faremos isso.

- Veja se consegue falar com todos os homcns da cidade - disse o padre para o prefeito - e convoque um encontro ~~para as nove horas da noite, diante da cruz na praça.~~ *(na praça)* Eu acho que sei como mas, um pouco antes da ~~reunião na praça,~~ *do caçombo* preciso conversar com voce à sós.

Antes que todos saíssem, ele pediu que as duas mulheres presentes fossem até a casa de Berta, e ficassem conversando com ela enquanto a ~~reunião na praça~~ *reunias* transcorria. Embora a velha nunca saísse de ~~qualquer~~ *qualquer* noite, ~~toda~~ precaução era bem-vinda.

— a sua página —

Chantal chegou no bar à hora marcada. Não havia ninguém.

- Tem uma reunião hoje a noite na praça - comentou a dona do hotel. - Só para homens.

Não precisava dizer mais nada. Ela já sabia o que estava acontecendo.

- Voce viu mesmo o ouro?

- Vi. Mas voces deviam pedir que o estrangeiro trouxesse até aqui. Pode ser que, depois de conseguir o que quer, resolva desaparecer com o dinheiro.

- Ele não é louco.

- Ele é louco.

A dona do hotel achou que realmente era uma boa idéia.

Subiu até o quarto do estrangeiro e desceu minutos depois.

- Ele concordou. Diz que está escondido na floresta, e trará o dinheiro amanhã.

- Acho que não preciso trabalhar hoje.

- Precisa. Faz parte do seu contrato.

Ela não sabia como abordar o assunto que haviam discutido naquela tarde, mas ^{era importante} precisava conhecer a reação da moça. Lembrou-se do encontro vespertino na sacristia; não havia muito tempo a perder.

- Estou chocada com tudo isso - disse. - Ao mesmo tempo, entendo que, neste momento, talvez as pessoas estejam pensando duas, dez vezes, sobre o que devem fazer.

- Podem pensar vinte, duzentas vezes, e não terão coragem - respondeu Chantal. Um tem medo do outro. Todos tem medo da justiça.

Ninguém quer mudar nada aqui.

- Pode ser - disse a dona do hotel. - Se fosse você, o que

faria? "Bom, as coisas não são exatamente como eu pensava", disse Chantal para si mesma. "Reservei na praça, com a mulher sabendo como eu vou reagir, talvez eu tenha me exposto desnecessariamente, mas a respeito do hábito de beber vinho: não são coisas que me faltem na vida. É uma oportunidade única de comemorar coisas."

- Não vou responder a essa pergunta. Vou dizer apenas que o mal nunca traz o bem. Eu mesmo experimentei isso esta tarde.

A dona do hotel não estava a fim de ver sua autoridade desrespeitada, mas achou prudente não discutir com a moça, e eriar uma inimizade que podia trazer problemas no futuro. Disse que precisava colocar a contabilidade em dia (uma desculpa que logo descobriu ser absurda, já que só tinha um hóspede no hotel) e deixou-a sózinha no

bar. Estava tranquila; a srta. Prym, que não estivera na missa e não escutara o excelente sermão do padre, também estava disposta a

nenhum tipo de revolta, mesmo depois que ela cooperar. Não a revolta na praça, ali totalmente despojadas aconteceram em Paris. Talvez estivesse

F. se não estava disposta a cooperar, pelo menos não parecia querer interferir.

o que
afiz,
mas, se acaso
você
Se fosse você, o que
fazia?
Chantal
eu vou reagir, talvez
eu tenha me exposto
necessariamente, mas a respeito
do hábito de beber
vinho: não são
coisas que me faltem
na vida. É
uma oportunidade
única de
comemorar coisas."
Valentis?
- o que vou
fazer? - a dona do
hotel.
também pensava
ao mesmo tempo,
disposta a
cooperar.

abu' pajina

(11)

O padre jantou uma refeição frugal, e sentou-se, sózinho, num dos bancos da igreja. O prefeito iria chegar dentro de poucos minutos.

Contemplou as paredes caiadas, de branco, o altar sem nenhuma obra de arte importante, ^{coberto de} apenas reproduções baratas de santos que, num passado longínquo, habitaram a região. O povo de Viscos nunca fora muito religioso, apesar de São Savin ter sido o grande responsável pela ressurreição daquela cidade. Mas a gente esquecia isso, e preferia pensar em Ahab, nos celtas, nas milenares superstições dos camponeses, sem entender que basta um gesto, um simples gesto, para a redenção – aceitar Jesus como o único Salvador da Humanidade.

Horas antes, havia oferecido, a si mesmo, para o martírio. Fora uma jogada arriscada, mas estava disposto a ir até o final, e entregar-se em holocausto, se as pessoas não fossem tão fúteis, tão facilmente manipuláveis.

“Não é verdade. São fúteis, mas não são manipuláveis tão facilmente”. Tanto assim que, através do silêncio ou das artimanhas da língua, o haviam feito dizer o que eles desejavam escutar: o sacrifício que redime, a vítima que salva, a decadência que se transforma de novo em glória. Ele fingira deixar-se usar pelas pessoas, mas dissera apenas o que realmente ~~desejava~~ ~~era~~ ~~que~~ acreditava.

Fora educado desde cedo para o sacerdócio, e aquela era sua verdadeira vocação. Aos 21 anos, já tinha sido ordenado padre, e impressionava a todos pelo dom da palavra e pela capacidade de

administrar sua paróquia. Rezava todas as noites, assistia os doentes, visitava os presídios, dava de comer a quem ^{tinha} fome - exatamente como mandava os textos sagrados. Aos poucos, sua fama foi se espalhando pela região, e chegou aos ouvidos do bispo, um homem que era conhecido por sua ^{abedoria} santidade e justiça.

Este convidou-o, junto com outros jovens padres, para um jantar. Comeram, conversaram sobre diversas coisas, e no final, o bispo - idoso e com dificuldades de caminhar - levantou-se e foi servir água para cada um dos presentes. Todos recusaram, menos ele, que pediu que

enchesse seu copo até a borda, de modo que o bispo pudesse inclinar-se e beber. Um dos padres sussurrou ^{baixinho}: "como este camponês julga-se digno de aceitar que o bispo o sirva? Não percebeu o sacrifício que o pobre homem está fazendo com esta garrafa pesada?"

O bispo ~~ouviu~~ ^{ouviu} o comentário. Ao voltar para a sua cadeira ^{o bispo} disse:

"Voces, que se acham santos, não tiveram a humildade de receber, e eu não tive a alegria de dar. Apenas ^{eu} ~~eu~~ ^{respondu} ~~eu~~ permitiu que o bem se manifestasse."

E na mesma hora nomeou-o para uma paróquia mais importante. ^{os dois}

Ele e o bispo ficaram amigos, e continuaram a se ver com frequência. Sempre que tinha dúvidas, recorria ao que chamava "seu pai espiritual", e geralmente saia satisfeito com as respostas. Uma tarde, por exemplo, estava angustiado - pois não tinha nenhuma certeza de

*o quando
que o bispo
inclina-se
a beber
o líquido
servido. Este
camponês, porém,
não percebeu
a generosidade
e o sacrifício do
novo superior,
e o obriga a
ocupar-se com
esta garrafa
pesada.*

que seus atos estava agradando a Deus. Foi até o bispo, e perguntou o que devia fazer.

“Abraão aceitava os estranhos, e Deus ficou contente”, foi a resposta. “Elias não gostava de estranhos, e Deus ficou contente. David tinha orgulho do que fazia, e Deus ficou contente. O publicano diante do altar tinha vergonha do que fazia, e Deus ficou contente. João Batista foi para o deserto, e Deus ficou contente. Paulo foi para as grandes cidades do império romano, e Deus ficou contente. Como hei de saber o que dará alegria ao Todo-Poderoso? Faça o que o seu coração mandar, e Deus ficará contente.”

No dia seguinte a esta conversa, o bispo -- seu grande mentor ~~espiritual~~, terminou morrendo de um fulminante ataque do coração. O padre interpretou a morte ~~do bispo~~ como um sinal, e passou a obedecer exatamente o que ele recomendava: seguir o coração. As vezes dava esmola, as vezes mandava a pessoa ir trabalhar. As vezes fazia um sermão muito sério, as vezes cantava junto com os fiéis. Seu comportamento de novo chegou aos ouvidos do novo bispo, e ele tornou a ser chamado.

Qual foi a sua surpresa ao encontrar ali ~~um~~ ^{justamente aqueles jovens} ~~daqueles~~ ^{que, alguns anos antes,} jovens ~~que,~~ ^{aquele} ~~alguns anos antes,~~ ^{antes,} recusara a água que o antigo superior servira à ~~mesa~~.

justamente aqueles jovens que, alguns anos antes, recusara a água que o antigo superior servira à mesa

“Sei que voce hoje comanda uma paróquia importante” disse o novo bispo, com ironia nos olhos. “E que, durante todos este anos,

tornou-se um grande amigo do meu antecessor. Talvez aspirando esse cargo.”

“Não”, ele respondeu. “Aspirando a sabedoria.”

“Então deve ser um homem muito culto hoje. Mas escutei histórias estranhas a seu respeito: as vezes você dá esmolas, e as vezes recusa a ajuda que nossa Igreja precisa sempre estar pronta a dar.”

“Minha calça tem dois bolsos, cada um tem um papel escrito, e só coloco o dinheiro no meu bolso esquerdo.”

O novo bispo ficou intrigado com a história; o que diziam os papéis?

“No bolso direito escrevi: *eu não sou nada além de pó e cinzas*. No bolso esquerdo, onde guardo o dinheiro, o papel diz: *eu sou a manifestação de Deus na Terra*. Quando vejo a miséria e a injustiça, coloco a mão no meu bolso esquerdo e ajudo. Quando vejo a preguiça e a indolência, coloco a mão no bolso direito e vejo que não tenho nada para dar. Desta maneira , consigo equilibrar o mundo material com o espiritual.”

O novo bispo agradeceu a bela imagem da caridade, disse que ele podia voltar para sua paróquia, mas que iria reestruturar toda a região. Pouco tempo depois, recebeu a notícia de sua transferência para Viscos.

Entendeu imediatamente o recado: inveja. Mas tinha feito a promessa de servir a Deus onde quer que fosse, e encaminhou-se para Viscos cheio de humildade e fervor, era um novo desafio a superar.

Um ano se passou. E outro. No final de cinco anos, não tinha conseguido trazer mais fiéis à igreja, por mais que se esforçasse / era uma cidade governada por um fantasma do passado, chamado Ahab, e nada do que dissesse tinha mais importância do que as histórias de sabedoria que circulavam ali.

Dez anos se passaram. No final do décimo ano percebeu o seu erro: transformara em arrogância a sua busca pela sabedoria. Estava tão convencido da justiça divina, que não soubera equilibra-la com a arte da diplomacia. Pensara em viver num mundo onde Deus está em todo lugar, para descobrir-se entre ~~os~~ homens / que muitas vezes não O deixavam entrar.

Depois de quinze anos, entendeu que jamais sairia dali. O antigo bispo era agora um importante cardeal, trabalhando no Vaticano, com grandes possibilidades de ser eleito papa e não podia permitir, jamais, que um padre do interior fizesse correr a história de que havia sido exilado por causa de inveja e ciúme.

A esta altura, já tinha se deixado contagiar pela completa falta de estímulo - ^(COMO QUE RESISTIR) não há ninguém ^{que} resista a tanto ^{tempo} de indiferença. Pensou que ~~talvez~~, se tivesse deixado o sacerdócio ^{depois} ^{quando ali} ~~dever~~ que a cidade não tinha solução, ^{teria} poderia ter sido muito mais útil a

mas adriana indefinidamente o momento certo, com medo // 6
Deus; mas agora era tarde, estava velho para aprender algo novo; não
ele mudou o que precisava ser mudado em sua vida: agora já
esta velho, tinha mais contacto nenhum com o mundo.

Vinte anos depois, acordou desesperado certa noite; sua ~~vida~~ *existencia*
fora completamente inútil. Sabia do muito que era capaz, e do pouco
que tinha conseguido realizar. Lembrou-se dos dois papéis que
descobriu que não colocava
costumava colocar em seus bolsos, e ~~via terminara só colocando~~ a mão
no lado direito. Quisera ser sábio e ~~ousado~~, mas não fora político.
Quisera ser político, e ~~ter~~ mas
Quisera ser justo, e não fora sábio. Assim como na parábola de Jesus,
foi ousado.
tinha desperdiçado os talentos que lhe foram concedidos.

“Onde está Tua generosidade, Senhor? Por que fizeste
comigo o que fizeste com Jó? Nunca terei uma outra chance na vida?
Dai-me uma nova oportunidade, Jesus!”

Levantou-se, abriu a Bíblia ao acaso, como sempre
costumava fazer quando precisava de uma resposta. Caiu no trecho em
que, na última ceia de Cristo, este pede que o traidor o entregue aos
soldados que o procuram.

O padre ficou horas pensando sobre o que acabara de ler: por
que Jesus pedia que o traidor cometesse um pecado?

“Para que se cumprissem as escrituras” diriam os doutores da
Igreja. Mesmo assim, por que Jesus estava induzindo um homem ao
condenação
pecado e a ~~danção~~ eterna?

Jesus jamais faria isso. Na verdade, o traidor era apenas uma
vítima, como Ele próprio. O mal precisava se manifestar e cumprir seu
papel, para que o bem pudesse finalmente vencer. Se não houvesse a

traição, não haveria a cruz, as escrituras não seriam cumpridas, o sacrifício não serviria como exemplo.

No dia seguinte, um estrangeiro chegara à cidade, como muitos chegavam e partiam; o padre não deu importância, e tampouco relacionou-o com o pedido que fizera a Jesus, ou com a frase que lera. *Quando ouvi a história a respeito dos modelos que Leonardo da Vinci pintou na Última Ceia, aquela que estava na piaça de alfo solo - era um sim, e não um simples concilio - da com o gesto feito de tel gado este parte do evangelho.*

O mal precisava se manifestar, para que o bem pudesse finalmente comover o coração daquele povo. Pela primeira vez desde que pisara naquela paróquia, vira sua igreja lotada. Pela primeira vez, as pessoas mais importantes da cidade tinham vindo até a sacristia.

"O mal precisava se manifestar, para que entendam o valor do bem." Assim como o traidor na Bíblia, que pouco depois de ter consumado o seu ato, termina por compreender o que fez, o mesmo iria

se passar com aquelas pessoas ali, elas se arrependeriam de tal maneira, que viscos tornava a sua cidade *amem a Deus, porque* ~~seu~~ *ninguém pode ser por na consciência depois de cometer um gesto tão humano.* ~~o~~ *A culpa toda a* ~~dele~~ *da culpa o tra- gedy de volta ao Sen- nhor, e o Senhor a única e definitiva salvação.*

que viscos tornava a sua cidade

~~o~~ *ninguém pode ser por na consciência depois de cometer um gesto tão humano.* ~~o~~ *A culpa toda a* ~~dele~~ *da culpa o tra- gedy de volta ao Sen- nhor, e o Senhor a única e definitiva salvação.*

ff

- O prefeito chegou, como havia combinado.
- Quero saber o que devo dizer, senhor padre.
- Deixa que eu mesmo digo - foi a resposta.

O prefeito hesitou; afinal, ele era a maior autoridade de Viscos, e não gostaria de ver um estranho tratando publicamente de um assunto daquela importância. Embora o padre já estivesse ali há mais de

vinte anos, não tinha nascido no local, não conhecia todas as histórias, em suas veias não corria o sangue de Ahab.

- Penso que, em assuntos desta gravidade, eu ^{mesmo dele} ~~devo~~ tratar diretamente com o povo – disse.

- De acordo. Melhor assim, porque pode dar errado, e não quero ver a Igreja envolvida. Vou lhe contar meu plano, e o senhor se encarregará de torna-lo público.

- Pensando bem, se o plano é seu, creio que será mais justo e mais honesto deixa-lo compartilhar com todos.

“Sempre o medo”, pensou o padre. “Para dominar um homem, faça com que ele tenha medo”

— abrir pagina —

As duas senhoras chegaram à casa de Berta pouco antes das nove, e a encontraram tricotando na pequena sala de estar.

- A cidade está diferente esta noite – disse a velha. – Escutei muita gente andando, muito ruído de passos. O bar é pequeno para todo este movimento.

- São os homens – respondeu a dona do hotel. – Estão indo para a praça, discutir ~~entre eles~~ o que fazer com o estrangeiro.

- Entendo. Não creio que haja muito o que discutir: é aceitar sua proposta, ou deixa-lo ir embora daqui há dois dias.

- Nunca consideráramos aceitar tamanha ^{sua proposta} ~~imoralidade!~~ – indignou-se a mulher do prefeito.

Se contavam, que o padre fez hoje um magnífico sermão, falando

- Por que? O padre não disse hoje no sermão que o sacrifício

de um homem salvou a humanidade? ^{e que} Não falou que Deus ~~atacou~~ ^{puniu} ~~impiedosamente~~ ^{aceitando uma oferta do demônio,} seu servo mais fiel? O que há de errado se os

habitantes de Viscos resolverem considerar a proposta do estrangeiro como, digamos, um negócio?

- A sra. não pode estar falando sério.

- Eu estou falando sério. Vocês estão querendo me enganar.

As duas mulheres pensaram em levantar-se e ir embora; mas era arriscado.

- Além do mais, a que devo a honra da visita? Isso nunca aconteceu antes.

- A srta. Prym ~~disse~~ ^{disse}, há dois dias, que ouviu o lobo maldito

uivando.

- Todos nós sabemos que o lobo maldito é uma desculpa estúpida daquele ferreiro - disse a dona do hotel - Deve ter ido para a floresta com alguma mulher de uma aldeia vizinha, tentou agarrá-la, foi agredido, e veio com essa história. Mas, mesmo assim, resolvemos dar uma passada por aqui, e ver se está tudo bem.

- Tudo se encontra na mais perfeita ordem. Estou tricotando uma toalha de mesa, embora não possa garantir que vá conseguir terminá-la; posso morrer amanhã, por exemplo.

Houve um momento de desconforto geral.

- Como vocês sabem, as pessoas velhas morrem de uma hora para a outra - continuou Berta.

A situação voltou a ser como era. Ou quase como era.

- Ainda é cedo para a senhora pensar nisso, - ~~comentou a~~
mulher do prefeito.

- Pode ser, nada como o dia de amanhã. Entretanto, saibam
que este foi o assunto que ocupou grande parte dos meus pensamentos
hoje.

- Alguma razão especial?

- Vocês acham que eu devia ter?

A dona do hotel precisava mudar de assunto, mas tinha que
faze-lo com muito cuidado. A esta altura, a reunião na praça já devia
ter começado, e terminaria em poucos minutos.

- Acho que, com a idade, a gente termina ^{compreendendo} se dando conta que
a morte é inevitável - disse ~~ela~~. - E precisamos aprender a encara-la
com serenidade, sabedoria, e resignação. Muitas vezes ela nos alivia de
certos sofrimentos inúteis.

- Tem toda razão - ^{respondeu} disse Berta. - Foi justamente o que eu
pensei durante a tarde. E sabem a que conclusão cheguei? Tenho muito,
mas muito medo de morrer. Não creio que chegou minha hora.

O clima estava cada vez mais pesado, e a mulher do prefeito
recordou-se da discussão na sacristia, sobre o terreno ao lado da igreja;
falavam de um assunto, quando na verdade se referiam a outro.

Nenhuma das duas sabia como estava indo a reunião na praça;
ninguém conhecia o plano do padre, e a reação dos homens de Viscos.
Era inútil provocar Berta para uma conversa mais franca - além do

mais, porque ninguém aceita ser assassinado sem uma reação desesperada. Mentalmente, ^{a mulher do prefeito adotou o} tomou nota do problema: se aceitassem

matar aquela mulher, teriam que descobrir uma maneira de fazê-lo sem que houvesse uma luta violenta, que deixaria pistas para uma futura investigação.

Desaparecer. Aquela velha tinha que simplesmente

desaparecer, Seu corpo não podia ficar no cemitério, ou abandonado na mata; depois que o estrangeiro ^{completava que seu desejo tinha sido cumprido} o viu, teria que ser queimado, e as cinzas espalhadas nas montanhas. ^{certa gente queria} De alguma maneira, ^{o cadáver e espelhar as} tinha sido ela ^{formado} quem fertilizara de novo a região. ^{na fogueira e na montanha, ela estava sendo} resposta vel pela fertilidade daquela ^{terra.}

- Em que voce está pensando? - Berta interrompeu suas reflexões.

- Numa fogueira - respondeu a mulher do prefeito. - Numa linda fogueira, que aqueça nossos corpos e nossos corações.

- Ainda bem que não estamos na Idade Média; voces sabem que algumas das pessoas da cidade pensam que eu sou uma bruxa?

Era impossivel mentir, ou a velha ia desconfiar; as mulheres acenaram afirmativamente com a cabeça.

- Se estivessemos na Idade Média, podiam querer me queimar - assim, sem mais nem menos, só porque alguém decidiu que eu era culpada de algo.

"O que está havendo?" pensava a dona do hotel. "Será que alguém nos traiu? Será que a mulher do prefeito, que agora esta ao meu

lado, esteve aqui antes e contou tudo? Será que o padre se arrependeu e veio se confessar com uma pecadora?"

- Agradeço muito a visita, mas estou bem, em perfeita saúde, disposta a fazer todos os sacrificios possíveis, inclusive estes regimcs alimentares idiotas, ^{que se objetam a baixar o} ~~para baixar o meu~~ colesterol e continuar vivendo ^{de modo que possa} por muito tempo.

Berta levantou-se e abriu a porta. As duas se despediram. A reunião na praça ainda não havia terminado.

- Mas fiquei contente por terem vindo, ~~mas~~ agora vou parar este tricô e dormir. E, para falar a verdade, eu acredito no lobo maldito; já que vocês são jovens, será que podem ficar por perto até a reunião terminar, a fim de garantir que nada se aproxime da minha porta?

As duas concordaram, ~~elas se~~ desejaram boa-noite, e Berta entrou.

- Ela sabe! – disse baixinho a dona do hotel. – Alguém contou! Não notou o tom de ironia na sua voz? Não vê que ela entendeu que estamos aqui para vigia-la?

A mulher do prefeito estava confusa.

- Ela não pode saber. Ninguém seria louco de fazer isso. A não ser...

- A não ser o que?

- Que ela seja mesmo uma bruxa. Voce lembra do ^{vento} ~~ar~~ que soprou enquanto conversavamos?

O coração das duas mulheres apertou, e séculos de superstições voltaram a tona. Se ela fosse mesmo uma bruxa, sua morte, ao invés de salvar a cidade, terminaria por destruí-la completamente:

Era isso que diziam as lendas.

~~##~~

Berta apagou a luz, e ficou olhando, pela fresta de sua janela, as duas mulheres na rua. Não sabia se devia rir, chorar, ou simplesmente aceitar o seu destino. Tinha apenas uma única certeza: havia sido marcada para morrer.

Seu marido aparecera no final da tarde, e, para sua surpresa, vinha acompanhado da avó da senhorita Pym. O primeiro impulso de Berta foi de ciúme: o que estava fazendo com aquela mulher? Mas logo notou o desespero nos olhos dos dois, e ficou mais desesperada ainda quando lhe contaram o que ~~tinham~~^{havam} escutado na sacristia.

Os dois pediram que fugisse imediatamente.

“Voces devem estar brincando”, respondeu Berta. “Fugir como? Minhas pernas mal conseguem me levar até a igreja/que fica a cem metros daqui, imagine descer esta estrada toda? Por favor, resolvam essa situação aí no alto, protejam-me! Afinal de contas, por que vivo rezando para todos os santos?”

Era uma situação mais complicada do que Berta imaginava, explicaram eles. O Bem e o Mal estavam em combate, e ninguém podia interferir. Anjos e demônios poderosos travavam mais uma daquelas

batalhas periódicas, quando condenam ou salvam regiões inteiras por um certo período de tempo.

— “Não me interessa; eu não tenho como me defender, esta luta não é minha, não pedi para entrar.”

Ninguém havia pedido. Tudo começara com um erro de cálculo de um anjo guardião, há dois anos atrás. Durante um sequestro, duas mulheres estavam também com dos dias contados, mas uma menina de tres anos deveria se salvar. Essa menina, disseram, terminaria por consolar seu pai, fazer com que ele continuasse a ter esperança na vida e superasse o tremendo sofrimento a que seria submetido. ~~Ele~~ ^{Ele} era um homem de bem e, embora tivesse que passar por momentos terríveis (ninguém sabia a razão, isto pertencia a um plano de Deus, que nunca era totalmente explicado), ia se recuperar. A menina cresceria com a marca da tragédia, e, depois dos vinte anos, ia usar ~~todo~~ o seu próprio sofrimento para aliviar a dor alheia. Terminaria fazendo um trabalho tão importante que teria reflexos nos quatro cantos da Terra.

Esse era o plano original. E tudo corria muito bem: a polícia invadiu o lugar, os tiros começaram a ser disparados, as pessoas ~~que~~ ^{marcadas para} tinham que morrer começaram a cair. Neste momento, o anjo da guarda da menina – como Berta sabia, todas as crianças de tres anos vêm e conversam com seus anjos o tempo todo – fez um sinal, pedindo que ela recuasse em direção a parede. Mas a garota não entendeu, e se aproximou dele, para escutar o que dizia.

Moveu-se apenas trinta centímetros; o suficiente para que um ~~mental a atingir~~ tiro a ~~palheira~~ ^{em pleno movimento, e a matasse.} A partir daí, a história tomou outro rumo; o que estava escrito para transformar-se numa bela história de redenção, virou uma luta sem tréguas. O demônio entrou em cena, reclamando a alma daquele homem – cheia de ódio, impotência, desejo de vingança. Os anjos não se conformaram; ele era um homem bom, tinha sido escolhido para ajudar sua filha a mudar muita coisa no mundo, mesmo que sua profissão não fosse das mais aconselháveis.

Mas os argumentos dos anjos ^{não conseguiram mais controlar a} agora já não tinham o menor eco nos ouvidos dele. Pouco a pouco, o demônio foi se apossando de sua alma, até conseguir controlá-la quase por completo.

— “Quase por completo”, repetiu Berta. “Voces disseram: “quase”

Ambos confirmaram. Ainda restava uma luz ~~quase~~ imperceptível, porque um dos anjos se recusara a desistir da luta. Mas nunca era ouvido, até que, na noite anterior, conseguira falar um pouco. E o instrumento tinha sido justamente a senhorita Pryn.

A avó de Chantal explicou que era por isso que estava ali. Porque, se existia alguém que podia mudar a situação, era a sua neta. Mesmo assim, o combate estava mais feroz que nunca, e de novo o anjo do estrangeiro havia sido sufocado pela presença do demônio.

Berta tentou acalmar os dois, que se mostravam muito nervosos; afinal de contas, eles já estavam mortos, ela era quem devia

estar preocupada. Será que eles não podiam ajudar Chantal a mudar tudo?

O demônio de Chantal também estava ganhando a batalha, responderam. Enquanto ela estivera no bosque, a avó tinha mandado o lobo maldito à sua procura – por sinal ele existia mesmo, e o ferreiro falava a verdade. Quis despertar a bondade do homeni, e havia conseguido. Mas ^{apressadamente} a conversa dos dois não fora adiante; ambos eram personalidades fortes demais para se aceitarem ~~mutuamente~~. Restava agora uma única ^{chance} coisa: que a moça tivesse visto o que eles desejavam que visse. Ou melhor: sabiam que ela já tinha visto, o que queriam mesmo era que ela entendesse.

“O que?” perguntou Berta.

Não podiam comentar; o contacto com os vivos tinha um limite, não podiam interferir numa batalha muito mais poderosa que ^{os seus demônios poderiam meditando entãncos no que dizem e pediram como juizo para, se existissem com o plano eles. tudo com antecedência.}

Berta aceitou a resposta; longe dela pedir ^{que interferissem} ~~uma interferência~~ ^{na vida} nas leis dos céus. Entretanto, ~~ela~~ faltava uma explicação, e ela se virou para o marido:

— ^{que poderia} Voce me disse que ficasse aqui, sentada nesta cadeira, ao longo destes anos, vigiando a cidade – pois o mal poderia entrar. O seu pedido aconteceu muito antes que o anjo se atrapalhasse, e a menina terminasse morta. Por que?

O marido respondeu que, de uma maneira ou de outra, o mal ia passar por Viscos, já que costuma (sempre) fazer sua ronda pela Terra.

Gostava de sua cidade, e teria sido grande a sua alegria se tivesse conseguido protegê-la.

— Não estou convencida, disse Berta.

Tampouco o marido estava convencido, ^{mas um anjo lhe pedira que} talvez toda aquela ^{existisse assim, e ele obedecia.} história de um anjo chamando a menina num momento errado não

passasse de um pretexto. Talvez o duelo entre o bem e o mal existisse a cada segundo no coração de cada homem, e cada coração era o campo de batalha de todos os anjos e demônios; eles lutariam palmo a palmo para ganhar terreno, por muitos milênios, até que uma das duas forças finalmente destruisse a outra por completo. Entretanto, ^{como sempre antes,} embora já estivesse no plano espiritual, ainda havia muita coisa que ele desconhecia — aliás, muito mais coisa do que na Terra.

— Agora estou mais convencida. Descansem; se eu tiver que morrer, é porque chegou a minha hora.

Berta não disse ^{que} nada, ~~mas~~ estava com um pouco de ciúme, e gostaria logo de poder juntar-se de novo ao marido; a avó de Chantal sempre fora uma das mulheres mais cobiçadas de Viscos.

Os dois foram embora, alegando que precisavam fazer a menina entender direito o que ~~ela~~ havia visto. O ciúme de Berta aumentou, mas ela procurou tranquilizar-se; ^{todos} mais cedo ou mais tarde estaria de novo com ele.

Quem sabe, até mesmo amanhã.

vendo

Agora, entretanto, ~~se olhar~~ as duas mulheres lá fora, ela

pensava que não seria nada mal continuar mais um pouco naquele vale, ~~olhando~~ *olhando* as montanhas, assistindo os eternos conflitos entre os homens e as mulheres, as árvores e o vento, os anjos e os demonios. Começou a sentir um pouco de medo, e procurou pensar em outra coisa – talvez amanhã mudasse a cor do novelo da lã que estava usando, pois a toalha estava ficando muito ~~aborecida de se olhar~~ *monótona*.

Antes que a reunião na praça terminasse ela já havia pego no sono, certa de que a senhorita Prym terminaria entendendo o recado, embora não tivesse o dom de conversar com espíritos.

abun pafina

- Na igreja, em solo sagrado, eu falei da necessidade do sacrificio – disse o padre. - ~~Agora~~ aqui, em solo profano, eu peço que voces estejam dispostos ao martirio.

A pequena praça, com sua iluminação deficiente – havia apenas um poste, embora o prefeito tivesse prometido outros durante a campanha – estava repleta. Camponeses e pastores, os olhos meio sonolentos porque costumavam deitar-se e acordar junto com o sol, ~~mesmo num sábado~~, guardavam um silêncio respeitoso e assustado. O padre tinha colocado uma cadeira ao lado da cruz, e estava em cima dela – de modo que pudesse ser visto por todos.

- Durante séculos, a igreja tem sido acusada de lutas injustas, mas na verdade, tudo o que fizemos foi sobreviver as ameaças.

- Não vimos aqui para escutar sobre a igreja, padre – gritou uma voz. – Queremos saber sobre Viscos.

- Viscos está ameaçada de sumir do mapa, *a eu não preciso explicar isto para vocês. Também* ~~como vocês estão~~ cansados de saber. Não quero falar da igreja, mas uma coisa preciso dizer; só com o sacrificio e a penitência podemos chegar à salvação. E antes que me interrompam, estou falando do sacrificio de alguém, da penitência de todos, e da salvação da cidade.

- Tudo pode ser uma mentira – gritou outra voz.

- O estrangeiro vai nos mostrar o ouro amanhã – disse o prefeito, contente em dar uma informação que nem sequer o padre tomara conhecimento. A senhorita Prym não quer arcar sozinha com a responsabilidade, e a dona do hotel convenceu-o a trazer as barras até aqui. Só agiremos *mediante* se ~~tivermos~~ esta garantia.

O prefeito tomou a palavra, e começou a discorrer sobre as melhorias da cidade, as reformas, o parque infantil, a redução dos impostos, e a distribuição da riqueza recém-adquirida.

Em partes iguais
- ~~Por igual~~ – disse *alguém* uma voz na multidão.

Era hora de assumir um compromisso que ele detestaria fazer; mas todos os olhos se voltaram em sua direção, e pareciam ter subitamente acordado da sonolência.

Em partes iguais
- ~~Por igual~~ – disse o padre, antes que o prefeito reagisse. Não tinham escolha: ou todos participavam com a mesma responsabilidade e recompensa, ou em breve alguém terminaria denunciando o crime – por inveja ou vingança. O padre conhecia bem estas duas palavras.

- Quem vai morrer?

O prefeito explicou sobre a maneira justa com que chegaram à escolha de Berta; sofria muito com a perda do marido, estava velha, não tinha amigos, parecia uma louca, sentada de manhã até o entardecer diante de sua casa, e em nada ^{colaborava no} ~~ajudava~~ no crescimento da aldeia. ^{Todos o seu} ~~Os~~ ^{dinheiro} ~~únicos~~ ^{estava em um banco do lado dali, e os únicos que} ~~que lucravam com o seu dinheiro~~ eram os comerciantes que, ^{lucravam com isso com} assim como a furgoneta do pão, apareciam semanalmente na cidade para venderem seus produtos.

Nenhuma voz na multidão se manifestou contra a escolha. O prefeito ficou contente, porque sua autoridade tinha sido aceita; o padre, porém, sabia que aquilo podia ser um bom ou mau sinal, porque nem sempre o silêncio significa um "sim" – geralmente mostrava apenas a incapacidade ^{de} ~~da pessoa~~ reagir na hora. Entretanto, se ~~ela~~ ^{alguém} realmente não estivesse de acordo, logo iria irá torturar-se com o que aceitou sem descer, e as consequências podem ser graves.

- Preciso que todos estejam de acordo – disse o padre.

Preciso que digam em voz alta se concordam ou não, para que Deus escute, e saiba tem tem homens valentes em Seu exército. Se não acredito ^m em Deus, peço que da mesma maneira concordem ou discordem em voz alta, de modo que todos saibam exatamente o que pensa cada um.

O prefeito não gostou da maneira como o padre aplicara o verbo: "preciso", dissera ele, quando o correto seria "precisamos", ou "o prefeito precisa". Quando aquele assunto estivesse terminado, iria

da maneira que fosse preciso. 131

recuperar sua autoridade, ~~eustasse o que custasse~~. Agora, como bom político, deixaria o padre agir e se expor.

- Quero que concordem,

O primeiro "sim" ^{foi} do ferreiro. O prefeito, para mostrar logo sua coragem, também concordou em voz alta. Pouco a pouco, cada homem ali presente foi dizendo em voz alta que estava de acordo – até que todos assumiram o compromisso. Uns estavam de acordo porque queriam que a reunião acabasse logo, e pudessem voltar para casa; outros pensavam no ouro e da maneira mais rápida de deixar a cidade com a riqueza recém-adquirida; alguns tinham planos de enviar dinheiro para seus filhos, de modo que não passassem vergonha diante dos amigos na cidade grande; praticamente nenhuma das pessoas ali ~~ainda~~ acreditava que Viscos pudesse recuperar a glória perdida, e desejavam apenas a riqueza que sempre mereceram, e nunca tiveram. ~~Fosse~~

Mas ninguém disse "não".

- Temos nesta cidade 108 mulheres, e 173 homens – continuou o padre. – Cada habitante tem pelo menos uma arma, já que a tradição do local manda que todos aprendam a caçar. Pois bem, amanhã de manhã, vocês vão deixar estas armas, cada uma com um cartucho, na sacristia da igreja. Peço ao prefeito, que tem mais de uma espingarda em casa, que traga uma também para mim.

- Nunca deixamos nossas armas com estranhos – gritou um guia de caça. – Elas são sagradas, caprichosas, pessoais. Nunca podem ser usadas por outras pessoas.

- Deixem ^{me} ~~se~~ terminar. Vou explicar como funciona um pelotão de fuzilamento: sete soldados são convocados para atirar no condenado a morte. Sete fuzis são entregues aos soldados - seis deles estão carregados com balas de verdade, e um contém apenas um cartucho ^{sem munição} ~~de festim~~. A pólvora explode na mesma maneira, o barulho é idêntico, mas não há chumbo ali dentro para ser impulsionado em direção ao corpo da vítima.

“Nenhum dos soldados sabe qual é o rifle que está com cartucho de festim. Assim, cada um acredita que é o seu, e que seus amigos foram os responsáveis pela morte daquele homem ou mulher que não conhecem, mas em quem foram obrigados a atirar, por dever do ofício.”

- Todos se julgam inocentes - disse o dono das terras, que até então se mantivera calado.

- Exato. Amanhã eu farei a mesma coisa: retirarei o chumbo ^{e deixarei as caixas com munição verdadeira} de de 87 cartuchos. Todas as armas soarão ao mesmo tempo, mas ninguém saberá quais delas tinham projéteis dentro; desta maneira, ^{cada um de vocês pode} ~~podem também~~ se julgar inocentes.

Por mais cansados que os homens estivessem, a idéia do padre foi seguida de um suspiro de alívio. Uma energia diferente espalhou-se pela praça, como se, de uma hora para outra, toda aquela história tivesse perdido o seu ar trágico, e agora era apenas ^{a caça} ~~uma busca~~ ^{robótica} por um tesouro escondido. Cada ~~um deles~~ ^{deles} teve absoluta certeza que sua arma estaria apenas com um cartucho de festim, não era culpado - mas

solidário com os companheiros, que precisavam mudar de vida e de cidade. As pessoas ^(na reunião estavam) presentes ^{agora} estavam animadas; Viscos era ^{meus} um lugar onde coisas diferentes e importantes finalmente aconteciam.

- A única arma que, podem ter certeza, estará carregada, será a minha, Pois eu não posso escolher para mim mesmo. Tampouco vou ficar com a minha parte do ouro; estou fazendo isso por outras razões.

O prefeito de novo não gostou da maneira como o padre falava. ^{Ele} estava fazendo com que os habitantes de Viscos ^{entendessem} que era um homem de coragem, de liderança,

generosidade, capaz de qualquer sacrificio. Se sua mulher estivesse ali, iria dizer que estava ^{se} preparando para ^{lançar-se candidato} as próximas eleições.

*"Ele não perde por esperar a chegada da segunda feira".
"Deixa segunda-feira chegar", pensou consigo mesmo. Iria*

baixar um decreto aumentando de tal maneira o imposto da igreja, que tornaria impossível para o padre permanecer ali. Afinal, era o único que não pretendia ficar rico.

- E a vítima? – perguntou o ferreiro.

- Ela virá – disse o padre. – Eu me encarrego. Mas preciso de mais tres pessoas comigo.

Como ninguém se apresentou, o padre escolheu tres homens fortes. Apenas um deles tentou dizer “não”, mas seus amigos o olharam, e ele mudou rapidamente de idéia. .

- E onde ofereceremos o sacrificio? – perguntou o dono das terras, dirigindo-se diretamente para o padre. O prefeito estava

perdendo rapidamente sua autoridade, e precisava recupera-la de imediato.

- Sou eu quem decide - disse, olhando com raiva para o dono das terras. - Não quero que o chão de Viscos fique marcado de sangue. Será amanhã, nesta mesma hora, ao lado do monolito celta. Tragam suas lanternas, lampiões, archotes, para que todos vejam bem onde estão apontando a espingarda, e não atirem na direção errada.

O padre desceu da cadeira - a reunião havia terminado. As mulheres de Viscos tornaram a ouvir os passos no calçamento, os homens retornando as suas casas, bebendo algo, olhando a janela, ou simplesmente caindo na cama, exaustos. O prefeito encontrou-se com a sua mulher, que contou o que tinha ouvido na casa de Berta, e o medo que tivera. Entretanto, depois de analisar ^F junto com a dona do hotel [✓] palavra por palavra do que fora dito, as duas chegaram à conclusão que a velha não sabia nada, ^{fora o} ~~era o~~ sentimento de culpa que as fizera pensar assim. "Fantasmas onde não existem, ^{como} ~~igual~~ ao lobo maldito" comentou.

O padre voltou à igreja, e passou a noite inteira em oração.

----- abui papuc -----

Em seu sonho, Chantal caminhava por uma estrada quando apareceu um anjo:

- Vim aqui para ajuda-la - disse o anjo. - Voce será uma mulher independente e rica, se agir como eu mandar.

135

- Nunca fiz nada tão bom que merecesse uma visita divina – disse Chantal. Você deve ter se enganado de pessoa.

Na mesma hora, o anjo despiu seu disfarce; era o demônio, e a moça tinha resistido à tentação, por causa da sua humildade.

Ela continuou caminhando; era uma paisagem árida, sem montanhas – apenas um horizonte todo igual. Pouco depois, apareceu um demônio na beira da estrada:

- Vim aqui ajuda-la – disse o demônio. – Sei onde tem água, e voce deve estar com sede. Sei como pode resolver o seu problema.

- Nunca fiz nada de tal mal que merecesse uma visita do diabo. Você deve ter-se enganado de pessoa.

Na mesma hora, o demônio despiu seu disfarce. Era um anjo, e a moça tinha resistido à sua ajuda, por causa de seu orgulho. ~~em-
aceitar que tinha ajudado a criar um grande problema.~~

Quando acordou, ela já tinha esquecido o sonho, e nunca mais iria se recordar.

Fez o seu café da manhã, com o pão comprado no dia anterior, já que no domingo a furgoneta não aparecia. Olhou pela janela, e viu que os habitantes de Viscos saíam de suas casas carregando uma arma de caça. Preparou-se para morrer; mas ninguém bateu à sua porta – ao contrário, passavam direto por sua porta, seguiam adiante, entravam na sacristia da igreja, e saíam de mãos vazias.

Desceu, foi até o hotel, e a dona lhe contou o que tinha acontecido na noite anterior.

- Mas o estrangeiro terá que mostrar o ouro - insistiu

Chantal.

- Claro. Ele acaba de sair com a mochila vazia.

Ela resolveu não passear na floresta aquele dia, nem passar diante da casa de Berta, com vergonha de olhá-la. Voltou para sua casa, ficou olhando as montanhas - pelo menos, aquela prisão tinha uma bela vista - e riu consigo mesma. Era uma mulher patética; pensar que desejava salvar o mundo, com um plano tão bobo. Nunca conseguiria nada - perdera todas as batalhas que a vida lhe colocara adiante.

(a partir daqui; sempre foi o computador, pois as células precisavam ser preenchidas)

Berta olhava o sol colocando-se atrás das montanhas, quando viu o padre e mais tres homens se aproximando. Ficou triste por duas coisas: sabia que sua hora havia chegado, e seu marido sequer aparecera para consolá-la, talvez com medo do que teria que escutar, talvez envergonhado de sua própria impotência em salvá-la.

Ficou contente também por duas coisas; ia finalmente encontrar-se com seu marido, e o último dia de sua vida tinha sido frio, mas cheio de sol e luz; não é todo mundo que tem o privilégio de partir com uma lembrança tão bela.

O padre fez um sinal para que os homens permanecessem à distância, e se aproximou sozinho.

137

- Boa tarde – disse ela. - Vejam como Deus é grande, e fez uma natureza tão linda.

“Vão me levar, mas eu deixarei aqui toda a culpa do mundo.”

- Voce não imagina o Paraíso – respondeu o padre, mas ela notou que sua flecha o havia atingido, e agora ele lutava para conservar a frieza.

- Não sei se é tão belo, sequer tenho certeza que existe; o senhor já esteve lá?

- Ainda não. Mas conheci o inferno, e sei que ele é terrível, embora pareça muito atraente do lado de fora.

Ela entendeu que ele se referia a Viscos.

- Está enganado, senhor padre. O senhor esteve no paraíso, e não o reconheceu. Como acontece, aliás, com a maioria das pessoas neste mundo; sentem-se mais confortáveis no sofrimento, porque pensam que não merecem a alegria.

O padre não respondeu.

- Faz muito tempo que ninguém vinha conversar comigo, e agora parecem que todos descobriram que eu existo. Imagine o senhor que, ontem a noite, a dona do hotel e a mulher do prefeito deram a honra de me visitar. Hoje, o pároco da aldeia faz a mesma coisa – será que eu me tornei uma pessoa muito importante?

- Muito – disse o padre. – A mais importante da aldeia.

- Recebi alguma herança?

- Dez barras de ouro. Seus herdeiros lhe agradecerão pelas gerações futuras. É possível, até mesmo, que façam uma estátua em sua homenagem.

- Prefiro uma fonte; além de enfeitar, sacia a sede dos que chegam, e acalma os que estão preocupados.

- Será construída uma fonte. Tem minha palavra.

Berta achou que já era tempo de parar com o diálogo paralelo.

- Já sei de tudo, padre. O senhor está condenando uma mulher inocente, que não pode lutar por sua vida. Maldito seja o senhor, esta terra, e todos os seus habitantes.

- Maldito seja – concordou o padre. – Durante mais de vinte anos, eu tentei abençoar esta terra, mas ninguém ouviu os meus apelos. Durante os mesmos vinte anos, eu tentei trazer o bem para o coração dos homens, até entender que Deus me havia escolhido para ser o seu braço esquerdo, e mostrar o mal de que são capazes. Talvez assim, eles se assustem, e se convertam.

Berta tinha vontade de chorar, mas controlou-se.

- Belas palavras, nenhum conteúdo. Apenas uma explicação para a crueldade e a injustiça.

- Ao contrário de todos os outros, não estou fazendo isso por dinheiro. Sei que este é um ouro maldito, como esta terra, e não trará felicidade para ninguém. Faço porque Deus me pediu. Melhor dizendo: me ordenou, respondeu as minhas preces.

139

Inútil discutir, pensou Berta, enquanto o padre colocava a mão no bolso e tirava alguns comprimidos.

- A senhora não vai sentir nada, disse. Vamos entrar.

- O senhor, ou ninguém desta aldeia, tornará a pisar na minha casa enquanto eu estiver viva. Talvez hoje no final da noite a porta esteja aberta, mas agora não.

O padre fez acenou para um dos homens, que se aproximou com uma garrafa de plástico.

- Tome estes comprimidos. Irá dormir pelas próximas horas. Quando acordar, estará no céu, junto de seu marido.

- Sempre estive junto de meu marido. E nunca tomei comprimidos para dormir, apesar de sofrer de insônia.

- Melhor assim; farão efeito quase imediato.

O sol já se havia escondido, as sombras começavam a cair rapidamente sobre o vale, a igreja, a cidade.

- E se eu decidir não tomar?

- Tomará de qualquer maneira.

Ela olhou os homens que acompanhavam o padre, e entendeu que ele dizia a verdade. Pegou os comprimidos, colocou-os na boca, e bebeu a garrafa inteira. Água, sem gosto, sem cheiro, sem cor, e - no entanto - a coisa mais importante do mundo. Igual a ela, naquele momento. Olhou mais uma vez as montanhas, agora já cobertas de sombra. Viu a primeira estrela surgir no céu, e lembrou-se que tivera uma vida boa, cheia de estrelas na terra. Nasceu e morreu num lugar

que amava, embora o contrário não fosse verdadeiro – mas que importância tinha isso? Amar era entregar-se sem pedir nada em troca.

Tinha sido feliz. Jamais conhecera um outro país, mas sabia que ali, em Viscos, se passavam as mesmas coisas que aconteciam em todos os lugares do mundo. Perdera o marido que amava, mas Deus lhe concedera a benção de continuar ao seu lado, mesmo depois de morto. Vira o apogeu da aldeia, presenciara o início de sua decadência, e ia embora antes de ver destruído por completo o lugar que tanto queria. Conhecera os homens com seus defeitos e suas virtudes, acreditava que, apesar de tudo que lhe acontecia agora, a honrade humana ia terminar prevalecendo no final.

Teve pena do padre, do prefeito, da senhorita Prym, do estrangeiro, de cada um dos habitantes de Viscos; o mal jamais traria o bem, embora eles quisessem acreditar nisso. Quando descobrissem a realidade, seria tarde demais.

Carregava um único arrependimento na vida: jamais ter visto o mar. Sabia que ele existia, que era imenso, furioso e calmo ao mesmo tempo, mas nunca pudera ir até onde o mar se encontrava, colocar um pouco de água salgada em sua boca, sentir a areia em seus pés descalços, mergulhar na água fria, como quem volta ao ventre da Grande Mãe.

Bem, ela tivera quase tudo; não havia muito do que reclamar. Estava triste, muito triste, por ter que partir assim, mas não queria

147

sentir-se uma vítima. Com certeza Deus a escolhera para aquele papel, e era muito que a escolha que Ele fizera para o padre.

- Quero lhe falar sobre o bem e o mal – escutou-o dizer, ao mesmo tempo que sentia uma espécie de torpor nas mãos e nos pés.

- Não precisa. O senhor não conhece o bem. Foi envenenado pelo mal que o causaram, e agora espalha esta peste sobre a nossa terra.

Mal escutou suas últimas palavras. Olhou para a estrela, e fechou os olhos.

O estrangeiro foi até o banheiro do seu quarto, lavou cuidadosamente cada uma das barras de ouro, e tornou a recoloca-las na mochila velha e surrada. Há dois dias saíra completamente de cena, e agora, finalmente, chegava ao ato final – era preciso reaparecer de novo.

Tudo havia sido cuidadosamente planejado, desde a escolha da cidade isolada, com poucos habitantes, até o fato de ter que escolher um cúmplice, de modo que – se as coisas dessem errado - ninguém jamais o pudesse acusar de incentivar um crime. O gravador, a recompensa, os passos cuidadosos, a primeira etapa onde faria amizade com os habitantes, a segunda etapa, quando semearia o terror e a confusão. Como Deus fizera com ele, ele faria com os outros. Como Deus o dera o bem para depois jogá-lo num abismo, ele repetiria isso.

Bateram na porta.

- Vamos logo - escutou a voz da dona do hotel. - Está na hora.

- Estou descendo.

Pegou o casaco, vestiu-o, e encontrou-se com ela no bar.

- Estou com o ouro - disse. - Mas, para evitar mal entendidos, espero que saiba que algumas pessoas conhecem o meu paradeiro. Se resolverem mudar de vítima, pode ter certeza que a polícia virá me procurar aqui; a senhora mesmo me viu dar muitos telefonemas.

Também isso tinha sido planejado. Enfim, os anos que passara lidando com os homens, lhe permitira ter experiência de cuidar de cada coisa nos mínimos detalhes.

Apenas uma coisa não estava dando certo; o resultado. Tinha conseguido o que queria provar, e isso o deixava mais infeliz ainda, um novo tormento que carregaria pelo resto de sua vida.

Mas agora era tarde; não podia mudar de idéia.

O monolito celta ficava a meia-hora de caminhada de Viscos. Durante muitos séculos, os homens achavam que era apenas uma pedra diferente, grande, polida pela chuva e pelo gelo, - que antes estivera de pé, e fora derrubada por algum raio. Ahab costumava reunir o conselho da cidade ali, porque a rocha servia de mesa natural ao ar livre.

Até que o governo enviou um grupo para fazer o recenseamento do vale, e alguém notou o monumento. Logo vieram os arqueólogos, mediram, calcularam, discutiram, escavaram, e chegaram a conclusão que um grupo celta tinha eleito aquele sítio como uma espécie de lugar sagrado. Quando foi eleito, o prefeito tentou atrair o turismo, falar da herança celta dos habitantes de Viscos, mas as trilhas eram difíceis, e havia apenas uma pedra caída, quando outras aldeias do vale tinham esculturas, inscrições, coisas muito mais interessantes. Em pouco tempo, o monólito voltara a sua função mais recente: servir de mesa, nos finais de semana, para os pique-niques no local.

Naquela tarde, algumas discussões aconteceram em várias casas de Viscos, todas pelo mesmo motivo; os maridos queriam ir sózinhos, as mulheres exigiam acompanhá-los. Eles argumentavam que era perigoso, elas diziam que nunca tinham visto nada semelhante, e jamais tomariam a ver. Os maridos terminaram cedendo, e as mulheres comemorando.

A procissão dirigia-se para o local, formando uma corrente de 281 pontos luminosos, porque o estrangeiro carregava um archote, e Berta não levava nada – de modo que o número de habitantes continuava sendo representado com exatidão. Cada um dos homens tinha um lampião ou lanterna numa das mãos, e uma espingarda de caça na outra, dobrada ao meio, de modo que não pudesse disparar acidentalmente.

Berta era a única que não precisava andar; dormia placidamente numa espécie de maca improvisada, que dois lenhadores carregavam com muita dificuldade. “Ainda bem que não vamos precisar trazer este peso de volta” pensava um deles. “Porque ele seria triplicado”.

Calculou que cada cartucho devia conter, geralmente, seis pequenas esferas de chumbo. Se todas as espingardas carregadas acertassem o alvo, aquele corpo seria atingido por 522 pedaços, e no final haveria mais metal do que sangue.

O homem sentiu seu estômago embrulhar. Não devia pensar em mais nada, só na segunda-feira.

Ninguém conversou durante o trajeto. Ninguém se olhou nos olhos, como se aquilo fosse uma espécie de pesadelo que estavam dispostos a esquecer o mais breve possível. Chegaram todos arquejando – mais de tensão que de cansaço – e formaram um gigantesco semi-círculo de luzes na clareira onde estava o monolito.

O prefeito fez um sinal, os lenhadores desamarraram Berta da maca e a colocaram, dormindo, deitada no monolito.

- Ai não dá – reclamou o ferreiro, lembrando dos filmes de guerra, com soldados rastejando no chão. – Fica difícil acertar numa pessoa deitada.

Os lenhadores retiraram Berta, e a colocaram sentada no chão, com as costas apoiadas no monolito. Parecia a posição ideal, mas de repente ouviu-se um soluço e uma voz de mulher.

- Não a deixem de frente para nós – pedia. – Não a deixe ver o que estamos fazendo.

Claro que Berta não estava vendo nada, mas era insuportável olhar aquela senhora de ar bondoso, dormindo com um sorriso satisfeito nos lábios, que em breve seria crivada de chumbo.

- Coloquem-na de costas – ordenou o prefeito, que também estava incomodado com aquela visão.

Resmungando, os lenhadores foram mais uma vez até o monólito, viraram o corpo, deixando-o ajoelhado no chão, com o rosto e o peito apoiados na pedra. Aconteceu que era impossível mantê-lo firme nesta posição, de modo que foi preciso colocar uma corda nos seus pulsos, passar a corda por cima da parte superior do monumento, e prendê-la com do outro lado.

A posição agora era grotesca: a mulher ajoelhada, de costas, com os braços estendidos por cima da pedra, como se estivesse rezando e implorando algo. Alguém pensou em reclamar de novo, mas o prefeito disse que já era hora de terminar com a tarefa.

Quando mais rápido, melhor. Sem discursos, pronunciamentos, justificativas; tudo isso podia ficar para segunda-feira, no bar, nas ruas, nas conversas entre os pastores e agricultores. Com toda certeza, uma das três saídas de Viscos deixaria de ser usada por muito tempo, já que todos estavam acostumados com a velha ali sentada, olhando as montanhas e falando sozinha. Entretanto a cidade

tinha mais duas saídas, e um pequeno atalho, com uma escada improvisada, que dava para a estrada logo abaixo.

- Vamos acabar logo com isso – disse o prefeito, contente porque via que o padre já não opinava mais nada, e sua autoridade tinha sido restabelecida. – Alguém no vale pode ver estas luzes, e querer verificar o que está acontecendo. Preparem suas espingardas, disparem, e vamos embora.

Assim, sem solenidades. Cumprindo um dever, como bons soldados que defendiam sua cidade. Sem discursos, discussões, dúvidas – era uma ordem, e seria obedecida.

E, de repente, o prefeito não apenas entendeu o silêncio do padre, como teve certeza que caíra numa armadilha. A partir de agora, se algum dia a história transpirasse, todos poderiam dizer o que diziam os assassinos durante as guerras, que estavam cumprindo ordens. O que passava, agora, no coração daquelas pessoas? Que ele era um canalha ou um salvador?

Não podia fraquejar, justamente no momento em que viu escutou o ruído das espingardas sendo desdobradas, o cano encaixando perfeitamente no coldre. Imaginou o ruído que 174 armas iriam fazer, mas, se aparecesse alguém para ver o que estava acontecendo, já estariam longe dali; pouco antes de começarem a subida, ele dera a ordem para que apagassem todos os lampiões na volta. Já conheciam o caminho de cor, a luz era apenas necessária para evitar acidentes na hora dos tiros.

Instintivamente, as mulheres recuaram, e os homens apontaram em direção ao corpo inerte, a uns cinquenta metros de distância. Não podiam errar, eram educados desde crianças para atirar em animais em movimento, e passaros voando.

O prefeito preparou-se para dar a ordem de disparar.

- Um momento! – gritou uma voz feminina.

Era a senhorita Pym.

- E o ouro? Vocês já viram o ouro?

As espingardas foram abaixadas, mas continuavam armadas. Não, ninguém tinha visto o ouro. Todos se viraram para o estrangeiro.

Este caminhou, lentamente, para a frente das armas. Colocou a mochila no chão e começou a retirar, uma a uma, as barras de ouro.

- Aí está – disse, voltando para o seu lugar, numa das extremidades do semi-círculo.

A senhorita Pym foi até o local onde as barras estavam, e pegou uma delas.

- É ouro – disse. – Mas quero que se certifiquem. Que venham aqui nove mulheres, e cada uma examine as barras que ainda estão no chão.

O prefeito começava a ficar nervoso, mas nove mulheres – inclusive a sua – foram até onde a senhorita Pym estava, e fizeram o que ela pedia.

- Sim, é ouro – disse a mulher do prefeito, verificando com cuidado o que tinha nas mãos, e que era mais pesado do que julgava. – Vejo que tem um selo do governo, um número que deve indicar a série, a data em que foi fundida, e o peso. Não estamos sendo enganados.

- Pois fiquem segurando isso, enquanto escutam o que vou dizer.

- Não é hora de discursos, senhorita Prym – disse o prefeito. Saiam todos da linha de tiro

- Cale a boca, seu idiota!

O grito de Chantal assustou a todos. Ninguém imaginava que qualquer pessoa, em Viscos, pudesse dizer o que acabavam de ouvir.

- A senhorita está louca?

- Cale a boca! – gritou ela, mais forte ainda, tremendo da cabeça aos pés, os olhos contorcidos de ódio. - O senhor é que é louco, que caiu nesta armadilha, que nos conduziu para a condenação e a morte! O senhor é que é um irresponsável!

O prefeito avançou em direção a ela, mas foi contido por dois homens.

- Vamos escutar o que esta moça tem a dizer! – gritou uma voz na multidão. – Dez minutos não farão nenhuma diferença!

Dez, cinco minutos faziam muita diferença, e cada uma das pessoas, homens ou mulheres, sabia disso. A medida que se confrontavam com a cena, o medo ia crescendo, a culpa ia se espalhando, a vergonha começava a tomar conta, e as mãos a tremer.

Enquanto subiam, cada um queria acreditar que carregava uma arma com tiro de festim, e logo tudo estaria terminado. Agora, tinham medo de que do cano de sua espingarda saísse projeteis verdadeiros, e o fantasma daquela velha – que tinha fama de bruxa – viesse assombra-los de noite. Ou que alguém falasse. Ou que o padre não tivesse feito o que prometera, e todos ali fossem culpados.

- Cinco minutos disse o prefeito, procurando fazer com que todos acreditassem que ele estava dando permissão, quando na verdade a moça conseguira impor suas regras.

- Falarei o tempo que quiser – disse Chantal, que parecia haver recuperado a calma, e agora falava com uma autoridade nunca vista. – Mas não será muito. É curioso ver o que está acontecendo agora, principalmente porque todos nós sabemos que, na época de Ahab, costumavam passar pela cidade homens que diziam ter um pó especial, capaz de transformar chumbo em ouro. Chamavam a si mesmo de alquimistas, e pelo menos um deles provou que estava falando a verdade, quando Ahab o ameaçou de morte.

“Hoje vocês estão querendo fazer a mesma coisa: misturar o chumbo com sangue, certo de que ele se transformará neste ouro que estamos segurando. Por um lado, tem toda razão. Por outro, assim como o ouro chegou rápido as mãos de cada um, rapidamente sairá delas.

O estrangeiro não estava entendendo o que a moça dizia. Mas sentia que, no fundo de sua alma, a luz esquecida tornava de novo a brilhar.

- Todos na escola aprendemos uma lenda famosa: a do rei Midas. Um homem que encontrou um deus, e o deus lhe ofereceu qualquer coisa que quisesse. Midas já era um homem muito rico, mas queria mais dinheiro, e pediu para que tudo que tocasse se transformasse em ouro.

“Deixe-me recorda-los do que aconteceu: primeiro, Midas transformou em ouro seus moveis, seu palácio, tudo que o cercava. Trabalhou uma manhã inteira, e passou a ter um jardim de ouro, árvores de ouro, escadarias de ouro. Ao meio-dia sentiu fome, e quis comer. Mas, quando tocou na succulenta perna de carneiro que seus empregados haviam preparado, ela também transformou-se em ouro. Levantou um copo de vinho, e este logo transformou-se em ouro. Desesperado, correu até a mulher, pedindo que o ajudasse, pois entendia o erro que havia cometido; quando tocou em seu braço, ela virou uma estátua dourada.

“Os empregados saíram correndo dali, com medo que acontecesse a mesma coisa com eles. Em menos de uma semana, Midas havia morrido de fome e de sede, cercado de ouro por todos os lados”

- Por que nos conta esta história? – perguntou a mulher do prefeito, já deixando a barra no chão e voltando para o lado do marido.

- Acaso algum deus veio até Viscos e nos deu este poder?

- Conto esta história por uma simples razão; o ouro, em si mesmo, não vale nada. Absolutamente nada. O que vale é o dinheiro; e como vamos transformar este ouro em dinheiro?

151

“Podemos fazer duas coisas: pedir que o ferreiro derreta estas barras, divida em 280 pedaços iguais, e cada um irá até a cidade trocá-lo por dinheiro. Na mesma hora, levantaremos a suspeita das autoridades, porque não existe ouro neste vale, e é muito estranho que todos os habitantes de Viscos apareçam com uma pequena barra. As autoridades desconfiarão. Nós diremos que achamos um antigo tesouro celta. Uma rápida pesquisa dirá que o ouro foi recém-fundido, que escavações já foram feitas aqui, e que os celtas não tinham ouro nesta quantidade, ou teriam erigido uma grande e luxuosa cidade no local.

- Você é uma menina ignorante – disse o dono da terras. – Levaremos as barras exatamente como estão, com selo do governo e tudo. Trocaremos num banco, e dividiremos o dinheiro entre nós.

- Esta era a segunda coisa. O prefeito pega as dez barras de ouro, vai até o banco, e pede para que sejam trocadas por dinheiro. O caixa do banco não irá fazer as perguntas que faria, se todos nós aparecessemos com uma barra para trocar; apenas pedirá os documentos da compra do ouro. O prefeito dirá que não os tem, mas que – como diz sua mulher – ali está o carimbo do governo, e é verdadeiro. Ali está a data, e o número de série.

“A esta altura, o homem que nos deu o ouro já estará longe daqui. O caixa irá pedir um certo tempo, pois, embora conheça o prefeito, precisa de autorização para liberar o dinheiro. Vão começar a perguntar como o ouro apareceu. O prefeito dirá que foi o presente de

um estrangeiro – afinal, o nosso prefeito é inteligente, e tem resposta para tudo.

“Então, depois do caixa falar com o gerente, este – embora não suspeite de nada, tampouco quer correr riscos desnecessários – telefona para confirmar a origem do ouro. E o que pode descobrir? Que este ouro foi dado como roubado.

Ela deu uma pausa.

- Porque este ouro tem número de série. Data. Este ouro é facilmente identificável.

Todos olharam para o estrangeiro, que se mantinha impassível.

- Não adianta perguntar nada a ele – disse Chantal.

Teremos que confiar que está dizendo a verdade, e um homem que pede para que um crime seja cometido, não merece confiança.

- Podemos prendê-lo aqui, até que o metal seja transformado em dinheiro – disse o ferreiro.

O estrangeiro acenou com a cabeça em direção à dona do hotel.

- Ele é intocável. Deve ter amigos poderosos. Telefonou na minha frente para várias pessoas, reservou passagens; se sumir, saberão que foi sequestrado, e virão até Viscos procurá-lo.

Chantal deixou sua barra de ouro no chão, e saiu da linha de tiro. As outras mulheres fizeram o mesmo.

- Podem disparar, se quiserem. Mas, como eu sei que isso é uma armadilha do estrangeiro, não vou compartilhar deste crime.

- Voce não pode saber nada! – disse o dono das terras.

Chantal ignorou-º

- Se eu estiver certa, em breve o prefeito estará atrás das grades, e as pessoas virão até Viscos saber de quem ele roubou este tesouro. Alguém terá que explicar alguma coisa, e não serei eu.

“Mas prometo ficar calada; direi apenas que não sei o que houve. Além do mais, o prefeito é um homem que conhecemos - ao contrario do estrangeiro, que parte de Viscos amanhã. Pode ser que assuma a culpa sózinho, diga que roubou de um homem que aparceu em Viscos, e se hospedou no hotel durante uma semana. Ele será considerado um herói, o crime jamais será descoberto, e todos nós continuaremos a viver nossas vidas. Mas, de uma maneira ou de outra, sem o ouro.”

- Eu farei isso! – disse o prefeito, sabendo que tudo aquilo era uma invenção daquela louca. Entretanto, já escutava o primeiro ruído de uma espingarda sendo dobrada de novo.

- Confiam em mim! Eu aceito o risco!

Mas a resposta era outro ruído, e mais outro, e os ruídos pareciam contagiar uns aos outros, até que quase todas as espingardas tinham sido dobradas. Apenas as do prefeito e do padre permaneciam com o cano em posição de disparo; uma apontava para a senhorita Pryn, outra apontava para Berta. Mas o lenhador - que antes imaginara

o número de chumbos atravessando o corpo da velha – notou o que estava acontecendo, foi até lá, e arrancou-as das mãos dos dois. O prefeito não era louco para cometer um crime só por vingança; o padre não tinha experiência com armas, e possivelmente erraria o tiro – entretanto, como dissera a senhorita Pym, confiar nos outros é muito arriscado.

Apenas tres pessoas e dois lampioes estavam na clareira.

- Eis o ouro da sua aldeia disse o estrangeiro para Chantal.

- Não é da minha aldeia: é meu. Assim como a barra que está junto a pedra em Y. E voce irá comigo transformar este ouro em dinheiro; não confio em nada do que disse.

- Mas confia em um coisa: sabe que o homem é mau; apenas tem medo de cometer os crimes que sempre desejou.

- Lembra-se que, quando São Savin chegou na casa do bandido Ahab pedindo para dormir, eles conversaram um pouco antes?

“Ahab começou a afiar seu punhal assim que o santo entrou. Certo de que o mundo era um reflexo de si mesmo, resolveu desafia-lo, e perguntou:

“Se hoje entrasse aqui uma das belas prostitutas que circulam pela cidade, voce conseguiria pensar que ela não era bela e sedutora? ”

“Não. Mas eu conseguiria me controlar,” respondeu o santo.

“E se eu lhe oferecesse muitas moedas de ouro para que deixasse a montanha e se juntasse a nós, voce conseguiria olhar este ouro como se fosse pedras?”

“Não. Mas eu conseguiria me controlar.”

“E se fosse procurado por dois irmãos, um que o detesta, outro que vê em voce um santo, voce conseguiria achar que os dois são iguais?”

“Mesmo sofrendo, eu trataria ambos da mesma maneira.”

Chantal deu uma pausa.

- Dizem que este diálogo foi importante para que Ahab aceitasse ser convertido.

O estrangeiro não precisava que Chantal lhe explicasse a história; Savin e Ahab tinham os mesmos instintos – o bem e o mal lutavam por deles, como lutavam por todas as almas sobre a face da Terra. Quando Ahab entendeu que Savin era igual a ele, também entendeu que ele era igual a Savin.

Nada além disso.

22/1/2000 23:58 hs.